

ALEXANDRE MANUEL CORREIA DA SILVA

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO
POR DENTRO DA SELECÇÃO NACIONAL
DE FUTEBOL SUB-21 (2010-2012)**

Orientador: Jorge Fernando Ferreira Castelo

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Educação Física e Desporto

Lisboa

2014

ALEXANDRE MANUEL CORREIA DA SILVA

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO
POR DENTRO DA SELECÇÃO NACIONAL
DE FUTEBOL SUB-21 (2010-2012)**

Relatório de estágio apresentado para obtenção do Grau de Mestre no Curso de Mestrado em Treino Desportivo – especialização em Alto Rendimento na área do futebol, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Orientador: Prof. Doutor Jorge Fernando Ferreira Castelo

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Educação Física e Desporto

Lisboa

2014

Success is peace of mind which is direct result of self-satisfaction in knowing you made the effort to become the best of which you are capable.

John Wooden

Agradecimentos

A elaboração deste relatório de estágio não teria sido possível sem um conjunto de valiosos contributos. Deste modo, não poderia deixar de agradecer:

À Faculdade de Educação Física e Desporto da Universidade Lusófona, proporcionando aos seus discentes uma elevada qualidade de ensino ao longo do curso de mestrado, mas também, por possuir um corpo docente com uma elevada experiência e qualidade na transmissão dos conteúdos e temáticas essenciais.

É incontornável o agradecimento à equipa técnica da selecção nacional sub21, à qual muito me orgulho de pertencer, nas pessoas de Rui Jorge, Romeu Almeida e Fernando Brassard, bem como a todos os jogadores que contribuíram com o seu esforço e dedicação, possibilitando-me um conjunto de experiências e vivências que me marcaram de modo tão significativo que jamais poderei esquecer no quadro do meu enriquecimento profissional e humano.

Por fim ao meu orientador Prof. Jorge Castelo, pela sua sapiência, contributo e influência decisiva na minha forma de observar e analisar o fenómeno futebol, bem como, à sua orientação, acompanhamento e elevada disponibilidade na elaboração deste relatório de estágio.

Resumo

O contexto de uma Selecção Nacional de futebol é caracterizado por um conjunto de constrangimentos próprios no quadro do treino desportivo, divergindo dos Clubes no que se refere à conceptualização do modelo de jogo, à conceptualização e operacionalização do modelo de treino e à conceptualização e operacionalização do modelo de observação e análise, devendo os últimos apresentarem-se congruente e específicos do primeiro. Este relatório visa o efectuar de uma análise profunda e reflexiva de todos os processos inerentes à construção e desenvolvimento de uma Selecção Sub21 e da sua forma de jogar, de modo a ir de encontro aos objectivos do jogo de futebol. Os métodos específicos de treino parecem ser os preferenciais com vista a operacionalizar o modelo de jogo conceptualizado, representando os exercícios de sectores e intersectoriais cerca de 25% do tempo total de treino. A conceptualização e operacionalização do modelo de treino a partir de uma dimensão diagonal parece potenciar os efeitos de uma adaptação e afinamento mais profundos e sustentados no tempo, ou seja a interligação dos métodos de treino, segundo uma relação lógica e sistemática, dentro da sessão de treino ou de sessões consecutivas, parecem ter um maior efeito que todos os outros quando conceptualizados e aplicados isoladamente.

Palavras chave: Futebol, Selecção, Planeamento, Modelo, Métodos, Observação/análise

Abstract

A National Team context is characterized by a number of specific constraints within high level football training, differing from the Club one with regards to the conceptualization of the model of play, the conceptualization and operationalization of the model of training and the conceptualization and operationalization of the model of scouting. The latter ones must be congruent and specific of the former. This report intends to make an in-depth and reflexive analysis of all the processes inherent to the making and development of an Under21 National Team and its way of playing in order to reach the goals of a football match. The specific training methods appear to be the most valued in operationalizing the conceptualized model of play, with the sectorial and intersectorial drills representing about 25% of the total training time. The conceptualization and operationalization of the model of training from a diagonal dimension seems to maximize the effects of a profound adaptation and tuning that are also sustained in time. In other words the interrelation of the training methods, through a logic and systematic relationship, within the training session or through consecutive sessions, appear to have a superior effect than the others when conceptualized and trained separately.

Key words: Football, National Team, Planning, Training Methods, Scouting

Résumé

Le contexte des équipes nationales de football se caractérise par un ensemble de contraintes dans le cadre de la formation sportive, divergeant du club en relation avec la conceptualisation du modèle de jeu, la conceptualisation et l'opérationnalisation du modèle de formation et la conceptualisation et l'opérationnalisation du modèle d'observation et d'analyse, ce qui devrait fournir une grande cohérence. Ce rapport vise à procéder à une analyse approfondie et réfléchie de tous les processus impliqués dans la construction et le développement de la sélection nationale de U21 (Espoirs), leur style de jeu afin de répondre aux objectifs proposés. Les méthodes d'entraînement spécifiques semblent être préférées afin d'exploiter le modèle de jeu conceptualisé étant représenté par les méthodes d'entraînement sectorielle et intersectorielle à environ 25% du temps total de formation. La conceptualisation et l'opérationnalisation du modèle d'entraînement à partir d'une dimension diagonale semble potentialiser les effets de l'adaptation et de raffinement profond et soutenu dans le temps, c'est à dire l'interconnexion des méthodes d'entraînement, dans une relation logique et systématique dans la session d'entraînement ou des sessions consécutives semblent avoir un effet plus grand que tous les autres quand conceptualisé et mise en œuvre séparément.

Mots-clés: Football, Sélection Nationale, Planification, Méthodes d'Entraînement, Scouting

Abreviaturas, siglas e símbolos

FIFA - Fédération Internationale de Football Association

FPF – Federação Portuguesa de Futebol

IFAB - International Football Association Board

UEFA – Union of European Football Associations

GR – Guarda-redes

MD – Médio defensivo (ou jogador da posição 6)

MI – Médio interior

MO – Médio ofensivo (ou jogador da posição 10)



- Jogador equipa A



- Guarda-redes equipa A



- Jogador equipa B



- Guarda-redes equipa B



- Jogador equipa B com funções diferenciadas dos colegas



- Treinador



- Elemento do staff



- Baliza amovível



- Estaca



- Boneco amovível



- Meco



- Bola



- Passe



- Deslocamento



- Condução



- Jogador demarcado



-Zona demarcada

Índice

Capítulo 1. REVISÃO DA LITERATURA	23
1. Contexto Institucional da Federação Portuguesa de Futebol.....	24
1.1. Fundação	24
1.2. Missão	24
1.3. Valores	25
1.4. Objectivos.....	25
1.5. Breve Historial	26
1.6. Estruturas Técnicas de Futebol Masculino do Departamento Técnico (2010/2012) .	30
2. Selecção Sub21 de Portugal.....	32
2.1. Estatística Total de Jogos Disputados	33
2.2. Historial dos Campeonatos da Europa Sub21	34
2.3. Palmarés dos Campeonatos da Europa Sub21	36
2.4. Regulamento Actual do Campeonato da Europa Sub21	37
2.5. Qualificações Disputadas	42
2.6. Campeonatos da Europa Disputados.....	43
2.7. Análise da Participação nos dois Últimos Campeonatos da Europa de Sub21	43
2.7.1. Campeonato da Europa de 2009.....	43
2.7.2. Campeonato da Europa de 2011.....	44
2.8. Conclusões a retirar da análise das equipas que se qualificaram para os “Play-offs”	45
3. Modelo de Jogo.....	46
4. Modelo de treino	61
5. Modelo de Observação e Análise	74
Capítulo II – Método	81
1. Objectivos	82
2. Amostra.....	82
3. Procedimentos.....	82
4. Cientificidade.....	83
5. Limitações.....	84
Capítulo III – Apresentação e Discussão de Resultados	86

1. Caracterização do Contexto da Selecção Sub21	87
1.1. Escolha de um espaço de afirmação.....	89
1.2. Tempo de utilização em competição	90
1.3. Qualidade do planeamento e do processo de treino	90
1.4. Competências do Treinador	91
1.5. Colegas e Adversários.....	91
1.6. Dirigentes e Secretários Técnicos	92
1.7. Sócios/adeptos.....	92
1.8. Média.....	92
2. Jogadores Convocados.....	93
3. Calendarização das Competições.....	94
3.1. Calendarização e definição dos jogos oficiais.....	95
3.2. Sorteio da Fase de Qualificação	96
3.3. Calendarização e definição dos jogos particulares.....	98
3.4. Definição de Local de Competição	99
3.5. Escolha do Horário de Competição.....	100
3.6. Escolha de Local de Estágio.....	100
3.7. Definição de Viagens e Planos de Voo	101
3.8. Relacionamento com outras Federações	101
3.8.1. Solicitação de informações.....	101
3.8.2. Solicitação de Jogos	102
3.9. Plano de Preparação para o Campeonato da Europa 2013 Israel	103
4. Convocatórias de Jogos de Preparação e Jogos Oficiais	105
4.1. Critérios das convocatórias	105
4.1.1. Qualidade dos jogadores	106
4.1.2. Utilização/assiduidade.....	106
4.1.3. Nível competitivo.....	106
4.1.4. Necessidades táctico-estratégicas.....	107
4.1.5. Rendimento dos jogadores em clube.....	107
4.1.6. Rendimento dos jogadores na Selecção Sub21	107

4.2. Definição da Convocatória.....	107
4.3. Análise das Convocatórias	108
5. Equipa Técnica da Selecção Sub21	109
6. Staff da Selecção Sub21	109
7. Análise da Participação no Campeonato da Europa de 2013	110
8. Objectivos da Selecção Sub21	113
9. Particularidades do Campeonato Português.....	114
10. Particularidades da Geração Euro 2013.....	118
11. Promoção de jogadores à Selecção AA	125
12. Conceptualização do Modelo de Jogo	127
13. Conceptualização e Operacionalização do Modelo de Treino.....	158
13.1. Número e Tipo de Estágios	158
13.2. Número e Tipo de Microciclos e Sessões de Treino	161
13.2.1. Microciclo Padrão de 3 dias com 1 Competição.....	164
13.2.2. Microciclo Padrão 10 dias 2 Competições	166
13.3. Métodos de Treino	174
13.3.1. Dimensão Horizontal.....	174
13.3.2. Dimensão Vertical.....	175
13.3.3. Dimensão Diagonal	182
14. Conceptualização e Operacionalização do Modelo de Observação e Análise	195
14.1. Observação e análise de jogadores seleccionáveis em contexto de Clube.....	197
14.2. Observação de jogadores seleccionáveis em contexto de Selecção	199
14.3. Observação e análise da Selecção Sub21	201
14.4. Observação e análise de Selecções adversárias.....	201
14.5. Planeamento e calendarização das observações.....	203
14.6. Ferramentas utilizadas no processo de observação e análise	204
14.6.1. Pesquisas e obtenção de informações sobre jogadores seleccionáveis e de jogadores e selecções adversárias	204
14.6.2. Pesquisa e visualização de jogos de jogadores seleccionáveis e jogadores adversários e de selecções adversárias	205
14.6.3. <i>Softwares</i> de edição e análise de vídeo e preparação de sessões de vídeo.....	205

Capítulo IV – Conclusões.....	207
-------------------------------	-----

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Palmarés em Competições Oficiais	28
Tabela 2 - Estrutura Técnica 2010/2011.....	30
Tabela 3 - Estrutura Técnica 2011/2012.....	30
Tabela 4 - Estrutura Técnica 2012/2013.....	31
Tabela 5 - Resultados da Selecção Sub21 de Portugal	34
Tabela 6 - Palmarés Campeonatos da Europa Sub21	36
Tabela 7 - Selecções qualificadas para os “Play-offs” do Campeonato da Europa Sub21 de 2009	44
Tabela 8 - Selecções que terminaram a fase de grupos da fase de qualificação do.....	44
Tabela 9 - Tabela 6 - Selecções qualificadas para os “Play-offs” do Campeonato da Europa Sub21 2011	45
Tabela 10 - Selecções que terminaram a fase de grupos da fase de qualificação do.....	45
Tabela 11 - Datas FIFA 2010/2011 a 2012/2013	94
Tabela 12 - Datas para jogos da fase de grupos da qualificação para o Campeonato da Europa 2013	95
Tabela 13 - Datas para jogos da fase de grupos da qualificação para o Campeonato da Europa 2013	95
Tabela 14 - Datas destinadas a jogos internacionais particulares.....	95
Tabela 15 - Plano de preparação para o Campeonato da Europa Sub21 2013.....	103
Tabela 16 - Selecções qualificadas para os “Play-offs” do Campeonato da Europa Sub21 de 2013	110
Tabela 17 - Selecções que terminaram a fase de grupos da fase de qualificação do Campeonato da Europa.....	111
Tabela 18 - Estatística de resultados entre Novembro de 2010 e Setembro de 2012.....	112
Tabela 19 - Jogos e resultados entre Novembro de 2010 e Setembro de 2012	112

Índice de Gráficos

Gráfico 1 - Média de minutos disputados em clube no período entre 01/07/2010 e 11/09/2012 dos jogadores utilizados na fase de grupos da fase de qualificação para o Campeonato da Europa Sub21 2013	121
Gráfico 2 - Média de minutos disputados em clube em campeonatos de 1ª Liga no período entre 01/07/2010 e 11/09/2012 dos jogadores utilizados na fase de grupos da fase de qualificação para o Campeonato da Europa Sub21 2013	122
Gráfico 3 - Média de minutos disputados em clube nas competições europeias no período entre 01/07/2010 e 11/09/2012 dos jogadores utilizados na fase de grupos da fase de qualificação para o Campeonato da Europa Sub21 2013	123
Gráfico 4 - Número de dias de estágio por estágio efectuado	159
Gráfico 5 - Dias de estágio discriminados entre o seu total e os dias para treino	159
Gráfico 6 - Dias de estágio para treinar discriminados pela distância à competição	160
Gráfico 7 - Número de treinos efectuados por microciclo	162
Gráfico 8 - Dias de treino discriminados pela distância à competição.....	163
Gráfico 9 - Percentagem de utilização dos métodos de treino	174
Gráfico 10 - Percentagem de utilização dos métodos de preparação geral	175
Gráfico 11 - Percentagem de utilização dos métodos específicos de preparação geral	177
Gráfico 12 - Percentagem de utilização dos métodos de específicos de preparação.....	179
Gráfico 13 - Tempo de utilização dos diferentes exercícios de treino	182
Gráfico 14 - Número de observações directas efectuadas nas diferentes competições.....	198
Gráfico 15 - Número de jogadores observados directamente por ano de nascimento	198
Gráfico 16 - Número de observações directas efectuadas em jogos das Selecções jovens da FPF	200
Gráfico 17 - Número de observações indirectas dos adversários da Selecção Sub21.....	202

Índice de Ilustrações

Ilustração 1 - Distribuição dos jogos realizados em casa por Distrito.....	104
Ilustração 2- Sistema táctico 1-4-3-3.....	127
Ilustração 3 - Sistema táctico 1-4-4-2 losango	127
Ilustração 4 - Jogadores responsáveis pela etapa de construção. Jogadores preferenciais.....	129
Ilustração 5 - Zona de acção do médio defensivo, ou jogador 6, na etapa de construção	129
Ilustração 6 - Etapa de construção: circulação rápida de bola.....	130
Ilustração 7 - Etapa de construção: circulação rápida de bola saltando posição	130
Ilustração 8 - Etapa de construção: circulação rápida de bola saltando posição	130
Ilustração 9 - Etapa de construção: circulação rápida de bola saltando posição	131
Ilustração 10 - Etapa de construção: lateral efectua passe longo para desmarcação diagonal.....	131
Ilustração 11 - Etapa de construção: lateral efectua passe de rotura	132
Ilustração 12 - Etapa de construção: lateral efectua passe curta para a	132
Ilustração 13 - Jogadores responsáveis pela etapa de criação.	133
Ilustração 14 - Etapa de criação: médio interior efectua passe para desmarcação	133
Ilustração 15 - Etapa de criação – médio interior efectua passe de rotura para médio	134
Ilustração 16 - Etapa de criação – médio interior conduz bola para dentro	134
Ilustração 17 - Zona de acção do médio ofensivo, ou jogador 10, na etapa de criação	135
Ilustração 18 - Jogadores responsáveis pela etapa de finalização.	135
Ilustração 19 - Etapa de Finalização - zonas de finalização a ocupar:	136
Ilustração 20- Etapa de Finalização: ocupação das zonas de finalização.....	136
Ilustração 21 - Etapa de Finalização: ocupação das zonas de finalização.....	137
Ilustração 22 - Etapa de finalização: ocupação das zonas de finalização.....	137
Ilustração 23 - Etapa de finalização: desmarcação diagonal curta do avançado	138

Ilustração 24 - Opções do guarda-redes no momento de transição defesa/ataque na sequência de um pontapé-de-canto defensivo. A vermelho a 1ª opção, a amarelo a 2ª opção e a azul a 3ª opção.....	139
Ilustração 25 - Livre frontal ofensivo: execução directa	140
Ilustração 26 - Livre frontal ofensivo: livre ensaiado 1ª solução	140
Ilustração 27 - Livre frontal ofensivo: livre ensaiado 2ª solução	140
Ilustração 28 - Livre lateral ofensivo ensaiado.....	141
Ilustração 29 - Livre lateral ofensivo: execução para desvio de cabeça para o 2º poste	141
Ilustração 30 - Livre lateral ofensivo: execução na direcção do 2º poste da baliza	142
Ilustração 31 - Pontapé-de-canto ofensivo directo ao 1º poste.....	142
Ilustração 32 - Pontapé-de-canto ofensivo ensaiado: movimento espigão.....	143
Ilustração 33 - Pontapé-de-canto ofensivo ensaiado:	143
Ilustração 34 - Pontapé-de-canto curto	143
Ilustração 35 - Etapa de recuperação defensiva: linha defensiva a	145
Ilustração 36 - Etapa de recuperação defensiva: linha defensiva a formar	145
Ilustração 37 - Jogadores responsáveis pela etapa de bloco defensivo na etapa de construção	146
Ilustração 38 - Etapa de bloco defensivo: forçar adversário a jogar longo na sua etapa de construção	147
Ilustração 39 - Etapa de bloco defensivo: incitar adversário a jogar curto na sua etapa de construção	147
Ilustração 40 - Etapa de bloco defensivo: pressão colectiva na etapa de construção adversária, com avançado a forçar central adversário a conduzir para dentro ao fechar linha de par progressão por fora	148
Ilustração 41 - Etapa de bloco defensivo: criação de superioridade no corredor lateral na etapa de criação e/ou finalização do adversário, através do lateral e do médio interior	148
Ilustração 42 – Etapa de bloco defensivo: comportamento da linha defensiva,.....	149

Ilustração 43 - Etapa de bloco defensivo: linha defensiva a gerir a profundidade em função do adversário em posse de bola ter linha de passe aberta e possível desmarcação de rotura para as costas da defesa poder ocorrer.....	150
Ilustração 44 - Etapa de bloco defensivo: linha defensiva a gerir a profundidade em função	150
Ilustração 45 - Etapa de bloco defensivo: linha defensiva a gerir a profundidade em	150
Ilustração 46 – Etapa de bloco defensivo: linha defensiva a formar 2 linhas quando.....	151
Ilustração 47 – Etapa de bloco defensivo: linha defensiva a formar 2 linhas quando.....	151
Ilustração 48 – Etapa de bloco defensivo: linha defensiva com troca do jogador em.....	152
Ilustração 49 – Etapa de bloco defensivo: linha defensiva quando adversário está com bola	152
Ilustração 50 – Etapa de bloco defensivo: cobertura defensiva interna do central mais	153
Ilustração 51 – Etapa de bloco defensivo: deslocamento em diagonal a recuar.....	153
Ilustração 52 – Etapa de bloco defensivo: linha defensiva com adversário junto à linha de fundo.....	154
Ilustração 53 - Posicionamento perante livre frontal defensivo com adversário por fora da barreira.....	155
Ilustração 54 - Posicionamento perante livre frontal defensivo sem adversário por fora da barreira.....	156
Ilustração 55 - Posicionamento perante livre lateral defensivo com rotação interna	156
Ilustração 56 - Posicionamento perante livre lateral defensivo com rotação externa	157
Ilustração 57 - Posicionamento perante livre lateral defensivo com 2 adversários próximos da bola	157
Ilustração 58 - Posicionamento perante pontapé-de-canto defensivo com rotação interna....	158
Ilustração 59 - Posicionamento perante pontapé-de-canto defensivo com rotação externa ...	158
Ilustração 60 - Exercício padronizado para a etapa de construção.....	187
Ilustração 61 - Exercício padronizado: zonas de saída pelos laterais e respectivas soluções de passe	188

Ilustração 62 - Exercício padronizado: zona de saída pelo médio defensivo e respectiva solução de passe	188
Ilustração 63 - Exercício padronizado: Saída a jogar curta do guarda-redes após atraso	189
Ilustração 64: Exercício padronizado: zonas de reposição do guarda-redes após finalização frontal	189
Ilustração 65 - Exercício padronizado: zonas de reposição do guarda-redes após cruzamento	190
Ilustração 66 - Exercício padronizado para as etapas de criação de situações de finalização e finalização.....	190
Ilustração 67 - Exercício padronizado: circulação táctica com exploração do movimento diagonal em profundidade do avançado após passe do médio interior	191
Ilustração 68 - Exercício padronizado: circulação táctica com exploração do movimento diagonal em profundidade do avançado após passe do médio interior e apoio frontal do médio ofensivo	191
Ilustração 69 - Exercício padronizado: circulação táctica com condução para dentro do médio interior e passe vertical para movimento diagonal do avançado	192
Ilustração 70 - Exercício de sectores secundado pelos métodos de jogo ofensivos	192
Ilustração 71 - Exercício de sectores: saída a jogar pelo defesa lateral seguido de movimentações ofensivas padronizadas	193
Ilustração 72 - Exercício de sectores: saída a jogar pelo médio defensivo seguida de movimentações ofensivas padronizadas	193
Ilustração 73 - Exercício de sectores secundado pelo ataque rápido: recuperação de bola e procura de passe de rotura e finalização rápida	194
Ilustração 74 - Exercícios sobre 3 sectores de jogo.....	194
Ilustração 75 - Distribuição das observações directas efectuadas pelos distritos de Portugal	199

1. Introdução

O jogo de Futebol é um jogo desportivo colectivo, no qual duas equipas de 11 jogadores numa relação de adversidade – rivalidade desportiva, cooperação com os colegas e oposição aos adversários, lutam incessantemente pela posse de bola, dentro do respeito pelas leis de jogo, com o objectivo de a introduzir o maior número de vezes na baliza adversária e evitá-los na sua própria baliza, com vista à obtenção da vitória (Castelo, 2009).

Este relatório visa o efectuar de uma análise profunda e reflexiva de todos os processos inerentes à construção e desenvolvimento de uma equipa e da sua forma de jogar, por forma a ir de encontro aos objectivos do jogo de futebol, num contexto competitivo de alto rendimento desportivo – o contexto de uma Selecção Sub 21.

O trabalho efectuado no contexto de uma Selecção é caracterizado por um conjunto de constrangimentos muito próprios dentro do treino desportivo de futebol, diferindo em vários aspectos do contexto de Clube, como por exemplo na conceptualização do modelo de jogo, a profundidade deste, na conceptualização e operacionalização do modelo de treino, congruência e priorização de métodos de treino para com o modelo de jogo bem como o planeamento e periodização do treino, e na conceptualização e operacionalização do modelo de observação e análise, cuja especificidade e relação com os modelos de jogo e treino caminham num sentido progressivamente mais próximo na medida em que as tecnologias de suporte à multidisciplinaridade das equipas técnicas evoluem e cuja pertinência se releva não menor impacto e preponderância no contexto de Selecção comparativamente aos referidos.

Da reflexão, análise e busca da compreensão, da realidade e, por conseguinte, da complexidade do trabalho no contexto de Selecção, bem como da constatação da reduzida investigação quantitativa e, neste caso particular, qualitativa tendo-o como objecto de estudo, consideramos de fundamental relevância o estudo efectuado.

O processo de ensino e treino do futebol, por intermédio da conceptualização dos modelos de jogo, seus modelos de treino e de observação e análise específicos, ou seja, consigo congruentes, assumem papel cada vez mais relevante na formação e preparação dos

jogadores e das equipas para o confronto desportivo com os seus adversários (Castelo, 2014; Garganta, Guilherme, Barreira, Brito & Rebelo, 2013).

Ao centrarmos a nossa análise e reflexão nos aspectos particulares do trabalho em contexto de Selecção, os aspectos particulares da geração de jogadores que fizeram parte da Selecção, a conceptualização do modelo de jogo, a conceptualização e operacionalização do modelo de treino e a conceptualização e operacionalização do modelo de análise e observação, procuraremos trazer para a discussão no âmbito das ciências do desporto e, em particular, na área do treino desportivo, uma realidade competitiva de importância e abrangência nacional e internacional, contribuindo, humildemente, para a produção de conhecimento empírico e o mais aproximado à realidade, tal e qual a percebemos, de acordo com os nossos filtros, ou seja, com todas as qualidades e limitações que nesse processo de percepção do mundo que nos rodeia se devem contemplar.

Primeiramente, na revisão de literatura, iremos abordar o contexto institucional da Federação Portuguesa de Futebol e caracterizar historicamente a sua Selecção Sub21, equipa analisada neste relatório, terminando com a contextualização conceptual do modelo de jogo, de treino e de observação e análise tendo por base, essencialmente, as propostas cuja fundamentação teórica consideramos mais pertinentes à luz quer do trabalho efectivamente desenvolvido quer do cumprimento dos objectivos a que nos propomos, de autores de referência nesta área.

Seguidamente, após a apresentação do método utilizado, na apresentação e discussão de resultados iremos caracterizar o contexto da Selecção Sub21, referenciando jogadores convocados para esta, calendarização das competições em que a mesma se insere, processo inerente à convocatória dos jogadores, caracterização da equipa técnica e staff, efectuando ainda uma análise à participação no Campeonato da Europa de 2013.

Iremos ainda reportar os objectivos de uma equipa deste contexto tão específico, procurando abordar e aportar um conjunto de conhecimentos e reflexões sobre as particularidades do Campeonato português e da geração de jogadores que fez parte desta

equipa, com a intenção de contribuir para a uma reflexão profunda sobre o contexto histórico, recente, durante o qual foi desenvolvido o trabalho nesta Selecção.

Após reportarmos a promoção de jogadores à Selecção AA, que reflectiremos sob o espectro das análises mencionados acima, procuramos abordar de forma aprofundada a conceptualização do modelo de jogo e a conceptualização e operacionalização dos modelos de treino e de observação e análise, procurando conectar a realidade reportada com os constructos teóricos que serviram de apoio à elaboração deste relatório.

Finalmente, apresentaremos um conjunto de conclusões que julgamos pertinentes decorrentes de todo o trabalho desenvolvido e aqui analisado e reflectido.

É nosso interesse ir mais além do que o resultado desportivo na competição oficial que esta Selecção disputou, que redundou na eliminação na fase de grupos da fase de qualificação para o Campeonato da Europa de 2013 em Israel. Um golo fez essa diferença. Um golo, um momento, faz toda a diferença no futebol e isso faz dele o desporto que é.

Conforme afirma Walsh “failure is part of sucess, an integral part. Everybody gets knocked down. Knowing it will happen and what you must do when it does is the first step back.” (Walsh, 2009, p 10). O nosso primeiro passo assenta, assim, parcialmente na análise e reflexão aqui efectuadas no sentido de evoluirmos e desenvolvermos contínua e activamente um corpo de conhecimentos multidisciplinar.

Na realização deste relatório foi utilizada a Norma APA para citações e referenciação bibliográfica.

Capítulo 1. REVISÃO DA LITERATURA

1. Contexto Institucional da Federação Portuguesa de Futebol



1.1. Fundação

A União Portuguesa de Futebol foi fundada a 31 de Março de 1914 pelas associações regionais de Lisboa, Portalegre e Porto, tendo visto alterada a sua denominação para Federação Portuguesa de Futebol (FPF) no Congresso Extraordinário de 28 de Maio de 1926.

A FPF tem como visão fortalecer cada vez mais o seu papel como referência central no desenvolvimento do Futebol no país com vista a projectar este de forma crescente na Europa e no Mundo, assumindo-se ainda como entidade dinamizadora do Futebol enquanto actividade desportiva, económica, educativa e de lazer, considerando o crescente papel que desempenha na formação dos jovens, na economia e na imagem internacional do país.

1.2. Missão

A FPF tem como missão coordenar, dinamizar, desenvolver e organizar o Futebol em todas as suas dimensões e categorias, num todo harmonioso, assegurando a respectiva continuidade e crescimento em todo o território nacional e em todos os meios sociais e faixas etárias, com o objectivo de se posicionar como um dos mais competitivos da Europa e do Mundo, cooperando estreitamente com os seus parceiros internacionais e nacionais, públicos e privados, numa óptica de independência e de benefício mútuo, e em prol do êxito da sua missão.

1.3. Valores

Os valores da FPF que exprimem a sua Visão e Missão e que criam as melhores condições para a realização dos seus objectivos são:

1. A FPF acredita que só terá sucesso se todos os seus parceiros tiverem, igualmente, sucesso, pelo que será sempre solidária, transparente e leal com eles na prossecução dos seus objectivos;
2. A FPF rege-se por princípios que permitem o desenvolvimento sustentado e promove sempre a obediência aos mais elevados padrões éticos, sociais e de responsabilidade ambiental;
3. A FPF garante a verdade desportiva no cerne das suas decisões, através do funcionamento democrático da sua estrutura e do diálogo com os seus parceiros;
4. A FPF encoraja a inclusão, a aquisição de conhecimentos e um estilo de vida saudável, sem prejuízo da salvaguarda do entretenimento e da actividade económica do futebol;
5. A FPF defende a “TOLERÂNCIA ZERO” em relação ao racismo, discriminação e violência no futebol;
6. A FPF defende a racionalidade e o sucesso económico do Futebol, garantindo a transparência, a integridade, a lealdade e a honestidade, mesmo na ausência de obrigações legais.

1.4. Objectivos

Os objectivos estratégicos da FPF, estabelecidos em função da sua Missão, são:

1. Qualificar as Selecções Nacionais das diversas categorias para todos os Campeonatos da Europa e do Mundo.
2. Garantir o sucesso desportivo na fase de grupos das referidas competições em mais de 50 % das respectivas presenças.
3. Promover o desenvolvimento do futsal, do futebol feminino e do futebol de praia, generalizando a prática desportiva da modalidade em todas as variantes e escalões.

4. Promover uma cooperação regular com as associações distritais e regionais, de forma a garantir uma adequada uniformidade regulamentar e procedimental em todo o território nacional.

5. Manter um elevado nível de profissionalismo, eficácia e rentabilidade na respectiva gestão, de modo a maximizar os recursos económicos ao serviço do fomento do Futebol e das Selecções.

6. Contribuir para o desenvolvimento de uma cultura profissional de eficiência e eficácia na gestão dos diversos agentes desportivos.

7. Garantir que as decisões dos diversos órgãos sejam determinadas por uma cultura de responsabilidade social e ambiental.

8. Manter e desenvolver parcerias mutuamente frutuosas com todas as entidades, nacionais e internacionais, públicas e privadas, ligadas ao Futebol.

9. Promover estudos e investigações associados ao desenvolvimento do fenómeno do Futebol, privilegiando os acordos e parcerias com Universidades e Instituições Científicas de reconhecido prestígio.

1.5. Breve Historial

É possível distinguir e diferenciar 3 períodos distintos na organização e estruturação da FPF:

1. De 1921 a 1984, a organização era pontual, ocorrendo jogo a jogo e não havendo continuidade e meios humanos permanentes com excepção das equipas técnicas;

2. De Agosto de 1984 a Julho de 1991 funcionou o Departamento Técnico dividido em dois sectores – o Sénior e o Júnior;

3. De Agosto de 1991 até à actualidade foram unificados os dois sectores no mesmo Departamento com todas as áreas de apoio, tendo sido também integrados o Futebol Feminino, o Futsal e o Futebol de Praia.

O primeiro jogo da Selecção AA ocorreu a 18 de Dezembro de 1921, com a derrota 3-1 frente à Espanha, em Madrid, tendo o primeiro jogo em Portugal ocorrido um ano depois, a 17 de Dezembro de 1922, com nova derrota por 2-1 frente à Espanha, em Lisboa.

A 18 de Junho de 1925 a Selecção AA venceu o seu primeiro jogo, com a vitória 1-0 frente à Itália, em Lisboa.

O primeiro empate fora aconteceu em Paris a 29 de Abril de 1928, com um 1-1 frente à França, e a primeira vitória fora a surgir a 28 de Novembro de 1937 frente à Espanha, por 2-1, em Vigo.

A Selecção AA garantiu a sua primeira qualificação para um Campeonato de Mundo, a 21 de Novembro de 1965, em Bucareste, após perder 2-0 com a Roménia.

A 28 de Julho de 1966 conquista o 3º lugar no Campeonato do Mundo de 1966 em Inglaterra, após vencer a Rússia por 2-1 em Londres.

A 13 de Novembro de 1983, em Lisboa, a Selecção AA garantiu a primeira qualificação para um Campeonato da Europa ao vencer a URSS por 1-0.

A 23 de Junho de 1984 conquista o 3º lugar no Campeonato da Europa de 1984 em França, após perder 3-2 com a França em Marselha.

Posteriormente a Selecção AA qualificou-se para os Campeonatos do Mundo de 1986 no México, de 2002 na Coreia do Sul e Japão, de 2006 na Alemanha onde conquistou o 4º lugar após derrota por 3-1 com a Alemanha a 08 de Julho em Estugarda, e de 2010 na África do Sul.

Qualificou-se, ainda, para os Campeonatos da Europa de 1996 em Inglaterra, de 2000 na Bélgica e Holanda onde conquistou o 3º lugar após derrota por 2-1 frente à França no prolongamento a 28 de Junho em Bruxelas, em 2004 organizou o Campeonato da Europa tendo sido finalista vencida por 1-0 frente à Grécia em Lisboa a 4 de Julho, e qualificou-se para o Campeonato da Europa de 2008 na Áustria e Suíça e para o Campeonato da Europa de 2012 na Polónia e Ucrânia onde conquistou o 3º lugar após ser derrotada nas meias-finais após grandes penalidades frente à Espanha em Donetsk.

A Selecção Olímpica estreou-se a 27 de Maio de 1928 com uma vitória 2-1 frente ao Chile, em Amsterdão nos Jogos Olímpicos de 1928.

A Selecção BB teve o seu primeiro jogo de Maio de 1947, em Bordéus, com a derrota 4-2 com a França.

A Selecção Sub18 estreou-se com um empate 2-2 frente à Republica da Irlanda a 11 de Abril de 1954.

A Selecção Sub16 estreou-se com uma derrota por 1-0 frente ao Centre Ouest a 29 de Março de 1975, em Saint Malo.

A Selecção Sub14 estreou-se a 17 de Abril de 1976 com uma vitória por 2-0 frente ao FC Montaigu, em Montaigu.

A Selecção Sub20 estreou-se a 17 de Maio de 1979 com uma derrota por 1-0, em Cáceres, frente à Espanha.

A Selecção Sub17 empatou 2-2 frente à Arábia Saudita no seu jogo de estreia, a 10 de Junho de 1989 em Edimburgo na Escócia.

A Selecção Sub15 estreou-se a 18 de Julho de 1991 com uma vitória por 3-0 frente à Bélgica, em Bruxelas.

A Selecção Sub19 estreou-se a 4 de Setembro de 2001, em Palic, com uma vitória 1-0 sobre Israel.

Tabela 1 - Palmarés em Competições Oficiais

Selecção	Competição	Época	Classificação
AA	Campeonato do Mundo	1965/1966	3º Lugar
AA	Campeonato da Europa	1983/1984	3º Lugar
AA	Campeonato da Europa	1999/2000	3º Lugar
AA	Campeonato da Europa	2003/2004	2º Lugar
AA	Campeonato da Europa	2011/2012	3º Lugar

Olímpica	Jogos Olímpicos	1995/1996	4º Lugar
Sub21	Campeonato da Europa	1993/1994	2º Lugar
Sub21	Campeonato da Europa	2003/2004	3º Lugar
Sub20	Campeonato do Mundo	1988/1989	1º Lugar
Sub20	Campeonato do Mundo	1990/1991	1º Lugar
Sub20	Campeonato do Mundo	1994/1995	3º Lugar
Sub20	Campeonato do Mundo	2010/2011	2º Lugar
Sub19	Campeonato da Europa	2002/2003	2º Lugar
Sub18	Torneio Europeu	1959/1960	3º Lugar
Sub18	Torneio Europeu	1960/1961	1º Lugar
Sub18	Torneio Europeu	1963/1964	3º Lugar
Sub18	Torneio Europeu	1967/1968	3º Lugar
Sub18	Torneio Europeu	1970/1971	2º Lugar
Sub18	Campeonato da Europa	1987/1988	2º Lugar
Sub18	Campeonato da Europa	1989/1990	2º Lugar
Sub18	Campeonato da Europa	1991/1992	2º Lugar
Sub18	Campeonato da Europa	1992/1993	4º Lugar
Sub18	Campeonato da Europa	1993/1994	1º Lugar
Sub18	Campeonato da Europa	1996/1997	2º Lugar
Sub18	Campeonato da Europa	1997/1998	4º Lugar
Sub18	Campeonato da Europa	1998/1999	1º Lugar
Sub17	Campeonato do Mundo	1988/1989	3º Lugar
Sub17	Meridian Cup	1996/1997	3º Lugar
Sub17	Meridian Cup	1998/1999	3º Lugar
Sub17	Meridian Cup	2000/2001	1º Lugar
Sub17	Campeonato da Europa	2002/2003	1º Lugar
Sub17	Campeonato da Europa	2003/2004	3º Lugar
Sub16	Torneio Europeu	1987/1988	2º Lugar
Sub16	Torneio Europeu	1988/1989	1º Lugar
Sub16	Torneio Europeu	1989/1990	4º Lugar
Sub16	Torneio Europeu	1991/1992	4º Lugar
Sub16	Torneio Europeu	1994/1995	1º Lugar
Sub16	Torneio Europeu	1995/1996	1º Lugar
Sub16	Torneio Europeu	1997/1998	4º Lugar
Sub16	Campeonato da Europa	1999/2000	1º Lugar

1.6. Estruturas Técnicas de Futebol Masculino do Departamento Técnico (2010/2012)

O Departamento Técnico da FPF no período que compreende a fase de qualificação para o Campeonato da Europa de 2013 em Israel foi liderado por Carlos Godinho.

A FPF teve, no mesmo período, na sua estrutura um Coordenador Técnico nacional, o Professor Ilídio Vale, responsável por todas as selecções jovens desde os Sub20 até aos Sub15.

No momento em que iniciámos funções, em Novembro de 2010, a FPF tinha as seguintes selecções e equipas técnicas:

Tabela 2 - Estrutura Técnica 2010/2011

Seleção	Seleccionador Nacional	Treinadores Nacionais (Adjuntos)	Treinadores Nacionais (Guarda-Redes)
AA	Paulo Bento	Leonel Pontes e João Aroso	Ricardo Peres
Sub23	Ilídio Vale		Pedro Espinha
Sub21	Rui Jorge	Romeu Almeida e Alexandre Silva	Fernando Brassard
Sub20	Ilídio Vale	Joaquim Milheiro*	Pedro Espinha
Sub19	Hélio Sousa		Hugo Oliveira
Sub18	Rui Bento/Edgar Borges*		Fernando Brassard
Sub17	Emílio Peixe		Pedro Espinha
Sub16	Rui Bento/Filipe Ramos*		Hugo Oliveira

Para a época 2011/2012, a organização foi a seguinte:

Tabela 3 - Estrutura Técnica 2011/2012

Seleção	Seleccionador Nacional	Treinadores Nacionais (Adjuntos)	Treinadores Nacionais (Guarda-Redes)
AA	Paulo Bento	Leonel Pontes e João Aroso	Ricardo Peres
Sub23	-----	-----	-----

Sub21	Rui Jorge	Romeu Almeida e Alexandre Silva	Fernando Brassard
Sub20	Ilídio Vale		Pedro Espinha
Sub19	Edgar Borges		Pedro Espinha
Sub18	Emílio Peixe		Pedro Roma
Sub17	Hélio Sousa		Pedro Roma
Sub16	Filipe Ramos		Fernando Brassard
Sub15	Ilídio Vale		TODOS

Para a época 2012/2013, até Setembro, a organização foi a seguinte:

Tabela 4 - Estrutura Técnica 2012/2013

Seleção	Seleccionador Nacional	Treinadores Nacionais (Adjuntos)	Treinadores Nacionais (Guarda-Redes)
AA	Paulo Bento	Leonel Pontes e João Aroso	Ricardo Peres
Sub23	-----	-----	-----
Sub21	Rui Jorge	Romeu Almeida e Alexandre Silva	Fernando Brassard
Sub20	Edgar Borges		Pedro Espinha
Sub19	Emílio Peixe		Pedro Roma
Sub18	Hélio Sousa		Pedro Roma
Sub17	Filipe Ramos		Pedro Espinha
Sub16	Hélio Sousa		Fernando Brassard
Sub15	Ilídio Vale		TODOS

Da análise das tabelas anteriores é possível verificar que apenas nas Selecções AA e Sub21 existe uma equipa técnica específica, excepção feita ao Treinador de Guarda-redes Fernando Brassard que desempenha esporadicamente essas funções noutras selecções jovens.

Antes da entrada em funções da equipa técnica dos Sub21 liderada por Rui Jorge, em Novembro de 2010, a esta Seleção funcionava como as restantes selecções da formação – da Seleção Sub20 à Seleção Sub15, ou seja existia um Seleccionador Nacional definido por escalão, que era coadjuvado nas suas funções por um outro Treinador Nacional – Seleccionador Nacional de outra Seleção que não tivesse datas de trabalho coincidentes.

Uma das solicitações de Rui Jorge atendidas no momento do convite para Seleccionador Sub21 foi a de que pudesse compor a sua equipa técnica com mais dois elementos.

Posteriormente, algumas alterações estruturais ocorreram no Departamento de Futebol no sentido de aumentar a qualidade do trabalho desenvolvido pelos staffs das diferentes selecções.

2. Selecção Sub21 de Portugal

A Selecção Sub21 disputou o seu primeiro jogo a 16/11/1958 em casa frente à África do Sul, tendo ganho por 3-1.

Como primeiro registo de um jogo oficial encontramos o jogo de qualificação para o Campeonato da Europa de 1971, na altura ainda não organizado pela Union of European Football Associations (UEFA) frente à Dinamarca, em casa, que terminou empatado 1-1.

A 28/11/1976 Portugal ganhou 2-1, no Luxemburgo, no primeiro jogo da fase de qualificação do Campeonato da Europa de 1976, o primeiro organizado pela UEFA, e para o qual Portugal não se qualificaria.

Em Novembro de 1992, Portugal conquista o primeiro título no Torneio de Toulon, após vitória por 2-1 frente à Jugoslávia.

No dia 20/04/1994, Portugal perdeu com a Itália na final do Campeonato da Europa de 1994, no primeiro em que participou, por 1-0, golo sofrido no prolongamento e através do “golo de ouro”.

Em Junho deste ano, Portugal garantiu o segundo lugar em Toulon após perder por 2-0 com a Inglaterra na final.

Oito anos depois, em 2002, Portugal iniciou uma fase em que esteve presente em 4 Campeonatos da Europa seguidos.

Em 2002, na Suíça, Portugal foi eliminada na fase de grupos tendo conquistado 4 pontos (empate 1-1 com Itália, derrota 0-2 com Suíça, e vitória 3-1 com Inglaterra).

Em 2004, na Alemanha, Portugal foi 3ª classificada, tendo ganho 3-2 no prolongamento frente à Suécia, após ter perdido nas meias-finais 3-1 com Itália (na fase de grupos derrota 3-1 com Suécia, empate 2-2 com Suíça, e vitória 2-1 com Alemanha, num total de 4 pontos).

Em 2006, em Portugal, foi eliminada na fase de grupos tendo conquistado 3 pontos (derrota 1-0 com França, derrota 2-0 com Sérvia e Montenegro, e vitória 1-0 com Alemanha).

Em 2007, na Holanda, Portugal foi eliminada, novamente, na fase de grupos tendo conquistado 4 pontos (empate 0-0 com Bélgica, derrota 2-1 com Holanda, e vitória 4-0 com Israel).

2.1. Estatística Total de Jogos Disputados

A Selecção Sub21 de Portugal disputou um total de 297 até Novembro de 2010, tendo obtido 146 vitórias, 61 empates e 90 derrotas, e marcado 472 golos e sofrido 304. A média de golos marcados por jogo foi de 1,6 e de sofridos foi de 1.

A maior vitória conseguida foi por 8-1 frente à Arménia em casa num jogo de qualificação para o Campeonato da Europa de 1998 a 19/08/1997, tendo a maior vitória num jogo de preparação ocorrido a 16/07/2009 por 7-1 frente à Índia em casa.

As maiores derrotas em casa foram todas pelo resultado de 3-0, frente à Escócia e à Checoslováquia em jogos de qualificação, a 28/11/1978 e 14/11/1989 respectivamente, e frente à Holanda, a 22/12/1982, num jogo de preparação.

Em jogos fora, a maior vitória foi conseguida por 6-0 frente a São Tomé e Príncipe num jogo de preparação a 13/07/1975, e a maior vitória fora ocorreu a 16/11/2004 por 6-1 frente ao Luxemburgo num jogo de qualificação para o Campeonato da Europa de 2006.

A maior derrota fora ocorreu a 02/12/1987 num jogo de qualificação para o Campeonato da Europa de 1988 frente à Itália por 6-0, com a maior derrota fora em jogos de preparação a ocorrer a 16/04/1969 por 4-0 frente à Inglaterra.

Tabela 5 - Resultados da Selecção Sub21 de Portugal

Competição	J	V	E	D	GM	GS	SJSP	SJSG	Legenda		
Jogos de Preparação Casa	88	52	13	23	165	85	13	5	J	Jogos	
Jogos de Preparação Fora	57	17	17	23	56	66	6	10	V	Vitórias	
Jogos de Preparação Total	145	69	30	46	221	151	15	7	E	Empates	
Jogos Oficiais Total	202	77	31	44	251	153	13	7	D	Derrotas	
Jogos de Qualificação Casa	60	39	11	10	125	41	13	4	GM	Golos Marcados	
Jogos de Qualificação Fora	61	24	15	22	85	74	10	19	GS	Golos Sofridos	
Jogos de Qualificação Total	121	63	26	32	210	115	16	7	SJSP	Série de Jogos Sem Perder	
Jogos de "Play-offs" Casa	5	4	0	1	9	3				SJSG	Série de Jogos Sem Ganhar
Jogos de "Play-offs" Fora	5	1	1	3	11	5					
Jogos de "Play-offs" Total	10	5	1	4	20	8					
Jogos de Europeu	20	9	3	8	27	24	3	3			
Jogos Casa	164	101	26	37	313	138	27	4			
Jogos Fora	133	45	35	53	159	166	10	12			
Jogos Total	297	146	61	90	472	304	22	8			

2.2. Historial dos Campeonatos da Europa Sub21

O Campeonato da Europa de Sub21 tem as suas raízes nos finais da década de 1960, tendo passado por muitas etapas no seu desenvolvimento até adoptar o formato actual que se realiza de dois em dois anos.

Mesmo considerando todas as alterações, o objectivo primordial da competição mantém-se inalterado, ou seja, dotar os jovens jogadores de cada país da possibilidade de se imporem nos palcos internacionais.

Inicialmente, a UEFA apresentou a ideia às Federações filiadas, em Janeiro de 1967, propondo a criação de "uma Taça Challenge para selecções nacionais compostas por jogadores Sub-23", tendo obtido a adesão de 17 Federações aderiram à ideia.

O primeiro jogo disputado ocorreu a 7 de Junho de 1967, em Stara Zagora, com uma vitória por 3-2 da Bulgária sobre a República Democrática Alemã (RDA).

O campeão tinha apenas de defender o título contra uma série de candidatos, sendo que a Bulgária e a Jugoslávia dominado os primeiros anos da competição.

Em 1976 deu-se a actualização do limite de idade de Sub23 para Sub21, após a UEFA considerar o fosso entre as selecções Sub18 e Sub23 como demasiado grande.

O formato sofreu também alterações, passando de jogos de desafio ao campeão para a formação de grupos de qualificação seguidos de uma competição por eliminatórias a iniciar nos quartos-de-final.

Em 1992, as meias-finais e a final foram disputadas pela primeira vez num único país, a França.

Em 1998, na Roménia, a fase final passou a ser disputada por 8 equipas.

A partir de 2007, ano da última participação portuguesa, a competição passou a ser disputada em anos ímpares por forma a não coincidir com o Campeonato da Europa ou Campeonato do Mundo de Selecções AA.

Em 2007, a competição passou a ser disputada em anos ímpares, para que não colidisse com o Campeonato da Europa ou com o Campeonato do Mundo. Para este efeito, a

fase de qualificação foi constituída por 14 grupos de 3 equipas dos quais o primeiro classificado apurava-se para os “play-offs”.

Após a vitória da Espanha 2-0 sobre a Suíça no Campeonato da Europa de 2011 na Dinamarca, o Campeonato da Europa de 2013 foi disputado em Israel onde a primeira revalidou o título derrotando a Itália por 4-2 na final.

A Itália detém o estatuto de país com maior número de troféus com um total de 5, seguido pela Espanha com 4, 2 dos quais conquistados nas duas últimas provas.

Da análise da eleição do melhor jogador de cada torneio final é possível constatar que vários tiveram carreiras internacionais de sucesso, como são o caso de Luís Figo e Cananavaro, só para citar alguns, que viriam a ser eleitos os melhores jogadores do Mundo anos mais tarde, comprovando-se a pertinência idealizada para a realização desta competição pela UEFA.

2.3. Palmarés dos Campeonatos da Europa Sub21

Tabela 6 - Palmarés Campeonatos da Europa Sub21

Campeonato da Europa	Vencedor	Melhor Jogador
1976/1978	Sérvia	Vahid Halilhodžić
1978/1980	USSR	Anatoli Demianenko
1980/1982	Inglaterra	Rudi Völler
1982/1984	Inglaterra	Mark Hateley
1984/1986	Espanha	Manuel Sanchis
1986/1988	França	Laurent Blanc
1988/1990	USSR	Davor Šuker
1990/1992	Itália	Renato Buso
1992/1994	Itália	Luís Figo
1994/1996	Itália	Fabio Cannavaro
1996/1998	Espanha	Francesc Arnau
1998/2000	Itália	Andrea Pirlo
2000/2002	República Checa	Petr Čech
2002/2004	Itália	Alberto Gilardino
2004/2006	Holanda	Klaas Jan Huntelaar
2006/2007	Holanda	Royston Drenthe
2007/2009	Alemanha	Marcus Berg
2009/2011	Espanha	Juan Mata
2011/2013	Espanha	Thiago Alcântara

2.4. Regulamento Actual do Campeonato da Europa Sub21

Apresentamos agora os aspectos que consideramos mais pertinentes reportar relativamente ao Regulamento do Campeonato da Europa Sub21.

A competição é organizada pela UEFA e decorre a cada 2 anos durante 2 épocas, sendo todas as Federações membros da UEFA convidadas a participar, sendo aceites ou não pelo Secretário Geral da UEFA após receber um conjunto de documentação exigida.

Entre os deveres que as Federações devem cumprir parece-nos pertinente referir o dever de jogar a competição até à eliminação e apresentar a equipa mais forte no decurso da competição, cumprir com a Leis do Jogo definidas pela International Football Association Board (IFAB) e respeitar os princípios do “fair play” definidos nos estatutos da UEFA.

Entre as responsabilidades das Federações parece-nos pertinente referir que os jogos devem ser disputados num estado dentro do território da Federação visitada, podendo excepcionalmente ocorrer noutra Federação membro se assim decidido como medida de segurança ou disciplinar.

A competição consiste numa competição de qualificação, com uma fase de grupo e jogos de “play-off”, e de um torneio final.

A equipa da Federação que organiza o torneio final qualifica-se automaticamente para este, sendo as restantes equipas sorteadas para grupos dependendo o número destes do número de equipas participantes. Por princípio, o número de equipas por grupo não deve ser inferior a 5 e superior a 6. O sorteio dos grupos decorreu após a fase de qualificação do Campeonato da Europa de Sub21 de 2009/2011.

Os jogos da fase de grupo decorrem de acordo com um sistema de liga, com cada equipa a jogar duas vezes com todas as outras equipas do seu grupo, em séries de jogos em casa e fora. A vitória vale 3 pontos, o empate 1 ponto, não sendo atribuído nenhum em caso de derrota.

As melhores 14 equipas da fase de grupos, ou seja os 10 vencedores e os 4 melhores segundos classificados, qualificam-se para os jogos de “play-off”.

O critério de desempate em caso de igualdade de pontos na fase de grupos segue os seguintes critérios:

- a) Maior número de pontos obtidos em jogos disputados entre as equipas em questão;
- b) Maior diferença de golos nos jogos disputados entre as equipas em questão;
- c) Maior número de golos marcados nos jogos disputados entre as equipas em questão;
- d) Maior número de golos marcados fora de casa nos jogos disputados entre as equipas em questão.

Se, após a aplicação deste processo a todas as equipas com igualdade de pontos, duas ou mais equipas mantiverem o mesmo ranking, então reaplica-se o processo, sendo que caso não seja possível obter uma decisão, aplicam-se os seguintes critérios:

- e) Resultados de todos os jogos do grupo:
 - 1. Maior diferença de golos
 - 2. Maior número de golos marcados
 - 3. Maior número de golos marcados fora de casa
- f) Posição no ranking coeficiente UEFA Sub21, utilizado para o sorteio da fase de grupos.

Para a definição dos melhores segundos classificados apenas são tidos em conta os resultados obtidos nos jogos contra as equipas que terminaram em primeiro, terceiro, quarto e quinto lugares, seguindo os seguintes critérios na ordem apresentada:

- a) Maior número de pontos obtidos nesses jogos;
- b) Maior diferença de golos obtida nesses jogos;

- c) Maior número de golos marcados nesses jogos;
- d) Maior número de golos marcados fora nesses jogos;
- e) Posição no ranking coeficiente UEFA Sub21, utilizado para o sorteio da fase de grupos.

No que aos jogos de “play-off” diz respeito, os 7 jogos são sorteados, com os 7 vencedores dos grupos com melhores coeficientes do ranking de um lado e as restantes equipas de outro, sendo que vencedores e melhores segundos classificados dos mesmos grupos não se podem defrontar. Os jogos de “play-off” funcionam num sistema de eliminatória a dois jogos, com jogo em casa e fora, sendo a equipa que joga o primeiro jogo em casa sorteada. A equipa que marcar maior número de golos nos 2 jogos qualifica-se para o torneio final.

Caso ambas as equipas tenham o mesmo número de golos marcados no final dos 2 jogos, a que tiver marcado maior número de golos fora qualificar-se-á, sendo que se o número de golos marcados de ambas as equipas tiver sido o mesmo em casa e fora então jogar-se-á um prolongamento com duas partes de 15 minutos no final da segunda mão. Neste prolongamento caso as equipas marquem um número idêntico de golos, os golos fora valerão o dobro, e caso as equipas não consigam marcar nenhum golo haverá lugar à marcação de grandes penalidades, de acordo com as Leis do Jogo.

No torneio final participam 8 equipas, as 7 qualificadas nos “playoffs” e a equipa da Federação organizadora, sendo formados 2 grupos, A e B, com 4 equipas cada através de sorteio.

As equipas sorteadas em primeiro lugar são a da Federação organizadora e a com melhor coeficiente no ranking, em segundo as que com os segundos melhores coeficientes, em terceiro as com os terceiros melhores coeficientes, e em quarto as com os quartos melhores coeficientes.

As equipas jogam uma vez contra todas as do mesmo grupo num sistema de liga, com a vitória a valer 3 pontos, o empate 1 ponto, não sendo atribuído qualquer ponto por derrota, e os dois últimos jogos de cada grupo terão o pontapé-de-saída à mesma hora.

Se duas ou mais equipas terminarem com igualdade de pontos após o final dos jogos dos grupos, serão aplicados os seguintes critérios como forma de desempate:

- a) Maior número de pontos obtidos nos jogos entre as equipas em questão;
- b) Maior diferença de golos nos jogos entre as equipas em questão;
- c) Maior número de golos marcados nos jogos entre as equipas em questão.

Se, após o cumprimento dos critérios referidos às equipas com igualdade de pontos, duas ou mais equipas mantiverem um ranking igual, serão reaplicados os mesmos critérios para determinar o ranking das mesmas. Caso este procedimento não seja ainda suficiente, aplicar-se-ão os seguintes critérios:

d) Resultados de todos os jogos do grupo:

- 1. Maior diferença de golos
- 2. Maior número de golos marcados

e) Posição no ranking coeficiente UEFA Sub21, utilizado para o sorteio da fase de grupos.

De referir ainda que caso existam apenas duas equipas em igualdade pontual e com o mesmo número de golos marcados e sofridos e que joguem o último jogo uma contra a outra, estando iguais no final do jogo, os seus rankings serão definidos pela marcação de grandes penalidades.

Posteriormente à fase de grupos do torneio final, qualificam-se para as meias-finais os primeiros e segundos classificados de cada grupo, cruzando-se nestes jogos o melhor de um grupo com o segundo melhor do outro.

O campeão europeu será definido numa final para a qual se qualificam os vencedores das meias-finais, sendo disputado um prolongamento de duas partes de 15 minutos caso se verifique um empate no final do jogo, e haverá lugar à marcação de grandes penalidades caso se mantenha um empate no final do prolongamento.

Consideramos relevante, igualmente, relevar que as bolas, tendo de estar em conformidade com as Leis do Jogo, devem ser providenciadas pela Federação visitada quer para os jogos da fase de qualificação quer para as sessões de treino. Para o torneio final as bolas são providenciadas pela UEFA.

Nos bancos apenas podem estar 6 elementos oficiais de cada comitiva, 1 dos quais será obrigatoriamente um médico da equipa, e 7 jogadores suplentes, em caso de jogos de qualificação, ou 12 em caso do torneio final.

Na véspera dos jogos, caso as condições climatéricas o permitam, à Federação visitante é permitida uma sessão de treino no máximo de 1 hora no campo de jogo. Pode, adicionalmente, efectuar mais sessões de treino num local a ser acordado com a Federação visitada desde que não no local do jogo.

Os intervalos têm a duração de 15 minutos e em caso de prolongamento haverá um intervalo de 5 minutos entre o final do tempo regulamentar e o início do prolongamento.

Os jogadores seleccionáveis para o Campeonato da Europa de 2013 foram aqueles que nasceram a partir do dia 1 de Janeiro de 1990, inclusive. Os jogadores que puderam ser seleccionados no início da competição, mantiveram-se seleccionáveis até ao fim da mesma.

As Federações são obrigadas a entregarem uma lista de 23 jogadores à administração da UEFA até 24 horas da hora do jogo, dos quais 18 poderão participar no jogo.

Para o torneio final deve ser enviada uma lista de 40 jogadores para a administração da UEFA até 30 dias antes do primeiro jogo oficial, havendo um mínimo de 4 guarda-redes, sendo que 23 destes 40 serão autorizados a participar no Campeonato da Europa, com um mínimo de 3 guarda-redes, lista a ser entregue 10 dias antes do primeiro jogo oficial.

Os números nos equipamentos dos jogadores são entre o 1 e o 23, com o 1 a ser usado por um guarda-redes. No torneio final os jogadores devem ter números fixos e aparecer também na frente da camisola ao nível do peito, sendo os nomes dos jogadores obrigatórios na parte de trás das camisolas.

A nível disciplinar, um jogador expulso estará suspenso para o próximo jogo da competição, podendo ainda ver o seu castigo ser aumentado, assim como um jogador que seja admoestado 2 vezes com cartão amarelo em jogos distintos. Após a competição de qualificação as suspensões por cartões amarelos expiram.

No que ao relacionamento com os média diz respeito, cada equipa deve realizar uma conferência de imprensa na véspera do jogo, com a presença obrigatório do treinador principal e de 1 ou, preferencialmente, 2 jogadores. A conferência de imprensa pós-jogo deverá iniciar até 20 minutos após o jogo. Uma zona mista deverá ser criada no final de cada jogo, por onde os jogadores de ambas as equipas terão de passar, para oferecer mais uma oportunidade à realização de entrevistas.

A nível financeiro, as Federações visitadas podem reter todas as receitas da organização dos jogos bem como quaisquer custos com esta.

As federações participantes recebem uma quantia de 135 mil euros por parte da UEFA para a compensação com custos, isto é, viagens e alojamentos, para os jogos fora, recebendo ainda 25 mil euros para o jogos fora disputados nos “play-offs”.

2.5. Qualificações Disputadas

Portugal disputou 17 fases de qualificação para Campeonatos da Europa organizados pela UEFA sendo que, entre o Campeonato da Europa de 1978 e o de 2011, apenas não disputou a qualificação para o Campeonato da Europa de 1982.

2.6. Campeonatos da Europa Disputados

Portugal disputou 5 dos 18 Campeonatos da Europa organizados pela UEFA, em 1994, 2002, 2004, 2006 e 2007, tendo a sua melhor classificação sido um 2º lugar no Campeonato da Europa de 1994.

2.7. Análise da Participação nos dois Últimos Campeonatos da Europa de Sub21

A opção pela análise e reflexão acerca das duas últimas participações prendeu-se apenas com o facto de nestas qualificações a formação dos grupos e sistema de qualificação terem sido semelhantes entre si e com a qualificação para o Campeonato da Europa de 2013.

Referimo-nos ao número de equipas que disputaram as fases de qualificação, 51 para o Campeonato da Europa de 2009, 52 para os Campeonatos da Europa de 2011 e 2013, com as equipas das Federações organizadoras do torneio final a terem qualificação directa não disputando a fase de qualificação.

Parece-nos assim relevante analisar as competições que decorreram de forma mais próxima à que analisamos neste relatório.

Portugal falhou a qualificação para os Campeonatos da Europa de 2009 na Suécia, treinada pelo Professor Rui Caçador, e de 2011 na Dinamarca, treinada por Oceano Cruz.

Em ambas as qualificações foi eliminada na fase de qualificação, não conseguindo o apuramento para os “Play-offs” de Apuramento e, por conseguinte para o Campeonato da Europa.

2.7.1. Campeonato da Europa de 2009

Na fase de qualificação para o Campeonato da Europa de 2009, Portugal ficou no 2º lugar do Grupo 3 com 14 pontos (4 vitórias, 2 empates e 2 derrotas), seguida de Montenegro com 8, Bulgária com 7 e República da Irlanda com 5, e onde a Inglaterra garantiu o 1º lugar com 22 pontos, apurando-se para os “Play-offs” de Apuramento e sendo finalista derrotada na final do Campeonato da Europa. Portugal marcou 13 golos e sofreu 7.

Qualificaram-se para os “Play-offs” as seguintes equipas com os seguintes resultados:

Tabela 7 - Selecções qualificadas para os “Play-offs” do Campeonato da Europa Sub21 de 2009

Seleção	Grupo	Classificação	Pontos	Diferença de Golos
Itália	1	1º	18	9
Turquia	2	1º	19	12
Inglaterra	3	1º	22	16
Espanha	4	1º	24	19
Suíça	5	1º	16	11
Finlândia	6	1º	19	5
Áustria	7	1º	20	6
Sérvia	8	1º	17	19
Alemanha	9	1º	17	21
País de Gales	10	1º	18	14
Dinamarca	6	2º	16	9
Bielorrússia	8	2º	17	10
Israel	9	2º	17	11
França	10	2º	17	11

As selecções que ficaram em 2º lugar e não conseguiram qualificar-se para os “Play-offs” como uma das melhores 4 segundas classificadas foram as seguintes e com os seguintes resultados:

Tabela 8 - Selecções que terminaram a fase de grupos da fase de qualificação do Campeonato da Europa Sub21 2009 como piores 2ª classificadas

Seleção	Grupo	Classificação	Pontos	Diferença de Golos
Croácia	1	2º	16	6
Ucrânia	2	2º	15	9
Portugal	3	2º	14	6
Rússia	4	2º	15	8
Holanda	5	2º	16	7
Eslováquia	7	2º	12	4

2.7.2. Campeonato da Europa de 2011

Na fase de qualificação para o Campeonato da Europa de 2011, Portugal ficou no 3º lugar do Grupo 9 com 13 pontos (4 vitórias, 1 empate e 3 derrotas), seguida da Lituânia com 5 e da Macedónia com 2, e atrás da Inglaterra com 17 e da Grécia, vencedora do grupo, com 19 pontos, ambas apuradas para os “Play-offs” de Apuramento com a Inglaterra a apurar-se, novamente, para o Campeonato da Europa. Portugal marcou 12 golos e sofreu 8.

Qualificaram-se para os “Play-offs” as seguintes equipas com os seguintes resultados:

Tabela 9 - Tabela 6 - Selecções qualificadas para os “Play-offs” do Campeonato da Europa Sub21 2011

Seleccção	Grupo	Classificação	Pontos	Diferença de Golos
Roménia	1	1º	19	13
Suíça	2	1º	16	6
Itália	3	1º	16	7
Holanda	4	1º	21	14
República Checa	5	1º	22	21
Suécia	6	1º	19	10
Croácia	7	1º	17	7
Ucrânia	8	1º	16	8
Grécia	9	1º	19	6
Escócia	10	1º	17	9
Espanha	4	2º	19	10
Islândia	5	2º	16	18
Inglaterra	9	2º	17	8
Bielorrússia	10	2º	17	5

As selecções que ficaram em 2º lugar e não conseguiram qualificar-se para os “Play-offs” como uma das melhores 4 segundas classificadas foram as seguintes e com os seguintes resultados:

Tabela 10 - Selecções que terminaram a fase de grupos da fase de qualificação do Campeonato da Europa Sub21 2011 como piores 2ª classificadas

Seleccção	Grupo	Classificação	Pontos	Diferença de Golos
Rússia	1	2º	16	8
Turquia	2	2º	10	-2
País de Gales	3	2º	16	9
Israel	6	2º	16	10
Eslováquia	7	2º	14	0
Bélgica	8	2º	15	3

2.8. Conclusões a retirar da análise das equipas que se qualificaram para os “Play-offs”

É possível verificar que nenhuma equipa pertencente ao grupo das 4 melhores segundas classificadas se apurou nos grupos com 6 equipas.

Em 2009 o 4º melhor segundo classificado apurou-se com 16 pontos e uma diferença de golos de 9, sendo que houve mais duas selecções a conseguir o mesmo número de pontos no 2º lugar mas com diferença de golos inferior.

Em 2011 o 4º melhor segundo classificado apurou-se também com 16 pontos e uma diferença de golos de 18, sendo que novamente mais duas selecções obtiveram os mesmos pontos mas diferença de golos inferior.

Assim sendo, caso não se garanta o 1º lugar no respectivo grupo parece que 16 pontos é o mínimo que pode garantir um lugar nos “Play-offs” como uma das melhores segundas selecções, estando ainda assim dependente da diferença de golos, o que faz ressaltar a importância do número de golos marcados e sofridos.

3. Modelo de Jogo

Segundo Castelo (2014) o modelo de jogo é a acção elaborada e construída intencionalmente pelo treinador de modo a tornar inteligível um fenómeno complexo, sendo uma criação teórica e personalizada que advém do que este percebe através da observação e análise do jogo transformando-o em conhecimento.

O modelo de jogo não representa de forma igual ou superior o próprio jogo de futebol, bem como não contemplará e pré-determinará a reprodução de situações de jogo, podendo sim conter em si uma grande parte do jogo quanto melhor estiverem conceptualizadas as relações e inter-relações mais importantes deste (Castelo, 2014).

O modelo de jogo define, então, as missões tácticas específicas de cada jogador e o projecto colectivo da equipa, promove a utilização de métodos de treino específicos que direccionam os efeitos deste último na direcção do modelo conceptualizado e ainda avalia a interacção entre treino e competição por intermédio de uma análise diagnóstica e prognóstica dos jogos efectuados (Castelo, 2014).

De acordo com o mesmo autor fazem parte da concepção do modelo de jogo as seguintes dimensões:

- Compreensão

São necessários um conjunto de conhecimentos sobre o jogo que nos possibilitem uma interação adequada com todos os seus fenómenos, sendo fundamental compreender e distinguir de forma operacional o que é importante e exequível perante as competências específicas dos jogadores do plantel, as características da competição e a cultura do Clube.

Interessa-nos referir que no contexto de uma Selecção esta capacidade de operacionalizar o que de facto se assume como mais importante é vital devido aos constrangimentos de cariz temporal que o caracterizam e que abordaremos mais à frente neste relatório.

- Organização

Representada pelos diferentes graus de organização do jogo adquiridos e evidenciados pelos jogadores e pela equipa, que podem consubstanciar em momentos uma redução do desempenho pela inexistência de opções congruentes com os novos desafios colocados quando se acede a um diferente nível organizativo.

Colocamos aqui em causa a verificabilidade do acesso a novos patamares organizativos no contexto de uma Selecção. Mais do que questionar a evolução para outros estados organizativos, questionamos o tempo que tais evoluções necessitam para ocorrer. Ocorrerão no espaço de uma fase de qualificação para uma competição internacional? Ocorrerão no conjunto de uma fase de qualificação e torneio final de uma competição internacional? Ou necessitarão ainda de períodos superiores a isto para que tais evoluções e suas conseqüentes problemáticas emirjam?

- Direcção

Representa as opções conceptuais do modelo de jogo que se define, entre os muitos possíveis e plausíveis, considerando as concepções do treinador, competências dos jogadores e cultura do Clube.

- Evolução

Esta dimensão assegura o imperativo de contemplar o modelo de jogo como algo em permanente construção, nunca estanque e imutável independentemente da estabilidade que se possa verificar e decorrer da análise da equipa em treino e em competição.

- Adaptação

O modelo de jogo deve ser adaptável perante:

- a) As capacidades e particularidades dos jogadores do plantel, sendo que em contexto de Selecção este tanto pode ser estável de uma concentração para outra como variar fortemente, podendo desta forma alterar por completo a operacionalização pensada do modelo de jogo;
- b) A análise diagnóstica e prognóstica dos indicadores fornecidos pela competição;
- c) A preparação do momento competitivo seguinte, avaliando as condições em que este poderá decorrer nos capítulos contextuais e estratégico-tácticos do modelo de jogo do adversário. Qual deverá ser o peso da análise das particularidades do modelo de jogo do adversário? Que adaptações efectuar no processo de treino? Este ponto direcciona-nos também para a observação e análise dos adversários que abordaremos conceptualmente e operacionalmente mais à frente neste relatório com a devida relação com o contexto de Selecção.

O modelo de jogo necessita, assim, de um modelo de treino cujos métodos sejam específicos e congruentes com ele, que recriem cenários que possam ocorrer na competição e que possibilitem a manifestação de rotinas, ou padrões, de jogo nos diversos contextos em que a competição pode ocorrer e dentro da imprevisibilidade, transitoriedade e aleatoriedade características do jogo (Castelo, 2014). Este ponto remete-nos para o modelo de treino e seus métodos e, por conseguinte, a profundidade da própria concepção do modelo num contexto de Selecção por forma a se poderem verificar algumas regularidades na organização da equipa em competição.

Circunstâncias existem ou poderão existir em que os jogadores e as equipas terão que alterar a sua forma de jogar, forçando o treinador e a equipa a procurarem soluções tático-estratégicas diferentes para melhorar ou manter o rumo do jogo (Castelo, 2014).

Castelo (2014) alerta para a necessidade de o treinador considerar se as alterações pedidas derivam do modelo de jogo adoptado e se foram, consequentemente, preparadas. É de facto um ponto essencial, no entanto leva-nos, mais uma vez, a questionar a possibilidade de algo ser preparado e treinado, não contemplado e reflectido, no contexto de Selecção onde por si só é já já deveras reduzido o tempo para promover a preparação do modelo de jogo.

Como circunstâncias referimo-nos, por exemplo, ao resultado do jogo, seja positivo ou negativo, ao tempo do jogo, cujo aproximar do final exponencia a necessidade de modificar algo especialmente em caso de desvantagem no resultado, à ocorrência de alteração na relação numérica de jogadores em confronto por via de expulsões e/ou lesões, ou à incapacidade de fazer sobrepor o modelo de jogo de uma equipa sobre a outra.

Castelo (2014) reporta-se então ao modelo de jogo e suas variantes considerando a existência de um modo preferencial, em que uma equipa consegue fazer valer a sua forma de jogar sendo superior ao adversário ou, perante dificuldades criadas por este, assumem variantes do mesmo modelo desde que estas não o desvirtuem, e a existência de um plano de jogo de contingência a aplicar perante acontecimentos que ocorrem fora do âmbito dos objectivos estratégico-táticos competitivos pré-estabelecidos, e que segundo o autor terão apenas sucesso, na maioria dos casos, se tiverem sido treinadas em situações de emergência

estratégico-táctica e após a aplicação predominante do modelo de jogo em grande parte da competição.

Se métodos de treino existem, como veremos à frente, que podem possibilitar essa preparação, é para nós questionável as possibilidades da sua operacionalização em contexto de Selecção por constrangimentos do planeamento e periodização do treino, cujas características abordaremos à frente.

O modelo de jogo adoptado implica um compromisso. Este compromisso não é referente apenas à congruência que deve existir entre o modelo de jogo conceptualizado e modelo de treino e modelo de observação e análise que o operacionalizam nem apenas o compromisso com o próprio modelo que não esteja dependente de uma análise meramente resultadista. Trata-se de um compromisso que envolve os jogadores com o modelo.

Sobre este aspecto refere Castelo (2014) que mais do que motivado, um jogador dever-se-á sentir responsável pela melhor aplicação possível do modelo de jogo da equipa, independentemente do nível de organização e qualidade do adversário bem como do contexto onde decorre a competição.

Estes aspectos são fundamentais no contexto de uma Selecção pois tanto se pode competir com equipas de elevada, próxima ou reduzida qualidade, podendo estas variações ocorrer no espaço de 3 dias, tratando-se no entanto da mesma competição ou qualificação em disputa. Este compromisso pela parte dos jogadores deve ser ponderado e promovido pelo treinador, como veremos à frente.

O modelo de jogo fomenta uma padronização da tomada de decisão e escolha de acções de suporte a esta dos jogadores e equipa, sendo que estes, em coerência com o quadro de referências do modelo, exploram o seu espaço de possibilidades estabelecendo inovadoras relações entre as suas estruturas percepçionais e comportamentais (Castelo, 2014).

A inovação que advém da exploração desse campo de possibilidades resulta num aumento do repertório estratégico-táctico-técnico dos jogadores e das equipas, algo que

consideramos mormente relevante num contexto de Selecção pela qualidade dos jogadores que fazem parte do plantel, onde as possibilidades criativas que encontram e operam não são apenas contempladas mas também desejadas no âmbito da conceptualização e operacionalização do modelo de jogo (Castelo, 2014).

Como veremos à frente, este aspecto assume papel relevante quer na conceptualização do modelo de jogo quer na sua operacionalização por intermédio do modelo de treino, acima de tudo na fase ofensiva do jogo.

Em que consiste, assim sendo, o modelo de jogo conceptualizado pelo treinador?

Consiste da adopção de um sistema de jogo, da opção por um determinado método de jogo ofensivo e outro defensivo, incluindo respectivos padrões e rotinas de jogo, dos esquemas tácticos, bem como dos princípios de orientação táctica para a solução das diferentes situações de jogo (Castelo, 2014).

O sistema táctico deve encerrar uma dimensão estática, através da disposição dos jogadores no terreno de jogo, e uma dimensão dinâmica, através das tarefas e funções a desempenhar pelos jogadores devendo estas estarem coordenadas e serem compreendidas e assimiladas por todos os jogadores, ou seja, que além da compreensão das próprias, os jogadores compreendam também as dos colegas (Castelo, 2014).

Para Castelo (2014) existem um conjunto de princípios de base que articulados configuram o modelo de jogo e conferem uma certa forma de jogar, manifestando-se em diferentes fases, etapas ou momentos do jogo pelas regularidades colectivas observáveis.

Existem, também, um conjunto de princípios gerais do jogo que coordenam as decisões/acções dos jogadores que estão fora da unidade estrutural funcional do jogo (Castelo, 2014).

Importa clarificar o conceito de unidade estrutural funcional antes de identificar os princípios gerais.

Segundo Castelo (2014) a unidade estrutural funcional, ou centro de jogo, é representada pelo círculo de apoios ao companheiro de posse de bola, quando em processo ofensivo, ou ao companheiro que marca o adversário em posse de bola, quando em processo defensivo.

Os princípios gerais ofensivos, segundo o mesmo autor, são:

- 1) Rotura da organização da equipa adversária – procura por parte dos atacantes de colocar constantes problemas de carácter técnico, tático ou estratégico forçando os seus adversários directos a preocuparem-se mais com eles que com o desenvolvimento do jogo;
- 2) Estabilidade da organização da própria equipa – procura assegurar o equilíbrio e a adaptação do sistema tático relativamente aos espaços vitais e estratégicos de jogo, que emergem da dinâmica das situações momentâneas de jogo;
- 3) Intervenção na unidade estrutural funcional – considerando a aleatoriedade, transitoriedade e variabilidade das situações de jogo, os jogadores devem estar constantemente preparados a intervir na unidade estrutural funcional.

Os princípios gerais defensivos, segundo o mesmo autor, são:

- 1) Preparação do processo ofensivo – procura por parte dos defesas de colocar problemas de carácter tático e estratégicos aos atacantes, no decurso da fase defensiva;
- 2) Estabilidade da organização da própria equipa – reajuste constante das decisões/acções dos defesas ao desenvolvimento do centro de jogo, quer pela manutenção de uma organização defensiva compacta e homogénea quer reacção às acções da equipa adversária;
- 3) Intervenção nas unidades estruturais funcionais – preparação mental, técnica e tática dos jogadores para poderem intervir no centro de jogo, considerando a aleatoriedade, transitoriedade e variabilidade das situações de jogo.

Garganta et al. (2013) defendem a existência de princípios transversais e de princípios especificadores do modelo e da concepção de jogo, fazendo parte dos transversais os princípios fundamentais e os princípios específicos.

Os princípios fundamentais referem-se às relações numéricas entre os jogadores da própria equipa e os da equipa adversária no centro do jogo resultando na procura da criação de superioridade numérica, no evitar a igualdade numérica e na recusa da inferioridade numérica, quer esteja a equipa com ou sem a posse da bola.

Segundo Castelo (2014) existem, de igual forma, princípios específicos do jogo, que buscam a coordenação das decisões/acções dos jogadores que se encontram dentro da unidade estrutural funcional.

Os princípios específicos ofensivos, segundo o mesmo autor, são:

- 1) Penetração (1º atacante) – procura persistente de penetração nas diferentes linhas de resistência da equipa adversária por parte da equipa em posse de bola. Este princípio é consubstanciado por um ataque constante à baliza adversária ou a espaços vitais do jogo, uma agressividade ofensiva, uma elevada velocidade de decisão/acção, e uma adequada percepção da relação risco-segurança a adoptar pela equipa em cada fase, etapa ou momento do jogo.
- 2) Cobertura ofensiva (2º atacante) – procura de provisão de linhas de passe em rotura ou apoio ao 1º atacante. Este princípio é consubstanciado por um facilitar da opção táctica ao atacante com bola, pela redução da pressão defensiva sobre este último, possibilitar-lhe a opção pela ultrapassagem do adversário directo, pela comunicação essencialmente verbal com o 1º atacante sobre o contexto situacional momentâneo, e pela manutenção de um equilíbrio defensivo em caso de perda da bola através da concentração de jogadores no centro de jogo.
- 3) Mobilidade (3º atacante) – procurar o desequilíbrio, à largura e em profundidade, da organização defensiva adversária estando garantida a

cobertura ao 1º atacante. É consubstanciado pela criação, ocupação e exploração de espaços livres, pelo desequilíbrio da organização defensiva adversária colocando problemas na exploração do espaço ou através do arrastamento de defesas para posições desajustadas, pelo simular das verdadeiras intenções tácticas, e pelo uso de deslocamentos ofensivos com rápidas mudanças de ritmo e direcção.

Garganta et al. (2013), relativamente à proposta de princípios específicos, propõem ainda um 4º princípio específico ofensivo:

- 4) Espaço – ampliar o espaço de jogo efectivo, expandir as distâncias entre os adversários, dificultar as marcações defensivas da equipa adversária, facilitar as acções ofensivas da própria equipa, dar sequência ao jogo procurando opções seguras para a manutenção da posse de bola.

Os princípios específicos defensivos, segundo o Castelo (2014), são:

- 1) Contenção (1º defesa) – procura da recuperação da posse da bola ou protecção da baliza por parte do defesa mais próximo do atacante em posse de bola. Para a sua consecução contribui uma reacção pronta e imediata à perda da bola, em função da bola, adversários, colegas e espaços vitais do jogo, uma marcação rigorosa ao portador da bola, o direccionar dos atacantes para zonas não vitais do jogo ou que possibilitem a recuperação da bola, e o limitar de opções tácticas do atacante assente numa atitude de iniciativa mesmo sem a bola.
- 2) Cobertura defensiva (2º defesa) – apoiar/ajudar o 1º defesa. Este princípio visa proporcionar maior iniciativa ao 1º defesa na agressividade e iniciativa defensivas que aplica face ao portador da bola, um incremento da pressão sobre o 1º atacante sempre que intervém sobre a bola, um equilíbrio defensivo no centro de jogo, e o antecipar de uma possível ultrapassagem do 1º defesa passando a assumir o princípio da contenção.

- 3) Equilíbrio (3º defesa) – procurar contrapor o princípio ofensivo da mobilidade. Este princípio visa a estabilidade da organização da própria defesa, a procura de tornar previsível o jogo ofensivo do adversário pela redução de espaços e opções à progressão da bola, a continua marcação de espaços e atacantes por onde o ataque se possa desenvolver, e a priorização dos critérios de gestão da situação pela monitorização das distâncias, adversários, bola, espaço de jogo, entre outros.

Garganta et al. (2013), relativamente à proposta de princípios específicos, propõem ainda um 4º princípio específico defensivo:

- 4) Concentração – aumentar a protecção à baliza, orientar o jogo defensivo adversário para zonas de menor risco no espaço de jogo, propiciar o aumento da pressão sobre a zona de disputa da bola.

O cumprimento destes princípios não limita as equipas a uma mesma forma de jogar, pois eles visam garantir condições essenciais para uma operacionalização eficaz da forma de jogar pretendida, sendo crucial a existência de ideias claras sobre a forma como devem os jogadores e a equipa gerir as diferentes fases, etapas e momentos do jogo (Garganta et al., 2013).

Se atrás referimos o papel da observação e análise do jogo como elemento presente na concepção de jogo de um treinador, será justo considerar que a observação das melhores equipas, sejam clubes sejam selecções, nas melhores competições, será um caminho recomendável para a identificação de quais as tendências evolutivas do jogo e que padrões de jogo se revelam mais eficazes (Castelo, 2014).

No Futebol as equipas vencedoras efectuem maior número de remates e de remates à baliza do que as equipas que perdem e empatam, e como indicadores que melhor diferenciam as equipas que ganham, perdem ou empatam, de forma geral, encontramos o número total de remates, remates à baliza, cruzamentos, cruzamentos contra, posse de bola e local do jogo (Lago-Peñas, Lago-Ballesteros, Dellal & Gómez, 2010).

Existe uma tendência para o aumento do número de golos à medida que o jogo de Futebol progride na sua duração, tendo sido verificado nos Campeonatos do Mundo de 1998, 2002 e 2006 uma maior frequência de golos na 2ª parte e que nos últimos 15 minutos se marcam significativamente mais golos que nos precedentes períodos com a mesma duração, podendo ser consequência de decisões dos treinadores, surgimento de fadiga, entre outros (Armatas, Yiannakos & Sileloglou, 2007).

No Campeonato da Europa de 2004, verificou-se, inclusivamente, uma diferença estatisticamente significativa entre os golos marcados na 2ª e na 1ª partes (57,4 e 42,6%, respectivamente), com 44,1% dos golos a surgirem na sequência de ataque organizado, 35,6% na sequência de esquemas tácticos e 20,3% após contra-ataques (Yiannakos & Armatas, 2006). No que aos golos obtidos através de esquemas tácticos, verificou-se que a maioria era alcançada na sequência de pontapés-de-canto (40%), seguido de livres directos ou indirectos, penalties e lançamentos de linha lateral (30, 25 e 5% respectivamente).

Numa análise à forma como foram obtidos os golos no Campeonato do Mundo de 2006, constatou-se que 47,1% o tinham sido após ataque organizado, 32,6% na sequência de esquemas tácticos e 20,3% após contra-ataques, assim como 36,4% haviam surgido após passes longos, 23,6% de combinações tácticas, 20% na sequência de remates directos e 16,4% a culminarem jogadas individuais (os auto-golos representaram 3,6% da totalidade dos golos marcados), e ainda que a maioria dos golos é obtida dentro da área de grande penalidade (51,3%), seguida da área de baliza e de fora da área de grande penalidade (32,17 e 16,52% respectivamente), sendo estes resultados semelhantes aos referentes ao Europeu de 2004 (Armatas & Yiannakos, 2010; Yiannakos & Armatas, 2006).

Um aspecto que representa, igualmente, um dado muito importante para os treinadores é o de numa grande percentagem de jogos (73,21% no Mundial de 2006) as equipas que marcam primeiro acabam por os ganharem (Armatas & Yiannakos, 2010).

Smith e Cushion (2011) ao investigarem os comportamentos de treinadores profissionais de Futebol durante os jogos verificaram que o mais observado foi o silêncio (40,38%), tido como um processo intencional com vista à análise individual dos jogadores

bem como à da tática colectiva da equipa, seguido de instrução (22,42%), e elogios (17,66%) com um rácio de 16:1 entre estes e as repreensões (1,14%), verificando-se 4,61% de estímulo para actividade, sendo este último geralmente acompanhado do primeiro nome do jogador (25,02% de todos os comportamentos independentes foram acompanhados da utilização do primeiro nome do jogador).

Numa análise efectuada sobre o Campeonato do Mundo de 2010, foi verificado que as equipas vencedoras obtiveram percentagens de posse de bola significativamente superiores às perdedoras, efectuem um maior número de passes certos, e obtiveram uma maior percentagem de ataques efectivos e um número significativamente maior de ataques que terminaram com remate à baliza do adversário (Janković, Leontijević, Pašić & Jelušić, 2011).

Collet (2013) constatou que a capacidade de uma equipa ter maior percentagem de posse de bola era um preditor de resultados positivos quer a nível de competições nacionais, competições europeias e, ainda, a nível das competições internacionais de selecções. Este indicador via o seu efeito diminuído quando se compararam equipas de nível qualitativo semelhante.

Este autor verificou uma relação significativa entre passes e remates efectuados e sucesso geral das equipas em competições nacionais, com um peso importante na eficiência.

Lago e Martín (2007) reportaram que as equipas de Futebol têm maior percentagem de posse de bola quando estão a perder do que quando estão empatadas ou a ganhar, sendo que as equipas que jogam em casa apresentam um aumento de 6% comparativamente a jogarem fora para este indicador.

Aproveitando esta última referência, reportamo-nos agora ao efeito de vantagem de jogar em casa, vastamente estudado no âmbito de diversos desportos.

Lago-Peñas e Lago-Ballesteros (2011) verificaram no Campeonato Espanhol a percentagem de 61,95% de vitórias para as equipas que jogam em casa e 38,05% de vitórias

para as equipas visitantes, tendo excluído da análise os empates, e constataram que as equipas visitadas ganharam mais jogos contra equipas qualitativamente inferiores do que contra equipas do mesmo nível ou superior, obtiveram maior média de golos marcados, remates efectuados e remates à baliza, cruzamentos, posse de bola, passes efectuados e passes com sucesso, entre outros indicadores, sendo que as equipas visitantes obtiveram maiores médias de perdas de posse de bola e cartões amarelos.

Del Corral, Barros e Prieto-Rodriguez (2007), analisaram os factores que determinavam a realização da 1ª substituição por parte dos treinadores (fosse esta realizada ao intervalo ou no decurso da 2ª parte), verificando que as equipas visitadas têm uma maior probabilidade de alterar a equipa ao intervalo do que as visitantes, não se verificando diferenças significativas quando se analisam as substituições efectuadas na 2ª parte apenas.

Estes autores verificaram, também, que as equipas que estão a ganhar um jogo fazem a sua 1ª substituição mais tarde do que quando estão a perder, sejam visitadas ou visitantes, as substituições ofensivas surgem, preferencialmente, antes das defensivas quando a vitória ainda não está assegurada, e quanto maior for a qualidade do adversário mais tarde ocorrerá a 1ª substituição.

Esta concepção de jogo será depois operacionalizada independentemente dos jogadores que o treinador tenha à disposição ou, por outro lado, considerará as capacidades e especificidades dos jogadores, sendo que treinadores existem que preferem a 1ª opção, construindo inclusivamente o plantel de forma que este se adapte e responda às exigências do modelo, e treinadores que preferem a 2ª opção, conceptualizando o modelo atendendo desde o início às características do plantel.

Parece-nos que num contexto de Selecção um treinador terá um maior espaço de possibilidades para conceptualizar um modelo independentemente dos jogadores que tenha à disposição, ou pelo menos não atribuindo uma relevância maioritária a este aspecto, ao poder seleccionar de entre um vasto leque de jogadores os que considere melhor serem capazes de interpretar as especificidades do modelo, do que acontecerá num contexto de Clube, onde um treinador estará sempre limitado por questões financeiras que lhe permitam a aquisição de

jogadores, janelas de mercado para o efectuar e também pelos jogadores disponíveis dos sectores de formação dos clubes.

É crucial que os jogadores saibam e compreendam o que a equipa deles espera e o espectro de actuação e funções que devem desempenhar no decurso do jogo, sendo que um treinador deverá ter presente a heterogeneidade, regra geral, que se verifica nas equipas de futebol no que à proveniência dos jogadores diz respeito, falamos das diferentes culturas de países e culturas dos modelos de jogo aos quais foram expostos no seu processo de formação e/ou nos clubes e treinadores antecedentes, que resulta em conhecimentos diferenciados acerca da realidade do jogo, não melhores nem piores, apenas diferentes (Castelo, 2014).

No contexto de Selecção, se por um lado a maioria dos jogadores provenha de uma mesma cultura nacional, parece-nos vital contemplar que, acrescentando a tudo o que referimos acima, os jogadores convocados nos diferentes momentos da época provêm dos seus respectivos clubes e seus respectivos modelos de jogo, resultando isto num constrangimento acrescido à conceptualização de um modelo de jogo aliado ao constrangimento de operacionaliza-lo de forma intermitente no decurso de uma época.

Atendendo às características dos jogadores, o modelo deverá precisar as missões tácticas de cada um, evitando ambiguidades, limitando ou ampliando o seu raio de acção nos diferentes sectores de jogo e respectivas regras de cooperação com os colegas que podem variar em função de diferentes contextos situacionais, desde que balizados (Castelo, 2014).

De acordo com Castelo (2014) a concepção de um modelo de jogo deve considerar também os constrangimentos do clube, ou Selecção no caso deste relatório, tendo presente:

- a) A dimensão cultural do clube, assente na sua tradição, missão e identidade representada pela ligação emocional dos jogadores aos valores da cultura organizacional.
- b) O nível de jogo dos jogadores e da equipa.
- c) Os objectivos a atingir, intimamente associado às condições económico-financeiras do clube, quer se pretenda um máximo rendimento para alcançar

todos os títulos em disputa ou se pretenda um máximo rendimento em função dos jogadores à disposição. Neste ponto, em contexto de Selecção, o investimento económico-financeiro é visível acima de tudo nas condições logísticas disponibilizadas e número de jogadores que sejam permitidos ao treinador convocar.

- d) A formação da equipa, que no contexto de Selecção permite um amplo espectro de possibilidades por forma a garantir o equilíbrio considerado pertinente pelo treinador independentemente do momento da época ao passo que em clube os treinadores estão sempre sujeitos às janelas de mercado caso queiram promover alterações no plantel, por via da ocorrência de lesões, incidentes disciplinares ou quebra de rendimento.

Este último aspecto leva-nos a abordar a formação de um plantel, cujo modelo de jogo especifica um determinado perfil de jogador a que o modelo de observação e análise procurará dar resposta, por exemplo, através da prospecção de jogadores, seja em contexto de Clube ou de Selecção, a que nos reportaremos à frente (Castelo, 2014).

Castelo (2014) refere que a troca pontual ou permanente de posições e funções entre dois jogadores no decorrer de um jogo não desvirtuará o modelo de jogo, desde que o treinador seja hábil na conciliação da sua concepção com as características destes. Concordando, essencialmente em contexto de Clube, que estas trocas efectivamente ocorrem e que não resultam necessariamente num desvirtuar do modelo de jogo, colocamos em causa a pertinência de permitir tal facto em contexto de Selecção.

Queremos com isto questionar até que ponto deve um treinador, neste contexto, permitir ou incitar a troca posicional e de funções dos jogadores em jogo. Haverá tempo suficiente para possibilitar tais acontecimentos, mesmo que em momentos se pudessem verificar positivos para a resolução de determinados contextos situacionais, quando a assimilação do modelo de jogo adoptado e, conseqüentemente, apreensão da profundidade das exigências e limites espaciais das funções definidas para cada jogador, estão tão constrangidos pelo tempo disponível para a sua operacionalização?

Castelo (2014) aponta para um plantel entre os 21 e os 24 jogadores como o mais adequado, dependendo da densidade competitiva, e que possibilite uma resposta positiva face a possíveis castigos e/ou lesões, verificando-se tão fundamental o papel dos jogadores considerados titulares como o dos suplentes na medida em que estes devem estar sempre preparados a responderem às exigências competitivas em função do mencionado assim como a forma como encaram o processo de treino assume papel crucial.

Um forte comprometimento em termos de treino fará com a necessidade de superação de todos os jogadores seja constante, assim como possibilitará que os jogadores considerados titulares possam treinar determinados cenários estratégicos, para a confrontação com adversários cuja qualidade aconselhe a uma maior contemplação no processo de treino, de uma forma o mais real possível.

A integração de novos jogadores aporta sempre problemas de integração, mais ou menos facilmente ultrapassados de acordo com a percepção do grupo acerca do aporte de qualidade que aqueles tragam (Castelo, 2014), sendo este aspecto fortemente vincando em contexto de Selecção onde a integração de novos jogadores pode ocorrer de estágio para estágio e em larga medida.

Este último ponto ou outros podem resultar na ocorrência de conflitos, de maior ou menor duração e frequência, que devem ser alvo de uma opção do treinador pela sua intervenção ou não no sentido de os resolver (Castelo, 2014).

4. Modelo de treino

Como vimos anteriormente, o modelo de jogo conceptualizado necessita de um modelo de treino congruente e específico que o operacionalize.

Para tal, há necessidade de se treinar como se estivesse em competição, ou seja de seleccionar e recriar cenários similares aos que ocorrem na competição ao nível das componentes estruturais – volume, intensidade, densidade e frequência – e das condicionantes estruturais – regulamento, espaço, tático-técnica, tempo, número e instrumentos – assim

como estimular o desenvolvimento de atitudes e aperfeiçoamento de comportamentos promovidos pela utilização dos diferentes métodos de treino (Castelo, 2014).

Quanto maior o grau de congruência do modelo de treino, por intermédio da opção por metodologias específicas entre as que estão à disposição do treinador, e o modelo de jogo, conceptualizado por este, maiores serão as possibilidades para uma superação constante dos jogadores e da equipa (Castelo, 2014).

Para isto resulta fundamental que o modelo de jogo seja reproduzido de forma sistemática pelo modelo de treino, sendo por este representado sempre que possível, e frisamos aqui este aspecto do “sempre que possível”, e servindo como guião à opção e sequenciação pelos diferentes métodos de treino no planeamento das sessões e microciclos de treino (Castelo, 2014).

Castelo (2014) refere mesmo que desta constatação não se deve inferir a absoluta opção por metodologias de treino específicas, mesmo que estes proporcionem uma maior adaptação e consequentes desempenhos superiores em competição, isto porque momentos haverá em que os métodos de treino poderão ser optados com vista ao aperfeiçoamento de um determinado gesto técnico, por exemplo o passe, ou a execução de um esquema táctico, como um pontapé-de-canto ofensivo, ou o desenvolvimento de uma capacidade condicional, como por exemplo a resistência.

Mas como se verifica e constata então a maior ou menor especificidade de um método de treino?

Esta é função do grau de semelhança com o modelo de jogo conceptualizado pelo treinador, sendo que daqui resulta que a cada modelo de jogo conceptualizado corresponderá um modelo de treino específico para o operacionalizar (Castelo, 2014).

Tal como referimos para a concepção de um modelo de jogo, deste derivará a necessidade de conceptualização e operacionalização de um modelo de treino que força o

treinador a priorizar de forma eloquente o que deve treinar, quando e através de que cenários, e com que nível de complexidade (Castelo, 2014).

Sendo o modelo de jogo o referencial do modelo de treino, o treinador deve procurar as metodologias de treino específicas que promovam o desenvolvimento da forma de jogar, das funções ou tarefas específicas dos jogadores nas diferentes fases, etapas ou momentos do jogo.

O modelo de treino através dos métodos de treino decididos, mesmo os que apresentem uma maior representatividade, isto é um maior grau de semelhança com a competição e o modelo de jogo conceptualizado, fica sempre aquém da competição como já vimos.

Segundo Castelo (2014), todos os métodos de treino configuram uma maior ou menor leque de possibilidade de resolução por parte dos jogadores e da equipa, inibindo ou amplificando partes de um todo que se pretende desenvolver e aperfeiçoar, sendo que somente algumas decisões/acções que emergem dos diferentes contextos situacionais propostos são possíveis e viáveis de emergir.

Isto é feito com o objectivo de especificar e privilegiar certas relações entre jogadores intra ou inter-sectorialmente com vista ao desenvolvimento de rotinas e padrões de jogo (Castelo, 2014), devendo ser uma opção ponderada e assumida pelo treinador que, mesmo alterando e agindo por intermédio de cenários mais ou menos próximos do que é a competição mas nunca idênticos, procurará um afastamento de maior ou menor grau dessa realidade competitiva consoante o que considerar mais eficaz no sentido de potenciar operacionalizar o modelo de jogo que quer ver implementado na competição.

O método de treino deverá operacionalizar, dentro de determinados limites, as principais características do modelo de jogo no que concerne ao sistema táctico, tarefas ou missões tácticas dos jogadores e princípios de jogo, nas diferentes fases, etapas ou momentos do jogo (Castelo, 2014).

Necessitamos neste ponto de elucidar que tipo de ferramentas operacionais, isto é, que exercícios ou métodos de treino tem o treinador à disposição para operacionalizar o modelo de treino.

Socorremo-nos das propostas de Castelo (2009; 2014) para abordarmos os factores estruturais dos exercícios de treino – componentes e condicionantes – e uma taxinomia dos exercícios de treino.

Como componentes estruturais do exercício de treino, das quais resulta o nível de adaptação funcional dos jogadores, temos:

- Volume – representa o aspecto quantitativo da actividade do jogador ou da equipa, sendo exprimido por unidades de medida em função de tempo, distância, número de repetições, entre outros. O volume altera-se em função do modelo de jogo, isto é, para uma equipa que assente o seu processo ofensivo, por exemplo, num ataque continuado necessitará de acumular volumes elevados. O seu incremento pode ser conseguido pelo aumento da duração do exercício, pelo aumento do número de repetições, pelo aumento do tempo de execução, pelo aumento da duração da sessão de treino e pelo aumento do número de sessões de treino. Esta componente apenas determina o grau de especificidade do método de treino relativamente ao modelo de jogo quando complementado pela intensidade.
- Intensidade – representa o aspecto qualitativo da actividade do jogador ou da equipa, isto é, trata-se da frequência de execução motora dos jogadores ou da equipa em resposta às situações de treino na unidade de tempo. Podemos verificar 4 níveis de intensidade – baixa, média, ajustável às capacidades do jogador ou da equipa (óptima), e elevada. Esta componente pode ser manipulada através da prestação do jogador – consoante o seu nível maior ou menor de preparação para a actividade proposta – da especificidade das acções motoras – quanto maior for a proximidade do exercício de treino com o modelo de jogo e as condições reais da competição, mais intenso será – do

aumento da complexidade – no sentido em que quanto maior a quantidade de informações que o jogador tenha de perceber e processar, mais intenso será o exercício – da manipulação da densidade – número de exercícios realizados na unidade de tempo bem como a forma de recuperação entre estes, sendo o exercício tanto mais intenso quanto menor o tempo de pausa – da pressão do factor psicológico – quanto maior a pressão sobre os processos de percepção de informação e tomada de decisão maior a intensidade do exercício – e da variação do ritmo de jogo – maior ou menor consoante ordem e velocidade de execução das acções, espaço onde ocorrem e a sua distribuição no tempo. A intensidade pode ser avaliada pela monitorização da frequência cardíaca e da contemplação de zonas de intensidade.

- Densidade – representa a relação entre o exercício ou série de exercícios realizados e o repouso, na unidade de tempo. Em termos práticos é consubstanciada pela pausa utilizada entre exercícios por forma que exista uma relação óptima entre exercício e recuperação. Esta componente contribui para a eficiência do processo de treino evitando que os jogadores atinjam estados críticos de fadiga, ou mesmo exaustão, e estabelecendo uma correcta relação entre o esforço que resulta da prática de um exercício e o repouso entre repetições ou entre este e outro exercício. A densidade varia em função do tempo de pausa entre cada exercício de treino, a intensidade de cada exercício, a duração total do exercício, do número total de repetições ou séries do exercício, da capacidade de rendimento do jogador e da complexidade/dificuldade do exercício. As pausas de recuperação tanto podem ser de tipo completo – permitem uma recuperação que possibilita que reiniciem o mesmo ou iniciem outro exercício em condições mínimas de fadiga – incompleto – ao iniciarem a actividade seguinte os jogadores ainda sentem os efeitos do exercício anterior - ou reduzido – os jogadores apresentam uma capacidade de resposta diminuída quando iniciam a próxima actividade - como ter forma activa – quando os jogadores executam acções complementares que visam o acelerar dos processos de recuperação no

decorso da pausa - ou passiva – quando os jogadores não efectuam qualquer tipo de acções motoras complementares ou adicionais no decorso da pausa. Os treinadores recorrem geralmente à monitorização da frequência cardíaca, à sua capacidade de observação ou ao pedido de opinião ao jogador, e à ressíntese do sistema de energia utilizado, para determinarem os tempos de pausa adequados à recuperação dos jogadores.

- Frequência – é representada pelo número de repetições de um exercício ou séries de exercícios de treino na unidade de tempo, seja na sessão, no microciclo ou no ciclo anual de treino.

Como condicionantes estruturais do exercício de treino temos:

- Regulamentar – qualquer actividade desportiva necessita de um conjunto de regras ou leis que permitem a sua identificação entre as demais bem como a sua integridade e possibilidade de sociabilização entre os praticantes. O treinador pode optar por simplificar, manter ou aumentar os constrangimentos relativos às Leis do Jogo de futebol na concepção dos exercícios de treino.
- Espaço – representa o espaço onde se desenrola o exercício de treino, que o treinador pode conceber atendendo à dimensão – reduzido, próximo ou idêntico ao da competição – à geometria – utilização de espaços rectangulares, quadrangulares ou triangulares, entre outros – à utilização – podendo ser independentes, quando o atacante ou defesa desenvolve as suas acções no respectivo espaço sem interferir no do adversário, comuns, onde todos os jogadores podem interferir sobre os diferentes espaços de jogo, mistos, onde alguns jogadores podem interferir em diferentes espaços de jogo enquanto outros se mantêm confinados aos seus respectivos espaços, e interditos, quando dentro dos espaços anteriores se definem zonas onde todos ou alguns jogadores não podem intervir – e à divisão – pela definição de corredores e sectores de jogo.
- Tático-técnica – visa potenciar a sistematização das situações dentro da lógica do conteúdo a ser treinado no exercício ou sessão de treino, potenciar o

carácter alternativo das situações, respeitando a variabilidade característica da competição, potenciar a unidade da formação táctica elementar e complexa, buscando uma progressão de fases elementares para fases complexas dos diferentes contextos situacionais propostos aos jogadores e à equipa, potenciar a unidade da formação táctica individual e colectiva, considerando os comportamentos de elementos individuais – jogadores – de grupos de jogadores – sectorialmente ou em relações de vizinhança de jogadores com tarefas ou missões tácticas próximas – ou no seio da equipa – totalidade dos jogadores, potenciar a unidade da formação táctica teórica, por intermédio de exercícios que recorrem à representação abstracta ou verbalizada de determinados conhecimentos tácticos, e potenciar soluções tácticas de carácter indutivo e dedutivo, relação entre as soluções conceptualizadas no modelo de jogo pelo treinador – indutivo – e a capacidade dos jogadores e da equipa para encontrarem e criarem – dedutivo – as soluções necessárias na confrontação com acções adversárias. O treinador pode manipular esta condicionante na concepção dos exercícios de treino utilizando uma, duas ou mais balizas, condicionando a utilização do membro inferior dominante, estabelecendo relações privilegiadas entre jogadores ou entre estes e determinados espaços de jogo, e direccionando as acções motoras dos jogadores.

- Tempo – a manipulação desta condicionante o nível do exercício de treino pode ser consubstanciada sob o prisma da produção energética – podendo o exercício ser de cariz anaeróbio aláctico, anaeróbio láctico, aeróbio ou misto – sob o prisma estratégico-táctico – utilizando o factor temporal através do qual o treinador pode definir momentos chave para a concretização do golo, reduzir ou aumentar o tempo do jogo aquando da concretização do golo ou através da divisão do tempo do exercício em parciais – e sob o prisma do tempo de decisão e execução motora – através do qual o treinador define o número de toques na bola por intervenção, o número de acções de passe

possíveis para atingir o golo e o tempo para a organização das fases de construção do processo ofensivo e criação de situações de finalização.

- Número – a manipulação desta condicionante pode ser feita pela definição do número de toques na bola por intervenção – podendo ser fixo, limitado, misto ou livre – pela definição do número de acções de passe – podendo ser, igualmente, fixo, limitado, misto ou livre – e pelo número de jogadores – podendo ser totais ou parciais, estabelecendo relações de igualdade, inferioridade ou superioridade numérica.
- Instrumental – esta condicionante representa o número e características dos instrumentos/materiais utilizados no exercício de treino e seus possíveis significados simbólicos.

Tal como refere Castelo (2014), os métodos de treino devem respeitar os princípios da exclusividade e da universalidade, definindo o primeiro que cada método de treino de carácter geral ou específico é único sendo possível verificarmos algumas semelhanças estruturais e eventuais sobreposições funcionais pontuais entre os métodos, e o segundo que cada método de treino contém padrões e relações comuns que derivam de conceitos e ideias da lógica do jogo.

O autor propõe 3 eixos directores fundamentais com o objectivo de englobar todos os métodos e meios de preparação dos jogadores e das equipas:

- Dimensão Horizontal – os métodos de treino estão agrupados, estruturando as diferentes categorias destes mediante a utilização da bola e da concretização de golo, nas seguintes famílias:
 - I. Métodos gerais de treino (MGT) – não utilizam a bola regulamentar de jogo como meio central de decisão/acção dos jogadores tanto individualmente como colectivamente, no desenvolvimento e cumprimentos das tarefas de treino;
 - II. Métodos específicos de treino (MET) – utilizam a bola para o desenvolvimento das capacidades individuais e colectivas, mantendo-se os pressupostos inerentes ao espaço, jogadores em cooperação ou oposição, e outros instrumentos de treino, como
-

as balizas. Dentro dos MET é possível diferenciar entre métodos específicos de preparação geral (MEPG) e métodos específicos de preparação (MEP), na medida em que os primeiros não têm na sua concepção como objectivo a marcação de golo ao passo que os últimos se desenvolvem em cenários e ambientes mais próximos da realidade competitiva contemplando desta forma a procura da concretização do objectivo do jogo.

Em termos da operacionalização do modelo de treino os MEP apresentam uma maior aproximação às logicas da competição e ao modelo de jogo conceptualizado do que os MEPG e estes últimos maior aproximação, consequentemente, do que os MGP.

- Dimensão Vertical: estrutura e organiza os diferentes meios de treino segundo diferentes conceitos, objectivos, regras e momentos próprios de aplicação na sessão ou microciclo de preparação dos jogadores ou das equipas, unidos no quadro de uma matriz lógica e metodológica de treino:
- I. MPG – consubstanciam exercícios que fomentam a preparação multilateral dos jogadores, direccionam os processos de recuperação e criam uma base funcional sobre a qual os outros métodos de treino se apoiam sustentadamente, estando normalmente organizados em meios com vista ao desenvolvimento da resistência, da força, da velocidade e da flexibilidade dos jogadores.
 - II. MEPG – consubstanciam exercícios realizados em contextos situacionais básicos do jogo quando comparados com o verificado na competição, tendo por objectivo desenvolver uma relação primordial dos jogadores com a bola e/ou acções colectivas de cooperação e oposição, com número reduzido de jogadores. Os MEPG podem ser operacionalizados através do recurso a 4 tipos básicos de exercícios:
 - 1) Aperfeiçoamento das acções específicas do jogo (descontextualizados) – os jogadores utilizam as diferentes acções específicas do futebol como o passe, a recepção, a condução de bola, o remate, entre outros, em contextos situacionais isolados da realidade estrutural e funcional verificada na competição. Está subdividido em

exercícios de recepção-passe versus interceptação, condução da bola versus marcação e carga, e simulação e drible/finta versus desarme.

- 2) Manutenção da posse da bola – criam condições para objectivar decisões/acções dos jogadores, perante diferentes situações de jogo, pelo lado da segurança, não sendo permitidas situações de finalização. Está subdividido em exercícios em espaços de jogo reduzidos, em espaços de jogo regulamentares, e em exercícios secundados pelos métodos de jogo ofensivo e defensivo.
- 3) Organizados em circuito – visam o desenvolvimento de um conjunto de tarefas motoras com diferentes graus de semelhança, do ponto de vista técnico, técnico/táctico, físico, entre outros, organizadas em percurso ou em estações, metodológica e estrategicamente colocadas no espaço de jogo, estando os jogadores organizados individualmente ou em pequenos grupos. Está subdividido em exercícios técnico-físico, técnico/táctico-físicos e técnico-recreativos.
- 4) Lúdico/recreativos – promovem actividades e tarefas individuais e/ou colectivas de carácter lúdico, em ambientes de divertimento, alegria, prazer, com vista ao amenizar de tensões competitivas e promover a integração e coesão dentro da equipa. Entre os exercícios que geralmente se enquadram nesta categoria encontramos os meinhos, o futvólei, entre outros.

III. MEP – constituem-se como o núcleo central da preparação dos jogadores e das equipas, consubstanciando de forma regular e constante as condições estruturais e funcionais em que se verificam os diferentes contextos situacionais de jogo, sendo os máximos representantes de uma metodologia evoluída do treino do futebol. Os MEP podem ser operacionalizados através do recurso a 6 tipos de exercícios:

- 1) Finalização (para a concretização do objectivo do jogo) – criam condições favoráveis ao aperfeiçoamento e desenvolvimento da acção táctico-técnica de remate em momentos sucessivos e com elevadas probabilidades de êxito, visando desenvolver aspectos como a iniciativa, a improvisação ou a espontaneidade. Está subdividido em exercícios de finalização caracterizadas pela sua reduzida complexidade, em jogos de finalização com um número reduzido de jogadores e espaço de jogo, e em jogos de

finalização com um número de jogadores e espaços de jogo próximo das condições reais de competição.

- 2) Potenciação das missões tácticas dos jogadores no quadro da organização da equipa (metaespecializados) – delimitam o espaço de actividade dos jogadores, visando a racionalização e a optimização das acções individuais e colectivas, nas diferentes fases do jogo, estabelecendo um espaço e um tempo concreto de intervenção onde os jogadores decidem e agem em função dos contextos situacionais propostos. Potenciam as missões tácticas de todos ou de um conjunto de jogadores, simultânea ou separadamente, dentro da organização dinâmica da equipa. Está subdividida em exercícios sobre um sector e uma baliza, exercícios sobre dois sectores e uma ou duas balizas, exercícios sobre três sectores e uma ou duas balizas, exercícios secundados pelos métodos de jogo ofensivo, exercícios secundados pelo trabalho de sectores, e em exercícios secundados por jogos em espaço e número de jogadores reduzido.
- 3) Desenvolvimento de padrões ou rotinas de jogo (padronizados) – visam induzir, dirigir, moldar e coordenar as tomadas de decisão, os comportamentos e as interacções dos jogadores individual, sectorial e intersectorialmente, suportando-se num conjunto de rotinas ou padrões de jogo com maior ou menor probabilidade de ocorrerem, ofensiva ou defensivamente. Está subdividida em exercícios para uma organização ofensiva com médios e avançados, para uma organização ofensiva com defesas, médios e avançados, exercícios secundados pelos métodos de jogo ofensivo, exercícios secundados pelos métodos metaespecializados, exercícios secundados pelo trabalho de sectores, e secundados por jogos em espaço e número reduzido de jogadores.
- 4) Sincronização das acções dos jogadores pertencentes a um mesmo sector, bem como a sua interacção com os demais sectores da equipa (sectoriais e intersectoriais) – promovem condições de jogo para o aperfeiçoamento e optimização do trabalho colectivo, ao desenvolvimento da articulação e sincronização de cada sector de jogo, intrasectores, e entre os sectores de jogo, intersectores, isto é, envolve uma actividade individual e de cooperação entre parte ou a totalidade dos jogadores de um mesmo sector ou em articulação com os outros sectores do jogo. Está subdividida em

exercícios sobre dois ou três sectores de jogo, exercícios em espaços regulamentares com um número reduzido de jogadores em cada sector de jogo da equipa, exercícios organizados com 3 equipas, exercícios secundados pelos métodos de jogo ofensivo, exercícios secundados por jogos competitivos, e em exercícios com objectivos estratégicos e tácticos múltiplos.

- 5) Desenvolvimento de esquemas tácticos – visam o desenvolvimento de uma dada sincronização e sequencia comportamental individual e colectiva para diferentes situações fixas do jogo, como os pontapés-de-canto, livres laterais, livres frontais, entre outros, quer ofensivas quer defensivas, especialmente preparadas e executadas. Está subdividida em exercícios de livres directos ou indirectos perto da grande área sob diversos ângulos relativamente à baliza e longe dessa área, em exercícios de pontapés-de-canto curtos e longos, exercícios de lançamentos da linha lateral perto e longe da grande área adversária, exercícios de pontapés de saída, e exercícios de grande penalidade.
- 6) Competitivos com diferentes escalas de aproximação à realidade – visam uma adaptação funcional individual e colectiva, mais complexa e específica dos jogadores à realidade competitiva do jogo de futebol, sendo em tudo semelhantes à essência e à natureza da competição do jogo de futebol consubstanciando os que de facto mais se aproximam desta. Está subdividida em exercícios com relações numéricas diferenciadas, exercícios em função do resultado do jogo, exercícios com variadas durações temporais, exercícios que utilizam prescrições específicas para além do regulamento do jogo, e exercícios que enfatizam situações específicas do jogo.

- Dimensão Diagonal: Reflecte questões inerentes à ampla e complexa interacção entre os métodos de treino. Na verdade, a optimização do processo de preparação dos jogadores e das equipas consubstancia-se pela concepção e operacionalização, mas também pela interligação dos diferentes métodos de treino em função da sua lógica construtiva, dos objectivos e dos efeitos num quadro temporal, ou seja do planeamento, de aperfeiçoamento e de desenvolvimento. Assim, a dimensão diagonal da presente taxonomia equaciona essencialmente quatro questões:

- A primeira refere-se à descendência comum dos métodos de treino em virtude de estes estarem intrinsecamente relacionados uns com os outros. Assim, todos os métodos de treino bem como as suas subdivisões suportam-se, complementam-se e competem entre si. Em nossa opinião, os métodos de treino são conceptualizados e operacionalizados a partir de elementos lógicos da realidade competitiva, isto é, de fluxos organizativos e informacionais em constante transformação, dos quais emergem decisões e interações de jogo, aumentando a sua complexidade e dificuldade, ajustando-se ao potencial acumulado e pressupostamente crescente dos jogadores, bem como ao nível da assimilação do modelo de jogo da equipa que se pretende atingir no futuro.
- A segunda desenvolve o problema da volatilidade dos métodos de treino, isto é, a facilidade de passagem de um método para outro. Esta é uma questão que se coloca no quadro da dispersão relativamente aos objectivos e efeitos adaptativos que se procuram na realidade atingir.
- A terceira explora a diferenciação, a exclusividade e a individualização dos métodos de treino, a qual imprime uma direcção específica de preparação, uma adaptação e uma lógica decisional particular.
- A quarta reflecte a interdependência dos métodos de treino no sentido da passagem de um para outro meio de treino, tendo como elemento de transferência a racionalidade dos contextos situacionais de jogo, sequenciando o incremento da complexidade e dificuldade destes, a conectividade entre informações relevantes e as acções de jogo e, por último, a variabilidade das diferentes situações de jogo no âmbito do imprevisto, do aleatório e do transitório, isto é, na aproximação à realidade competitiva. Controlando e manipulando estas questões, maiores serão as possibilidades de ampliarmos a riqueza estratégico/táctica de cada método aplicado. Em jeito de conclusão, os métodos de treino devem ser analisados à luz de “seres” em

desenvolvimento num corpo mental, motor e biológico pertencentes aos jogadores e à equipa que os pratica. Na verdade, a transformação e evolução dos métodos específicos de treino é absolutamente essencial. Sem estes não haveria desenvolvimento, os jogadores e as equipas não poderiam aceder e explorar outras formas de adaptação decisional e motora. Haveria com que um problema de especificidade com carácter “fechado” mantendo constantemente as mesmas conexões entre informação e acção, os mesmos padrões de jogo, bem como soluções estratégico/táticas que não atendem nem se abrem à inovação, à espontaneidade e à criatividade.

5. Modelo de Observação e Análise

Sendo características do jogo a transitoriedade, a variabilidade e a aleatoriedade, poder-nos-emos questionar, como Castelo (2014), acerca da pertinência da realização de um qualquer tipo de análise de jogo, em busca muitas vezes de relações de causalidade linear.

Ainda para mais, quando o treinador é o elemento que melhor capacitado está para evidenciar diagnóstica e prognosticamente as particularidades da organização dinâmica da equipa, atribuindo-lhes um valor real e significativo (Castelo, 2014).

No entanto, e como o próprio autor refere, é de facto possível verificar um conjunto de rotinas ou padrões de jogo que se verificam de forma mais premente que outras, também plausíveis e possíveis de ocorrerem.

Temos, assim, que a um modelo de jogo deverá corresponder, também, um modelo de observação e análise, existindo tantos modelos de análise quantas as concepções de jogo dos treinadores (Castelo, 2014).

Este modelo de observação e análise só assume papel credível, quantificável e qualificável, apenas e quando estiverem claramente definidos os elementos a serem analisados bem como os critérios de avaliação correspondentes, de maneira que a informação recolhida

seja passível de ser utilizada na conceptualização e operacionalização do modelo de treino em consonância com as verdadeiras necessidades da equipa, que resultam da análise do seu comportamento e desempenho em competição (Castelo, 2014).

Tal como vimos anteriormente aquando da abordagem conceptual ao modelo de jogo, a observação e análise das equipas adversárias assume papel fundamental na preparação dos jogadores e das equipas na medida em que fornece ao treinador referências das rotinas ou padrões de jogo do adversário que, posteriormente, decidirá em que medida valorizar e contemplar ou não na operacionalização do modelo de treino de forma estratégica.

Pain e Hardwood (2007) num estudo com atletas e treinadores das selecções jovens de futebol inglesas e cientistas do desporto verificaram que a falta de informação relativa aos seus adversários era um dos grandes factores que influenciavam negativamente o seu desempenho.

Derivado da observação e análise da equipa adversária e comparação do seu modelo de jogo com o da própria equipa, fornece ao treinador a possibilidade promover adaptações e subtis modificações de cariz pontual e temporário a nível estrutural e funcional da própria equipa, definir que conteúdos trabalhar no ciclo de treino de preparação para o jogo, determinar que aspectos estratégico-tácticos poderão determinar o sucesso no jogo, e preparar-se teórica e mentalmente para a competição (Castelo, 2014).

Temos assim também a pertinência da observação e análise das equipas adversárias, que influência igualmente a conceptualização e operacionalização do modelo de treino.

O modelo de observação e análise deverá, de igual forma, ser extensível à análise de jogadores individualmente, isto é, deve ser contemplado um modelo de observação e análise para o recrutamento ou prospecção de jogadores, em íntima relação com o modelo de jogo conceptualizado pelo treinador, com vista a procurar detectar e seleccionar os jogadores que melhor se podem integrar e adaptar à concepção de jogo deste.

Todos estes três aspectos se afiguram pertinentes em relação não apenas ao contexto de Clube mas também ao contexto de Selecção, como veremos mais à frente quando abordamos uma forma de conceptualização e operacionalização de um modelo de observação e análise que contempla estas três vertentes: análise da própria equipa, análise prospectiva de jogadores, e análise de equipas adversárias.

Importa, contudo, esclarecer agora em que deve consistir o modelo de observação e análise, socorrendo-nos novamente do modelo proposto por Castelo (2014), segundo o qual deverá conter as fases, etapas e os momentos do jogo.

- I. Fases do jogo: determinadas pela posse ou não da bola, podemos definir uma fase do ataque ou processo ofensivo, quando a equipa se encontra em posse da bola, e uma fase da defesa ou do processo defensivo, quando a equipa não está em posse de bola e a procura recuperar evitando cometer infracções;
- II. Etapas do jogo: constituintes de cada fase do jogo, desenvolvem-se ao longo de cada um destes processos, de ordem arbitrária, sendo identificáveis um conjunto de características em cada uma.

- Etapas do ataque:

- 1) Etapa de construção: é a mais observável no desenvolvimento do jogo, constando de circulações, combinações e acções tácticas individuais e colectivas, buscando o desequilíbrio na organização defensiva adversária. Divide-se em 1ª etapa de construção ou construção baixa, realizada no meio-campo próprio, e em 2ª etapa ou construção alta, realizada no meio-campo adversário.
- 2) Etapa de criação de situações de finalização: ocorre num espaço de jogo onde existe uma grande concentração de jogadores, especialmente defesas adversários, caracterizada por acções de maior risco individuais e colectivas. Pode ser verificado uma predominância de jogo exterior, através da utilização dos corredores laterais procurando situações propícias à ocorrência de cruzamentos, ou de

jogo interior, utilizando o corredor central através da rotura da organização defensiva adversária.

- 3) Etapa de finalização: ocorre numa zona restrita do terreno de jogo, com forte pressão dos adversários e de reduzido tempo para a decisão/acção. Esta etapa visa essencialmente a procura da concretização do objectivo do jogo, o golo, procurando-se para esse efeito linhas limpas de remate, o assumir de responsabilidade de finalizar logo que a oportunidade se apresente, rematar de espaços pouco habituais e deslocar-se após o remate com vista ao 2º momento da acção.

Para além das etapas, o autor propõe igualmente a caracterização dos métodos de jogo ofensivos:

1. Contra-ataque: rápida transição defesa/ataque, reduzido tempo de construção do ataque, elevado ritmo de decisão e de acção, simplicidade de processos, rentabilização do binómio tempo/espço, impedimento da organização da defesa adversária, e o inter-relacionamento intrínseco deste método com o método de jogo defensivo.
2. Ataque rápido: método com características semelhantes às do contra-ataque, sendo que a etapa de finalização neste é efectuada com a defesa adversária organizada no seu método defensivo.
3. Ataque posicional: maior duração da etapa de construção do processo ofensivo, evidencia uma acção colectiva num bloco compacto e homogéneo, segurança na resolução das situações de jogo, constituição de unidades estruturais funcionais, trinómio tempo/espço/número, ocupação racional do espço de jogo, e ainda a aplicação de métodos de jogo defensivos organizados longe da própria baliza.

- Etapas da defesa:

- 1) Etapa de equilíbrio defensivo ou de reacção à perda da bola: ocorre ou no desenrolar do ataque – pela aplicação de medidas preventivas por parte das equipas com vista a precaverem a possível perda da posse de bola – ou após a perda da posse da bola – devendo a equipa reagir de imediato à sua perda com vista a recuperar a bola, a evitar acções rápidas de ataque do adversário, e a temporizar o ataque adversário.
- 2) Recuperação defensiva: ocorre nos momentos após a impossibilidade de se recuperar de imediato a bola e estende-se até à ocupação do dispositivo defensivo preconizado pela equipa, tentando marcar espaços e adversários durante a recuperação defensiva, interpor-se entre o atacante e a própria baliza e obstruir a acção dos atacantes.
- 3) Defesa propriamente dita ou bloco defensivo: ocorre aquando da ocupação do dispositivo defensivo preconizado pela equipa, visando com a sua organização, coordenação, sincronização e colaboração, procurar recuperar a bola e/ou proteger a própria baliza.

Para além das etapas, o autor propõe igualmente a análise dos métodos de jogo defensivos:

1. Método individual: potencia o 1x1, fomenta o respeito pelo principio da contenção, promove situações de igualdade numérica, introduz a responsabilidade individual ao mais alto grau, recruta elevados níveis de resposta física, evidencia elevados níveis de atenção selectiva, e mobiliza elevados níveis de sacrifício.
2. Método à zona: potencia o todos contra um, responsabiliza cada jogador por uma zona de marcação, estabelece uma organização por linhas defensivas, reforça acções de entreaajuda e solidariedade, e introduz a defesa em linha.

3. Método misto: sintetiza os métodos individual e zona, possibilita que o defesa marque o atacante de uma para outra zona do campo, e reforça as acções de cobertura.
4. Método zona pressionante: promove a marcação rigorosa ao atacante de posse de bola, reduz o espaço efectivo de jogo, potencia continuamente a marcação a atacantes e espaços vitais de jogo, modela as condições de recuperação da bola, promove o aumento da concentração da organização defensiva, utiliza a comunicação verbal entre os jogadores, e desenvolve um elevado grau de espírito de equipa.

III. Momentos do jogo: representa cada passagem de uma para outra fase do jogo – transição – ou uma situação fixa do jogo, tratando-se de pontos no tempo em circunstâncias específicas, propícios para que algo positivo aconteça.

- Momentos do ataque:

- 1) Transição defesa/ataque: aproveitar o desequilíbrio da equipa que estava a atacar e tem de passar a defender, potenciar movimentações em largura e profundidade aumentando o espaço efectivo de jogo e o número de opções tácticas reduzindo as possibilidades de marcação, simplicidade nas acções individuais através da saída rápida das zonas de pressão e direccionado as acções no sentido da baliza adversaria, assegurar uma posse de bola segura e eficaz e atacar tao rápido quanto possível a baliza adversaria, e fomentar uma correcta leitura de jogo de modo a usar o método de jogo mais apropriado.
- 2) Esquemas tácticos ofensivos: marcação rápida da falta, surpreender os adversários, ocupar rapidamente as posições pré-definidas, atacar forte a 1ª e a 2ª bola, e marcar os adversários que não estão directamente implicados no processo defensivo da própria equipa.

- Momentos da defesa:

- 1) Transição ataque/defesa: reacção rápida e imediata de todos à perda da posse da bola, pressão constante sobre o portador da bola com os restantes a fecharem linhas de passe que permitam a progressão ou rotura da organização defensiva, rápida recuperação defensiva elevando o número de defesas atrás da linha da bola, e recurso à falta quando necessário.
- 2) Esquemas tácticos defensivos: evitar marcação rápida, ocupar posições definidas, posicionamento zonal ou misto, vigiar/marcar os adversários de referência, atacar forte a 1ª e a 2ª bola, e preparar para transitar ofensivamente.

Importa ainda considerar que não deve ser desconsiderada, desvalorizada, qualquer observação e análise realizada por dedução, racionalidade e inteligibilidade, apenas pelo facto de poderem não ser alvo de uma avaliação objectiva devido à sua complexidade (Castelo, 2014).

O apoio derivado do desenvolvimento das novas tecnologias na observação e análise assume um papel cada vez mais fulcral na preparação dos jogadores e da equipa, tratando-se de ferramentas que apoiam estes no sentido de modificar os seus comportamentos no sentido do modelo de jogo conceptualizado.

Veremos à frente de que forma este tipo de ferramentas podem ser úteis no suporte ao modelo de observação e análise, num contexto de uma Selecção.

Gostaríamos, por fim, fazer menção ao papel que o modelo de observação e análise pode ter não apenas referente à análise do modelo de jogo em competição, mas também na monitorização da operacionalização do modelo de treino de suporte ao modelo de jogo.

Queremos com isto evidenciar a relevância de efectuar observação e análise do processo de treino, analisando e reflectindo acerca dos métodos escolhidos e fazendo as respectivas conexões com o modelo de jogo concebido, para ajudar os jogadores no seu processo de assimilação do modelo.

Capítulo II – Método

1. Objectivos

O objectivo deste trabalho é a realização de uma análise profunda e reflexiva da preparação da selecção nacional de sub21, ao longo das épocas desportivas 2010/2011, 2011/2012 e início da época 2012/2013, no âmbito da preparação para o Campeonato da Europa Sub21 de 2013 em Israel.

Serão objecto de análise e reflexão os aspectos particulares do trabalho em contexto de Selecção, os aspectos particulares da geração de jogadores que fizeram parte da Selecção, a conceptualização do modelo de jogo, a conceptualização e operacionalização do modelo de treino e a conceptualização e operacionalização do modelo de análise e observação.

2. Amostra

A amostra deste relatório é constituída por 16 estágios aos quais correspondem 103 dias, incluindo 17 microciclos (no âmbito do planeamento da selecção nacional, o que difere em larga escala dos microciclos normalmente organizados nos clubes) o que fez um total de 95 sessões de treino. Para além dos dados apontados relativos ao processo de treino, importa incluir igualmente 47 observações das selecções adversárias, bem como 134 jogos nacionais e internacionais (oficiais e de preparação) e 23 sessões de treino para a definição/alinhamento das convocatórias dos jogadores representantes da selecção nacional.

3. Procedimentos

A elaboração de uma teoria/prática pode dar-nos a ilusão de explicar uma parte, mais ou menos significativa do jogo, todavia, a questão que aqui se coloca é a seguinte: *em que medida este conhecimento (teoria) melhora a concepção de metodologias de treino, bem como dos meios operacionais subjacentes, os quais consequentemente elevem, a eficácia individual e colectiva da equipa?* Toda e qualquer teorização do jogo de futebol deve permitir descrevê-lo, mas também, preocupar-se com a possibilidade de conceptualizar e intervir de forma eficaz no jogo, permitindo que cada interveniente (treinador, jogador, entre outros), mantenha um espírito crítico aberto e, descobrir por si, o melhor caminho que deve seguir. Existe uma enorme diferença entre a compreensão intelectual de um determinado conceito e a

capacidade de o aplicar de forma multifacetada na prática do dia-a-dia. Dito de outra forma importa que, a teoria (leia-se conhecimento), se transforma em acção (leia-se operacionalização) e que a acção seja conhecimento.

Partindo desta perspectiva, os procedimentos metodológicos utilizados durante a vigência deste relatório de estágio suportam-se num conjunto de actividades intrínsecas e extrínsecas fundamentais à constante construção de uma selecção nacional manipulando da melhor forma possível os constrangimentos que esta encerra.

Relativamente aos aspectos extrínsecos importa valorizar as actividades de comunicação constante com os diferentes treinadores dos clubes, de planeamento dos estágios da selecção, das observações dos jogadores e das selecções adversárias. Os aspectos intrínsecos suportam-se no planeamento de treino e da competição, da análise vídeo das sessões de treino e competição, reuniões de afinamento do modelo de jogo adoptado e reuniões de reconhecimento das regularidades e dos padrões de jogo dos adversários.

4. Cientificidade

Todo o conhecimento tem continuidades, reforços e rupturas. Na verdade, o desvendar hoje de um problema do jogo e a sua operacionalidade, é certamente o redimensionamento de outros problemas, no futuro, os quais serão bem mais difíceis de resolver devido a uma complexidade emergente, face a uma nova realidade. É por esta razão que muitas das ideias, conceitos, operacionalizações, entre outros, são constantemente actualizados e reformulados na base de uma melhoria do conhecimento e especialização do assunto em análise. Como refere Garganta (2001), *“não sendo o futebol uma ciência, muito beneficiará dos seus contributos”*. A questão que aqui se coloca é: *qual o grau de complexidade do jogo de futebol que é acessível em cada momento à nossa capacidade de entender, explicar e interagir com o fenómeno?* Nesta confluência admite-se que o conhecimento teórico e prático do jogo não se descobre, mas constrói-se a cada momento, renegando mentalidades fechadas e conformismos de métodos de treino aplicados sem qualquer espírito inovador, empobrecidos pela ausência de uma nova riqueza estratégico/táctica.

Teorizar a prática do jogo não é só ir ao encontro das teorias e das ideias existentes, reproduzindo-as. Mas antes, tomando-as em consideração e, em função de novos dados da investigação e da prática diária, construir-se um edifício teórico/prático do jogo, que se quer renovado, inovador e evoluído. Tendo sempre como referência a realidade prática, em cada momento do seu trajecto, isto é, interceptando e reconhecendo os diferentes fenómenos do jogo no quadro das componentes tempo e espaço numa dimensão e num momento preciso. Muitas são as ocasiões em que interpretamos o futebol como um arranjo consciente ou inconsciente, atendendo somente ao respeito pelas ideias ou paradigmas que o justificam. Logo, perante um qualquer conhecimento contraditório do jogo (mesmo que aparentemente), procura-se de imediato justificá-lo através de uma incorrecta análise ou interpretação da realidade. Em vez de o reflectir, relativamente às possíveis e naturais fragilidades que toda e qualquer teoria, por mais aperfeiçoada que seja, contém.

Neste contexto, elaboramos o presente relatório de estágio no quadro de aportes de uma metodologia de investigação de cariz qualitativa. Naturalmente que este não será o único caminho possível de modo a possibilitar a compreensão que o investigador experiencia, permitindo-lhe usar as suas valências e capacidade no sentido de melhor concretizar os objectivos que ambicionamos (Munroe-Chandler, 2005). Assim, com vista à melhor compreensão da natureza, aleatória, dinâmica e complexa do jogo de futebol, requer-se a recolha de informação relativa acerca das culturas, dos significados, dos contextos e processos com carácter qualitativo como ferramenta aconselhável (Pitney & Parker, 2002).

5. Limitações

Embora fossemos participantes activos no quadro da equipa técnica da selecção nacional sub21. Entendemos que existe em cada um de nós, independentemente do nosso nível prospectivo sobre um qualquer problema, a tendência de percebermos somente o que queremos encontrar (isto é, as nossas preferências ou paradigmas). Este facto deriva de não estarmos como seres humanos conceptualmente preparados para explicar, o que a cada momento não conseguimos compreender ou que, não cabe no quadro conceptual desse entendimento. Uma vez por falta de vontade própria e da curiosidade que não nos anima,

outras pela ausência de instrumentos de análise que lancem luz suficiente sobre os problemas, os quais o jogo de futebol evidencia ou “esconde”. Temos assim criada todas as condições para reafirmar tudo o que conhecemos e negar a parte que desconhecemos, manifestando neste âmbito e em certas circunstâncias, fortes dúvidas relativamente à sua própria existência.

Em consonância com estas duas limitações (conceptual e instrumental), a visão que cada um de nós tem sobre a especificidade da preparação e da forma de jogar da selecção nacional, deve ser considerada como um modelo concreto, porque se identifica com o fenómeno em análise e, simultaneamente, incompleto porque não responde a todas as solicitações e exigências derivadas por esse próprio contexto. Todavia, é neste modelo referencial de base que ancoramos as nossas interpretações, convicções, decisões e acções. É este o pressuposto intelectual que nos guiará na investigação e na interpretação dos factos inerentes à realidade que vivemos, bem como, na concepção de uma teoria/prática com a qual se pretende explicá-los. Uma visão convencional e ultrapassada pelos novos e emergentes problemas traduzidos pela dinâmica evolutiva do jogo de futebol, serve somente para proteger e inibir, do “doloroso” trabalho de pensar e descobrir que, possivelmente essa visão está tão desactualizada como errada, desistindo-se: (1) da actualização contínua dos conhecimentos do jogo de futebol, (2) de uma vitalidade comprometida com os diferentes intervenientes no fenómeno (jogadores, directores, sócios, entre outros), e (3) de uma inquietude intelectual, com o intuito de promover e provocar, a maturação e superação das qualidades humanas e das competências dos seus intervenientes.

Capítulo III – Apresentação e Discussão de Resultados

1. Caracterização do Contexto da Selecção Sub21

O trabalho numa selecção Sub21 permite treinar e dirigir os melhores jogadores jovens do país, numa faixa etária muito particular do seu desenvolvimento enquanto profissionais de futebol.

Sendo, actualmente, o último escalão na FPF antes da Selecção AA, engloba os jogadores contemplados como melhor colocados para virem a representar o país ao mais alto nível na principal Selecção, logo os objectivos da Selecção Sub21 devem assentar numa visão de curto/médio prazo a nível de processo, ou seja, de contribuir para a selecção e desenvolvimento de jogadores que possam vir a fazer parte da Selecção AA ainda com idade de Sub21 ou a médio prazo.

O objectivo de resultado assente na obtenção da qualificação para o Campeonato da Europa, para o qual a nossa equipa técnica foi contratada, não devendo ser encarado como único e decisivo objectivo, não deve deixar de ser encarado como parte integrante de um objectivo de processo. Queremos com isto dizer que a obtenção da qualificação para o Campeonato da Europa possibilita que os jogadores dessa geração tenham quase mais uma época de treino e competição integrados na Selecção Sub21 e também a possibilidade de serem expostos perante estímulos e desafios competitivos de altíssimo nível no Campeonato da Europa.

O Campeonato da Europa é disputado, normalmente, durante o mês de Junho, após o final das épocas desportivas da maioria dos campeonatos nacionais dos países participantes, a Fase de Qualificação termina em Setembro do ano anterior e os “Play-offs” de Apuramento em Outubro, por conseguinte o insucesso na qualificação da Selecção para o Campeonato da Europa representa a impossibilidade dos jogadores manterem uma ligação a este contexto de entre 9 a 10 meses.

Sendo o Campeonato da Europa disputado por apenas 8 equipas, a participação neste possibilita um espaço competitivo de excelência para o desenvolvimento dos jogadores onde

contactam e competem com os melhores jogadores da sua geração, e adquirem experiência numa competição de alto rendimento a nível internacional, possivelmente a mais exigente previamente aos Campeonatos da Europa e do Mundo disputados pela Selecção AA.

O espaço da Selecção Sub21 é, também, de validação da qualidade dos jogadores e de afirmação. Ao serem convocados, seleccionados como os melhores da sua geração, obtêm uma validação das suas competências, capacidades e potencial no mundo do futebol, e têm a possibilidade de se desenvolver e evoluir em mais um espaço competitivo para além do que têm a nível de clube.

O trabalho desenvolvido na Selecção Sub21 está muito dependente do trabalho desenvolvido nos clubes dos jogadores seleccionáveis. Neste prisma importa referir aspectos como o trabalho desenvolvido na formação dos jogadores, a qualidade do processo de treino, a qualidade dos treinadores e infra-estruturas disponíveis, a qualidade das experiências e desafios vivenciados, a capacidade de percepção e compreensão do jogo desenvolvida pelos jogadores, a aposta nos jogadores seleccionáveis, entre outros.

O trabalho a nível das selecções, ao qual o da Selecção Sub21 não foge à regra, é constrangido pela qualidade das gerações de jogadores, algo que não é controlado directamente pelos Treinadores Nacionais e do qual dependem. Queremos com isto afirmar que podem haver gerações com elevada ou reduzida abundância em termos de quantidade e qualidade de jogadores seleccionáveis, ou elevada ou reduzida quantidade e qualidade de jogadores em determinadas posições e funções tácticas específicas, por exemplo muitos extremos ou muitos médios ofensivos, e/ou elevada ou reduzida qualidade e quantidade de jogadores com determinadas características morfológicas e fisiológicas, por exemplo jogadores com maior ou menor estatura.

O escalão de Sub21, geralmente, compreende jogadores nascidos em 2 anos, neste caso entre 1990 e 1991, que são os jogadores que à data do início da qualificação têm menos de 21 anos e que já têm entre uma a duas épocas de futebol sénior, no mínimo.

Encontramo-nos, então, perante o escalão de excelência em termos da definição da transição de júnior para sénior dos jogadores de futebol, isto é, a forma como se conseguem afirmar no futebol sénior e iniciar uma carreira profissional depende em vasta medida dos 2/3 primeiros anos após passarem a ser jogadores seniores.

Entre os factores que a nós, equipa técnica, consideramos importantes para que essa transição ocorra de forma positiva, nas referidas épocas, encontramos oito elementos essenciais:

1.1. Escolha de um espaço de afirmação

A escolha/definição do clube é fundamental na medida em que a opção tomada deve procurar garantir que o jogador tenha a possibilidade de lutar por e poder conquistar um lugar na equipa, o que lhe possibilite ter tempo de jogo.

Existe uma grande diferença entre o futebol de formação ou júnior e o futebol profissional ou sénior, visível sobretudo a nível competitivo mas, também, muitas vezes a nível do processo de treino.

Com isto pretendemos dizer que enquanto, até certo ponto, se poderão aproximar as exigências e qualidade do processo de treino, principalmente à medida que avançamos nos escalões de formação, à realidade profissional, já o mesmo não podemos afirmar relativamente à competição.

O jogo no futebol profissional coloca um vasto número de estímulos e desafios acrescidos aos jogadores quando em comparação com o futebol de formação. O jogo é mais rápido, é mais intenso, e os jogadores têm diferentes experiências e vivências competitivas, ou pelo menos mais diversificadas.

Este último aspecto é particularmente relevante pois ao passo que no futebol de formação os jogadores são, regra geral, confrontados e competem com jogadores dentro de um mesmo escalão etário, tendo a mesma idade ou até 1/3 anos de diferença, no máximo, sendo expostos às mesmas dificuldades, aos mesmos problemas, ao mesmo ritmo de jogo

durante todo o processo, já no futebol profissional os jovens jogadores têm de competir com jogadores mais velhos, com qualidades, vícios e vicissitudes completamente distintas uns dos outros e diferenciadas do que acontece no futebol de formação.

A pertinência de relevarmos aqui este aspecto nada tem que ver com uma crítica negativa ao futebol de formação, pois este encerra em si mesmo um processo contínuo, que se quer sistemático e pedagógico, de desenvolvimento dos jovens jogadores. Contudo, e apesar de poderem não existir soluções claras e com garantia de sucesso, urge reflectir e discutir formas de aproximar o mais possível estas duas realidades – futebol de formação e futebol profissional – naquilo em que estas devem ser mais próximas e/ou semelhantes.

No que à Selecção Sub21 diz respeito, tratando-se de um espaço onde são convocados os melhores jogadores do escalão do país, naturalmente, o que temos vindo a referir é ainda mais premente pois estes jovens na fase final do seu processo de formação, essencialmente no escalão de Juniores A (que compreende as faixas etárias de Sub18 e Sub19), necessitam muitas vezes dos estímulos e desafios acrescidos que consideramos apenas poderem receber no futebol profissional.

1.2. Tempo de utilização em competição

O tempo de utilização em jogo é crucial no desenvolvimento dos jogadores pois não existe nenhum substituto fiel e à altura deste, por melhor que sejam o processo e as condições de treino. O jogo é o espaço de excelência para o desenvolvimento e evolução dos jogadores, sendo confrontados com adversários e equipas com diferentes qualidades e defeitos, com diferentes modelos de jogo, diferentes sistemas tácticos e métodos de jogo utilizados, vivenciando vitórias, empates e derrotas.

1.3. Qualidade do planeamento e do processo de treino

A qualidade do processo treino é tão ou mais importante que o jogo, quanto menor for a possibilidade dos jogadores terem tempo de utilização. Referimo-nos aqui à qualidade e direcionalidade do processo de treino, metódica e metodologicamente conceptualizado e operacionalizado, às infra-estruturas dos clubes e departamentos dos clubes, onde

encontramos os campos de treino, materiais de treino, departamentos médico, de scouting, entre outros.

1.4. Competências do Treinador

O treinador é aqui, obviamente, mencionado pelo papel que tem no treino e desenvolvimento destes jovens jogadores em afirmação e final do processo integral e formação. A capacidade que um treinador tem para detectar qualidades e defeitos no jogo do jogador e/ou na sua forma de encarar a profissão de futebolista, poderá possibilitar um forte e rápido desenvolvimento do jogador.

Ressalvamos neste ponto a coragem e a paciência como características importantes de um treinador para a aposta e trabalho com jogadores nestas faixas etárias. A coragem assente na tomada de decisão de dar tempo de jogo ao jovem jogador mesmo sabendo que ele irá cometer erros, todos os cometem, ou melhor ainda sabendo que ele irá, possivelmente, cometer mais erros que outros jogadores mais experientes. A paciência assente na disponibilidade necessária para treinar, corrigir, despende tempo com estes jogadores a nível do processo de treino com vista a melhorarem e/ou potenciar características do seu jogo, e também verificável nos momentos em que o jogador não renda o esperado competitivamente.

1.5. Colegas e Adversários

Tanto os colegas como os adversários se apresentam como elementos que podem ajudar ou dificultar o processo de transição dos jogadores do futebol de formação para o futebol profissional.

Referimo-nos aqui aos adversários, acima de tudo, no sentido mais alargado do que representa o desporto e a modalidade de Futebol como actividade profissional que procura proporcionar espectáculo aos milhões de espectadores e telespectadores pelo mundo. Pequenos gestos, pequenas acções, quer no confronto competitivo, quer publicamente por intermédio dos média, podem resultar num entorno mais positivo para jovens adversários no seu desenvolvimento. Ganha o desporto no geral e o Futebol em particular.

Os colegas, especificamente, podem prestar apoio aos mais jovens, aconselhar, procurar fazer-lhes ver diversas situações de outras formas, tudo aspectos que foram adquirindo com as suas experiências e vivências ao longo das suas carreiras. Acreditamos, fundamentalmente, que poderão constituir-se como fortes exemplos de profissionalismo e forma de encarar a sua profissão através da maneira como treinam e competem. Os valores e princípios que transmitem aos mais jovens, a ética de trabalho e relacionamento que empregam, terão elevado valor nesta fase de transição dos jogadores.

1.6. Dirigentes e Secretários Técnicos

Os dirigentes têm, também, um papel relevante nesta fase da carreira desportiva dos jogadores. Quanto melhor estiverem educados, consciencializados acerca das dificuldades inerentes a este momento de transição na carreira dos jovens, maior capacidade terão para procurarem garantir as melhores condições de suporte a necessidades destes.

1.7. Sócios/adeptos

Da mesma forma, sócios/adeptos teriam sempre de serem mencionados pois quanto mais conscientes forem do que temos vindo a referir, e aqui o papel educativo e pedagógico dos dirigentes dos clubes pode ser vital na transmissão de mensagens e no relacionamento mais próximo com quem apoia e suporta e o clube, melhores condições estarão reunidas para um apoio mais presente e constante aos jogadores mesmo quando não rendam ao nível das ambições e expectativas do clube e seus simpatizantes.

Neste momento temos de referir existe uma mensagem forte a transmitir, quer interna quer externamente ao nível dos clubes, que se prende com os ganhos que poderão obter a médio/longo prazo, quer desportivos quer financeiros, da aposta nos jovens jogadores mesmo que às custas de algumas perdas esporádicas no curto prazo.

1.8. Média

Estes podem facilitar ou dificultar ao máximo, ou até mesmo de forma definitiva, o sucesso da integração e adaptação dos jovens jogadores ao futebol profissional, através da

influência que exercem junto dos sócios/adeptos dos clubes e dos simpatizantes de Futebol. Culturalmente acreditamos que deveria uma consciencialização de que todas as estruturas do Futebol têm muito a ganhar quanto maior for o número de jogadores talentosos que conseguirem ser detectados, desenvolvidos e que conseguirem singrar neste desporto.

2. Jogadores Convocados

Historicamente, os jogadores cedidos às Selecções Nacionais masculinas, às quais a de Sub21 não foge à regra, provêm maioritariamente de Futebol Clube do Porto (FCP), Sporting Clube de Portugal (SCP) e Sport Lisboa e Benfica (SLB).

No entanto, importa referir que quando se compara historicamente a proveniência dos jogadores cedidos às Selecções Nacionais distinguindo entre Selecção AA, Selecção de Esperanças (Sub21) e Selecções Juniores, verificamos que o espaço de Selecção onde o número de jogadores cedidos pelos clubes referidos acima é mais reduzido e inferior a 50% é na Selecção de Esperanças.

Alguns desses jogadores encontram-se cedidos por FCP, SCP e SLB, onde realizaram todo o seu processo de formação, sendo que este dado ajuda a ilustrar as dificuldades ou particularidades dos jogadores que se encontram na fase de transição do futebol júnior para o futebol sénior, necessitando de procurar outros clubes onde possam adquirir tempo de jogo e evoluir para posteriormente poderem lutar com mais capacidades por um lugar nos seus clubes de origem.

Importa, assim, constatar que na Selecção de Sub21 os jogadores convocados advêm de uma maior quantidade de clubes, historicamente, quando em comparação com as outras selecções.

Na Selecção Sub21 temos, à semelhança do que acontece neste contexto a nível global quer com as restantes Selecções do país quer a nível internacional, um constrangimento temporal bastante relevante que resulta num pouco tempo disponível para treinar com os jogadores.

Neste espaço este aspecto assume um relevo maior por se tratar de uma Selecção que está sempre em competição oficial ou em processo de preparação de uma, e porque os seus jogadores são, na sua maioria, pertencentes a uma geração já toda profissional e sujeita à calendarização cada vez mais exigente e preenchida das competições nacionais e internacionais a nível de clubes.

Assim sendo a Selecção de Sub21 está fortemente condicionada na sua actividade ao calendário definido pela Fédération Internationale de Football Association (FIFA), com as denominadas datas FIFA que abordaremos mais à frente neste relatório. Queremos com isto dizer que é muito difícil planear e agendar um estágio para esta Selecção fora de datas oficiais em que os clubes sejam obrigados a cederem os seus jogadores, algo que é mais exequível nas selecções mais jovens, onde os clubes mesmo não tendo obrigatoriedade de cederem os jogadores a estas chegam muitas vezes a um acordo, pois os calendários competitivos das equipas de formação assim o permitem.

3. Calendarização das Competições

A FIFA é a entidade responsável pela definição do calendário de competições internacionais onde se pode encontrar informação relativa às datas e número e tipo de competições, isto é, número total de jogos possíveis de disputar e se são oficiais e/ou particulares.

Para o período que abordamos nesta tese, a FIFA definiu as seguintes datas FIFA:

Tabela 11 - Datas FIFA 2010/2011 a 2012/2013

2010	17 de Novembro	1 jogo	Particular
2011	9 de Fevereiro	1 jogo	Particular
2011	26-30 de Março	2 jogos	Oficiais e/ou particulares
2011	4-8 de Junho	2 jogos	Oficiais e/ou particulares
2011	9 de Agosto	1 jogo	Particular
2011	3-7 de Setembro	2 jogos	Oficiais e/ou particulares
2011	8-12 de Outubro	2 jogos	Oficiais e/ou particulares
2011	12-16 de Novembro	2 jogos	Oficiais e/ou particulares
2012	29 de Fevereiro	1 jogo	Particular
2012	1 a 7 de Junho	2 jogos	Oficiais e/ou particulares
2012	15 de Agosto	1 jogo	Particular
2012	8 a 12 de Setembro	2 jogos	Oficiais e/ou particulares

3.1. Calendarização e definição dos jogos oficiais

A UEFA reservou as seguintes datas para jogos de competição de qualificação para o Campeonato da Europa de 2013:

Fase de Grupos

Tabela 12 - Datas para jogos da fase de grupos da qualificação para o Campeonato da Europa 2013

2011	2012
25-29 de Março	1-5 de Junho
3-7 de Junho	8-12 de Junho
2-6 de Setembro	7/8 de Setembro
7-11 de Outubro	10 de Setembro
11-15 de Novembro	(data para últimos jogos de todos os grupos)

“Play-offs”

Tabela 13 - Datas para jogos da fase de grupos da qualificação para o Campeonato da Europa 2013

2012
12-16 de Outubro de 2012

Se as Federações concordarem, em conformidade com os princípios que governam a cedência de jogadores por parte dos clubes a estas, os jogos da competição de qualificação podem ser disputados em qualquer outra data, por exemplo na 5ª feira antes da 6ª feira que corresponde a um data internacional oficial, ou nas datas destinadas a jogos internacionais particulares que foram as seguintes:

Tabela 14 - Datas destinadas a jogos internacionais particulares

2011	2012
1 de Junho	29 de Fevereiro
10 de Agosto	15 de Agosto

As reuniões para a calendarização dos jogos da fase de grupos ocorrem imediatamente após o Sorteio, tendo as Federações a obrigatoriedade de concordar na data exacta de cada jogo, sendo que as Federações ausentes terão de aceitar as decisões das presentes.

Caso não seja possível chegar a um acordo, os jogos decorrerão de acordo com um sorteio estandardizado da administração da UEFA.

Os últimos jogos de cada grupo terão obrigatoriamente de decorrer no mesmo dia, tendo a administração da UEFA o dever de agendar para a mesma hora os jogos decisivos da fase de grupos. Este aspecto acabou por ter uma relevância determinante, como veremos mais à frente.

As datas para os jogos de “play-off” terão de ser acordadas nos 4 dias seguintes ao sorteio, cabendo à administração da UEFA uma decisão final em caso de não entendimento.

Os jogos da fase de grupos são marcados pelas Federações visitadas que devem anunciar o que foi decidido com 60 dias de antecedência à administração da UEFA e à Federação visitante.

A Federação visitada deve ter em conta na marcação de um jogo, ou seja na escolha do local do jogo, encontramos a distância da viagem a realizar pela Federação visitante, sendo que o jogo não poderá decorrer a uma distância superior a duas horas de viagem de autocarro do aeroporto internacional mais próximo, a não ser que a Federação visitante aceite outra opção.

O horário do jogo deverá ser anunciado com 30 dias de antecedência à administração da UEFA, e não mais de 7 dias após o sorteio dos “play-offs”.

As Federações visitantes não poderão, em nenhum caso, chegar ao local do jogo a menos de 24 horas do mesmo.

O torneio final decorreu entre 15 e 29 de Junho.

3.2. Sorteio da Fase de Qualificação

No Sorteio da Fase de Qualificação para o Campeonato da Europa 2013, Portugal ficou no grupo 6 com Rússia, Polónia, Albânia e Moldávia.

A comitiva portuguesa representada contou com a presença do Seleccionador Rui Jorge e o secretário técnico da equipa, António Cravinho.

Em termos de planeamento procurámos garantir que os jogos fora fossem disputados em jornadas duplas e na segunda data destas, algo que foi conseguido para os jogos com a Rússia, Albânia e Polónia sendo que com a Moldávia disputamos o nosso primeiro jogo de qualificação em Tiraspol logo na primeira data de uma jornada dupla.

Esta opção deveu-se à procura de garantir desta forma o maior tempo possível para treinar e potenciar os efeitos do processo de treino na preparação dos jogos.

A possibilidade de jogarmos o primeiro jogo em casa permitiria que os jogadores se concentrassem nos trabalhos da Selecção, efectuassem a recuperação e preparassem tático-estrategicamente o jogo sem terem de efectuar logo uma viagem.

Caso os jogos fora fossem na primeira data de uma jornada dupla, além do período de recuperação dos jogadores teríamos de contar com o desgaste derivado das viagens de avião e autocarros para os outros países, bem como adaptações às diferenças de fuso horário, entre outros. A acrescentar a este aspecto, tudo se repetiria na segunda data quando o jogo fosse em casa, pois os jogadores teriam de efectuar novas viagens após o primeiro jogo, reduzindo-se assim bastante o tempo efectivo de treino.

Além desta premissa, que assumiu particular relevância dadas as deslocações longas em causa no grupo sorteado, existem um conjunto de aspectos a considerar nos sorteios de qualificação.

Na reunião de ordenamento dos jogos deve-se ter em conta os diferentes fusos horários de cada país pois isto permite ter uma noção do tempo necessário para a adaptação fisiológica dos jogadores após as viagens, logo quanto maior a diferença maior será o número de dias que se deve procurar garantir no respectivo país previamente ao jogo.

Deve-se igualmente estar informado dos períodos e calendários competitivos dos diferentes países, pois isto pode ter peso enorme no momento de definir qual a melhor data

para defrontar determinado adversário, pois existem países em que os campeonatos começam e terminam em momentos diferentes do ano.

Outro dos aspectos a considerar é o clima e as variações climáticas anuais de cada país, por forma a garantir, dentro do possível, que o jogo seja disputado em condições não totalmente distintas às que a maioria dos nossos jogadores esteja habituado.

3.3. Calendarização e definição dos jogos particulares

A calendarização e definição dos jogos particulares são definidas pela direcção da FPF em forte consonância com os pareceres técnicos do Seleccionador Nacional.

A calendarização é definida, em larga medida, pelas datas FIFA restantes após o Sorteio da Fase de Qualificação para o Campeonato da Europa.

A definição dos adversários pode acontecer por intermédio de acordos já pré-estabelecidos pela FPF com outras Federações, mesmo que referentes a outras selecções, por intermédio de convites endereçados à FPF por Federações adversárias e/ou por intermédio de convites endereçados pela FPF a Federações adversárias. Neste último caso, a escolha das Federações a quem endereçar convites parte de forma quase exclusiva do Seleccionador Nacional.

Existem duas formas de efectuar convites a outras Federações para o acordo de jogos particulares, que são efectuar um convite específico e individual para uma ou algumas Federações com cujas selecções o Seleccionador Nacional considera pertinente jogar, ou efectuar um convite geral enviado para todas as Federações.

O mesmo sucede quando a FPF recebe convites de Federações adversárias.

Nesses contactos estabelecidos, definem-se os parâmetros em que a calendarização do jogo decorre, isto é, se é jogado em casa ou fora, se é para a realização de um ou dois jogos, em jornada dupla ou em momentos distintos da geração actual ou de próximas

gerações, bem como todos os aspectos de cariz financeiro e logístico que a recepção de uma selecção adversária ou a deslocação ao seu país envolvem.

Falamos, neste caso, de questões relacionadas com o local do jogo, horário do jogo, centros de estágio e/ou hotéis onde ficar hospedado, campos de treino disponíveis, calendarização dos treinos, todos os aspectos relacionados com transportes e alimentação, definição de despesas, entre outros.

3.4. Definição de Local de Competição

A escolha de local de jogo, tanto dos jogos particulares como dos jogos oficiais, é decidida pela direcção da FPF.

Esta decisão tem em consideração vários factores como o parecer técnico dos treinadores, a Associação Distrital à qual pertence o estádio, à capacidade de dinamizar e atrair público ao estádio, a promoção do Futebol nas diversas regiões do país, entre outros.

No que ao parecer técnico diz respeito, valorizamos em primeiro lugar estádios com um bom relvado. Esta é a grande premissa que procuramos sempre garantir. Procuramos estádios de capacidade até cerca de 10000 pessoas, onde sintamos que consigamos ter uma boa assistência.

Procuramos, também, assegurar que temos bons campos secundários onde possamos treinar, isto é, de preferência um centro de estágio ou hotel, que não obrigue, igualmente, a grandes deslocações para os locais de treino.

Os treinadores têm a possibilidade de visitar os potenciais locais de jogo por forma a verificarem o estado dos mesmos e melhor poderem dar o seu parecer.

Após a decisão final, é feito um acompanhamento do estádio por parte da FPF em estreita ligação com a respectiva Associação Distrital e/ou clube(s) a quem este pertença com vista a garantir que tudo está nas melhores condições no dia do jogo.

3.5. Escolha do Horário de Competição

A escolha do horário de jogo é decidida pela direcção da FPF.

Esta decisão tem em consideração, novamente, o parecer técnico dos treinadores, o parecer da entidade televisiva transmissora do jogo, capacidade de atrair pessoas ao estádio.

3.6. Escolha de Local de Estágio

A escolha do local de estágio é decidida pela direcção da FPF.

Esta decisão tem em consideração o parecer técnico, a Associação Distrital na qual vai ser disputado o jogo, questões financeiras, entre outros.

No que ao parecer técnico diz respeito, procuramos garantir um centro de estágio ou hotel que tenha bom ou bons campos de treino, com relvados em boas condições e cujo acesso a estes seja directo ou que não obrigue a grandes deslocações de autocarro.

Procuramos, assim sendo, locais de estágio que nos proporcionem boa qualidade de treino e que sejam funcionais.

Entre os aspectos que procuramos que o local de estágio nos garanta temos a possibilidade de realizar crioterapia e o ter um ginásio.

Os treinadores têm a possibilidade de visitar os potenciais locais de estágio por forma a verificarem o estado dos mesmos e melhor poderem dar o seu parecer.

No que aos campos de treino diz respeito, a FPF actua em estreita relação com o centro de estágio definido ou com a Associação Distrital respectiva e/ou clube(s) a quem estes pertençam com vista a garantir que tudo está nas melhores condições no decurso dos estágios.

Os jogadores ficam instalados a pares em quartos duplos, excepção feita no caso de número impar de convocados onde podem ficar 3 jogadores juntos ou 1 num quarto single.

A equipa técnica e os elementos do staff ficam em quartos single.

3.7. Definição de Viagens e Planos de Voo

A definição de viagens e planos de voo são decididos num trabalho conjunto entre Seleccionador Nacional e a sua equipa técnica, o secretário técnico da Selecção Sub21 e a gestora de eventos da FPF, cabendo a decisão final, sempre, à direcção da FPF.

É feita uma proposta com as datas preferenciais para a realização das viagens por parte da equipa técnica, considerando questões como diferenças de fuso horário, tempo necessário para adaptação fisiológica dos jogadores, horário do jogo, duração perspectivada dos voos.

É dado a conhecer à equipa técnica qual ou quais as possibilidades de viagens e planos de voo a efectuar, sendo posteriormente decidido qual a melhor opção considerando a existência ou não de escalas, horário dos voos, duração dos voos, periodização do treino dos jogadores, adaptação prevista dos jogadores perante potenciais diferenças de fuso horário, e questões financeiras.

3.8. Relacionamento com outras Federações

Além dos aspectos referidos relativamente à marcação de jogos de cariz particular e/ou oficial, a relação com outras Federações cruza ainda outras vertentes do trabalho ao nível de uma Selecção.

3.8.1. Solicitação de informações

Para além do trabalho efectuado pela FPF, especificamente a gestora de eventos e o secretário técnico da Selecção Sub21, na pesquisa e recolha de informações referentes a locais de estágio e/ou hotéis, campos para treinar, distâncias e percorrer, entre outros aspectos logísticos e financeiros, existe uma troca de informações com outras Federações.

Esta relação tanto pode ocorrer com a Federação à qual pertence a equipa adversária com quem vamos jogar como com uma Federação à qual pertença uma equipa que tenha jogado com a nossa equipa adversária, ou até com ambas.

Esta troca de informações visa conhecer de forma mais aprofundada as especificidades dos diferentes factores acima referidos a considerar.

De salientar ainda que o mesmo se passa no sentido inverso, isto é, a FPF está sempre disponível para a partilha de informações referentes à logística no seu próprio país ou referente a um país para o qual tenha viajado para disputar um jogo fora.

3.8.2. Solicitação de Jogos

Este ponto é um dos mais importantes na preparação que efectuamos com a nossa equipa e que intervém de forma mais directa no nosso trabalho.

A UEFA aconselha todas as Federações a estabelecerem relações de proximidade e de partilha de informação por intermédio da cedência de jogos em formato de vídeo.

A FPF cede todos os jogos solicitados, desde que os tenha filmados, assumindo esta forma de funcionamento e bom relacionamento com outras Federações.

No caso da Selecção Sub21 temos, sempre, todos os jogos filmados quer pela transmissão televisiva dos mesmos quer através das filmagens internas da FPF pela parte do Departamento de Audiovisuais.

Quando uma Federação solicita um jogo da nossa Selecção procuramos, sempre que possível, enviar os jogos televisionados, devendo-se esta opção ao facto de as filmagens do Departamento de Audiovisuais da FPF serem executadas com referências de cariz técnico solicitados pela equipa técnica.

No nosso funcionamento procuramos, primeiramente, solicitar os jogos das nossas equipas adversárias às Federações cujas equipas disputaram jogos com as primeiras.

É uma forma que consideramos e comprovamos mais efectiva de obtenção dos jogos pretendidos e, muitas vezes, com filmagens técnicas dos Departamentos de Audiovisuais dessas Federações que permitem uma melhor observação e análise dos jogos.

Caso não conseguíssemos obter todas os jogos pretendidos, aí sim efectuamos pedidos às nossas Federações cujas equipas são adversárias.

Devemos reportar que esta última opção acarreta sempre riscos de não recepção dos jogos atempadamente para a execução de uma observação e análise correctas, ou não recepção mesmo.

3.9. Plano de Preparação para o Campeonato da Europa 2013 Israel

Tabela 15 - Plano de preparação para o Campeonato da Europa Sub21 2013

Ano	Período	Estágio	Local de Estágio	Jogo(s)	Local do(s) Jogo(s)
2011	24/01 – 26/01	Preparação	Óbidos	-----	-----
2011	07/02 – 09/02	Competitivo	Rio Maior	Suécia (P)	Cartaxo
2011	21/03 – 28/03	Competitivo	Cantanhede	Irlanda (P)	Águeda
				Dinamarca (P)	Taveiro
2011	18/04 – 21/04	Preparação	Rio Maior	-----	-----
2011	09/05 – 11/05	Preparação	Rio Maior	-----	-----
2011	26/05 – 03/06	Competitivo	Loulé (Vale do Garrão)	Alemanha (P)	Portimão
				Áustria (P)	Faro
2011	07/08 – 09/08	Competitivo	Oeiras (Queijas)	Eslováquia (P)	Estoril
2011	29/08 – 05/09	Competitivo	Oeiras (Queijas)	Moldávia (O)	Tiraspol (Moldávia)
			Tiraspol (Moldávia)		
2011	03/10 – 11/10	Competitivo	Rio Maior	França (P)	Rio Maior
			Rio Maior	Polónia (O)	Rio Maior
2011	07/11 – 14/11	Competitivo	Moscovo (Rússia)	Rússia (O)	Moscovo (Rússia)
			Rio Maior	Moldávia (O)	Rio Maior
2011	07/11 – 14/11	Competitivo	Durres (Albânia)	Albânia (O)	Durres (Albânia)
			Rio Maior	Moldávia (O)	Rio Maior
2012	23/01 – 25/01	Preparação	Óbidos	-----	-----
2012	27/02 – 29/02	Competitivo	Santa Maria da Feira	Ucrânia (P)	Santa Maria da Feira
2012	30/04 – 02/05	Preparação	Rio Maior	-----	-----

2012	21/05 – 24/05	Competitivo	Rio Maior	Rússia (O)	Barcelos
	27/05 – 06/06		Barcelos		
			Rio Maior	Albânia (O)	Marinha Grande
2012	13/08 – 14/08	Competitivo	Ponte de Sor	Macedónia (P)	Ponte de Sor
2012	03/09 – 10/09	Competitivo	Rio Maior	Polónia (O)	Gdynia (Polónia)
			Gdynia (Polónia)		

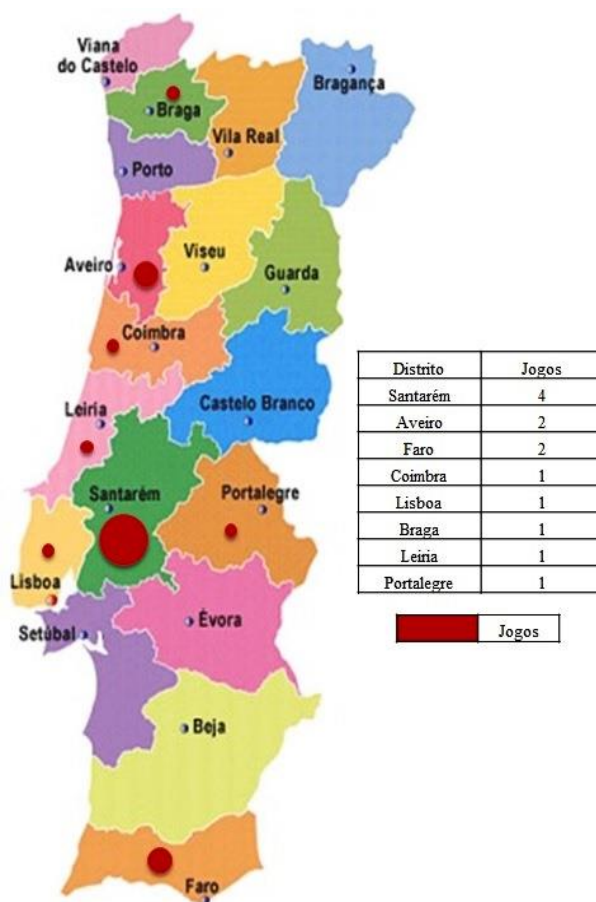


Ilustração 1 - Distribuição dos jogos realizados em casa por Distrito

4. Convocatórias de Jogos de Preparação e Jogos Oficiais

Para os jogos de preparação os clubes são obrigados a libertarem os seus jogadores convocados no período de 48 horas até à hora do jogo.

Para os jogos oficiais os clubes são obrigados a libertarem os seus jogadores convocados no período de 4/5 dias até à hora do jogo.

De referir que estas imposições são referentes apenas e exclusivamente às datas FIFA, isto é, para estágios planeados fora dos limites temporais definidos pelas datas FIFA os clubes não são obrigados a cederem os seus jogadores.

Antes de cada convocatória, 15 dias antes mais precisamente e independentemente do tipo de estágio, enviamos uma pré-convocatória apenas para os jogadores que se encontram a jogar no estrangeiro.

Nos estágios de preparação, ou seja todos aqueles fora das datas FIFA, não efectuamos conferência de imprensa para anúncio dos convocados.

Nos estágios competitivos, isto é dentro de datas FIFA e considerando que são sempre coincidentes com os estágios da Selecção AA, efectuamos uma conferência de imprensa logo após à do Seleccionador AA, regra geral nas 6ª feiras anteriores ao início dos estágios e/ou esporadicamente nas 5ª feiras anteriores ao início dos estágios.

4.1. Critérios das convocatórias

Na definição das convocatórias foram vários os aspectos considerados e discutidos entre todos.

Procurámos, sempre, convocar os jogadores que considerámos, em cada momento, que melhor representariam a Selecção Sub21.

Para estas decisões considerámos a qualidade dos jogadores, o rendimento dos jogadores nos seus clubes, a sua utilização/assiduidade nos seus clubes, o nível competitivo

em que os jogadores se encontraram, as necessidades tático-estratégicas da Selecção Sub21, o rendimento dos jogadores na Selecção Sub21, o trajecto dos jogadores nas selecções jovens, e a projecção do potencial dos jogadores a curto/médio/longo prazo.

4.1.1. Qualidade dos jogadores

Procurámos sempre convocar os jogadores que considerámos terem mais qualidade, particularmente os que se enquadravam na geração de jogadores nascidos em 1990 e 1991. Esta qualidade assenta na avaliação global às características comumente tidas em conta na análise de praticantes desportivos, isto é, características táticas, técnicas, físicas e psicológicas, sendo que dificilmente as separámos aquando de uma avaliação. Procuramos jogadores tecnicamente evoluídos, que percebam o jogo – conhecimento tático do jogo, com boas qualidades físicas e psicológicas para treinarem e competirem sempre com elevados níveis de intensidade e concentração.

4.1.2. Utilização/assiduidade

Por considerarmos a competição fundamental para o desenvolvimento dos jogadores, para o ganho de forma desportiva, para que pudessem ser melhor avaliados também, acompanhamos regularmente a evolução da sua utilização ao nível dos seus clubes e/ou selecções jovens. Preferencialmente, quanto mais competição tivessem melhor.

4.1.3. Nível competitivo

Consideramos, igualmente, o nível competitivo em que os jogadores se encontraram a competir. Este facto foi particularmente relevante pois, como veremos mais à frente quando abordarmos as particularidades desta geração, não tivemos um leque de opções de jogadores vasto a disputar jogos pelos seus clubes nos principais campeonatos nacionais dos respectivos países. Preferencialmente, quanto maior fosse o nível competitivo das competições disputadas a nível de clube pelos jogadores melhor.

4.1.4. Necessidades tático-estratégicas

Considerámos sempre as necessidades tático-estratégicas da nossa Selecção em cada momento de preparação e/ou competitivo. Com isto queremos dizer que contemplamos as necessidades específicas do modelo de jogo que pretendemos implementar, que abordaremos mais à frente neste relatório, e também as necessidades específicas referentes à melhor estratégia a utilizar frente a cada adversário.

4.1.5. Rendimento dos jogadores em clube

Considerámos, nos distintos momentos da época, o rendimento dos jogadores em contexto de Clube. Preferencialmente, quanto melhor o rendimento destes em clube melhor. Este aspecto é potencialmente ambíguo, no sentido em que um jogador pode render muito em clube e não o conseguir fazer num contexto de Selecção e vice-versa por vários motivos, entre os quais modelo de jogo e modelo de treino de ambos os espaços, condições de jogo e de treino e relacionamento treinador-atleta.

4.1.6. Rendimento dos jogadores na Selecção Sub21

Todos os jogadores convocados para a Selecção Sub21 estão sob avaliação regular e continua no decurso dos estágios, em treino e em jogo. Tudo o que fazem e/ou que não fazem é tido em conta em convocatórias futuras.

4.2. Definição da Convocatória

Convocamos, geralmente, 23 jogadores por estágio incluindo: 3 guarda-redes, 8 defesas, 8 médios e 4 avançados.

Pontualmente ocorreu variabilidade em termos do número de convocados e do número de jogadores por posição, em função da duração do estágio, dos jogadores disponíveis e da preparação tático-estratégica para o confronto com certos adversários.

4.3. Análise das Convocatórias

Foram convocados um total de 67 jogadores.

Foram convocados um total de 53 jogadores para estágios competitivos, 28 dos quais foram utilizados nos jogos de qualificação e 48 em jogos de preparação.

Dos 67 jogadores convocados, 14 estiveram presentes apenas em estágios de preparação.

Contamos com uma média de 22,5 jogadores disponíveis por cada sessão de treino, o que vai de encontro à opção referida acima de convocar 23 jogadores.

Consideramos pertinente elucidar acerca da elevada heterogeneidade das convocatórias no que à proveniência dos jogadores, ou seja clubes a que pertencem, diz respeito.

A relevância de tal referência prende-se com as consequências para a conceptualização do modelo de jogo, conceptualização e operacionalização dos modelos de treino e de observação e análise, que mencionamos acima e os quais detalharemos mais à frente.

Será justo afirmarmos que de quanto maior for a quantidade de clubes dos quais provêm os jogadores para uma convocatória, além de maior a quantidade de modelos de jogo que experienciam e vivenciam regularmente, menores serão os possíveis padrões e regularidades de jogo entre colegas que possamos observar e analisar e tentar potenciar através do modelo de treino com vista a enriquecer o nosso modelo de jogo e mias proveitos retirar do trabalho efectuado nos clubes, considerando o pouco tempo disponível para operacionalizar o nosso modelo de jogo como verificaremos à frente.

Nas convocatórias dos 16 estágios realizados, os jogadores provieram de uma média de 17,25 clubes por convocatória, verificando-se o máximo de 20 e o mínimo de 14 clubes representados em convocatórias.

O valor máximo de jogadores convocados de um mesmo clube foi de 2,75 em termos médios, com um valor máximo de 5 jogadores a ocorrer uma única vez, por duas vezes foram convocados um máximo de 4 jogadores do mesmo clube e por cinco vezes foram convocados um máximo de 3 e oito vezes um máximo de 2 jogadores por clube.

5. Equipa Técnica da Selecção Sub21

A equipa técnica é constituída por 4 elementos. O treinador principal é Rui Jorge, sendo coadjuvado nas suas funções por dois treinadores adjuntos (Romeu Almeida e Alexandre Silva) e um treinador de guarda-redes (Fernando Brassard).

6. Staff da Selecção Sub21

O staff da Selecção Sub21 é constituído por um director da FPF, o secretário técnico da Selecção Sub21, um médico, um fisioterapeuta, um massagista, um assessor de imprensa e dois técnicos de equipamentos e um técnico de audiovisuais. Este é o staff e o número de pessoas que estão presentes em todos os estágios efectuados pela Selecção Sub21.

No período referente à qualificação para o Campeonato da Europa de 2013 o director da FPF designado para acompanhar a Selecção Sub21 foi António Cavaco, na presidência de Gilberto Madaíl, e Pedro Resendes, na presidência de Fernando Gomes. Ambos os directores foram substituídos em caso de impossibilidade de acompanharem a Selecção por outros membros das respectivas direcções.

O secretário técnico da Selecção Sub21 foi António Cravinho que, por trabalhar também com a Selecção Sub20, foi substituído sempre que esteve impossibilitado de acompanhar a Selecção por outros colegas secretários de outras selecções da FPF.

O departamento médico foi constituído pelo médico Carlos Martinho, o fisioterapeuta João Gaspar e o enfermeiro José Laço, que em casos de impossibilidade foram substituídos por colegas de outras selecções da FPF.

O assessor de imprensa foi Bruno Henrique que, por trabalhar também com a Selecção Sub20, foi substituído por outros colegas assessores de outras selecções da FPF.

Os técnicos de equipamentos foram sendo alterados no decurso do trajecto, tendo trabalhado com a Selecção um total de 7 elementos diferentes.

O técnico de audiovisuais foi sendo alterado no decurso do trajecto com João Craveiro a ser o que esteve maior tempo designado com a Selecção Sub21, tendo trabalhado com a Selecção um total de 4 elementos diferentes.

7. Análise da Participação no Campeonato da Europa de 2013

Na fase de qualificação para o Campeonato da Europa em análise neste relatório a Selecção Portuguesa falhou novamente o seu apuramento, o 3º consecutivo.

Na fase de qualificação Portugal ficou no 2º lugar do Grupo 6 com 15 pontos (4 vitórias, 3 empates e 1 derrota), seguida da Polónia com 11, da Moldávia com 7 e da Albânia com 5 pontos, ficando atrás da Rússia com 17 pontos e que se apurou para os “Play-offs”. Portugal marcou 15 golos e sofreu 6.

Portugal obteve mais pontos, mais golos marcados e menos sofridos que nas anteriores 2 qualificações.

Qualificaram-se para os “Play-offs” as seguintes equipas com os seguintes resultados:

Tabela 16 - Selecções qualificadas para os “Play-offs” do Campeonato da Europa Sub21 de 2013

Selecção	Grupo	Classificação	Pontos	Diferença de Golos
Alemanha	1	1º	24	15
Suécia	2	1º	16	3
República Checa	3	1º	20	21
Sérvia	4	1º	18	13
Espanha	5	1º	22	25
Rússia	6	1º	17	12
Itália	7	1º	19	19
Inglaterra	8	1º	21	21
França	9	1º	21	17

Holanda	10	1º	19	18
Dinamarca	4	2º	16	11
Suíça	5	2º	17	11
Noruega	8	2º	16	6
Eslováquia	9	2º	15	10

As selecções que ficaram em 2º lugar e não conseguiram qualificar-se para os “Play-offs” como uma das melhores 4 segundas classificadas foram as seguintes e com os seguintes resultados:

Tabela 17 - Selecções que terminaram a fase de grupos da fase de qualificação do Campeonato da Europa Sub21 2013 como piores 2ª classificadas

Seleção	Grupo	Classificação	Pontos	Diferença de Golos
Bósnia	1	2º	14	8
Eslovénia	2	2º	14	3
Arménia	3	2º	15	6
Portugal	6	2º	15	9
Turquia	7	2º	15	6
Escócia	10	2º	13	7

Confirmou-se mais uma vez a tendência de apenas se qualificarem equipas melhores segundas classificadas em grupos com 5 equipas.

A Eslováquia foi a 4ª melhor segunda classificada com 15 pontos e diferença de golos de 10, tendo Portugal sido a 5ª melhor segunda classificada com os mesmos pontos e diferença de golos de 9.

Como referimos anteriormente, os jogos de cada grupo de qualificação na última jornada têm de ser disputados à mesma hora, não tendo de decorrer em simultâneo com os dos restantes grupos, mesmo que existam equipas em disputa dos 4 melhores 2º lugares.

Às 19h30 do dia 10/09/2012, que coincidiu com o final do jogo Polónia 0-0 Portugal, a Seleção Sub21 portuguesa estava “qualificada”, sendo que às 20h00, que coincidiu com o final do jogo Eslováquia 6-0 Cazaquistão, “deixou” de o estar, com a equipa eslovaca a marcar 2 golos nos últimos 2 minutos do jogo ultrapassando Portugal como 4º melhor segundo classificado e apurando-se para os “Play-offs”.

No cômputo geral da preparação da Seleção, Portugal obteve 11 vitórias, 5 empates e 1 derrota, tendo marcado 33 golos e sofrido 12.

A Selecção marcou golos em 16 dos 17 jogos que realizou, apenas não o tendo conseguido fazer no último jogo frente à Polónia.

Nos jogos em casa a Selecção ganhou 10 e empatou 3 dos 13 jogos que realizou, sendo que nos 4 jogos fora, todos oficiais, apenas ganhou 1, tendo empatado 2 e perdido 1.

Tabela 18 - Estatística de resultados entre Novembro de 2010 e Setembro de 2012

Competição	Jogos	Vitórias	Empates	Derrotas	Golos Marcados	Golos Sofridos
Preparação Casa	9	7	2	0	18	6
Preparação Fora	0	0	0	0	0	0
Preparação	9	7	2	0	18	6
Oficial Casa	4	3	1	0	10	2
Oficial Fora	4	1	2	1	5	4
Oficial	8	4	3	1	15	6
Casa	13	10	3	0	28	8
Fora	4	1	2	1	5	4
Total	17	11	5	1	33	12

Tabela 19 - Jogos e resultados entre Novembro de 2010 e Setembro de 2012

Jogos	Competição
Portugal 3-1 Suécia	Preparação
Portugal 2-0 Irlanda	Preparação
Portugal 1-1 Dinamarca	Preparação
Portugal 4-2 Alemanha	Preparação
Portugal 2-0 Áustria	Preparação
Portugal 1-1 Eslováquia	Preparação
Moldávia 0-2 Portugal	Oficial
Portugal 1-0 França	Preparação
Portugal 1-1 Polónia	Oficial
Rússia 2-1 Portugal	Oficial
Portugal 5-0 Moldávia	Oficial
Albânia 2-2 Portugal	Oficial
Portugal 2-0 Ucrânia	Preparação
Portugal 1-0 Rússia	Oficial
Portugal 3-1 Albânia	Oficial
Portugal 2-1 Macedónia	Preparação
Polónia 0-0 Portugal	Oficial

No que aos resultados da fase de qualificação diz respeito, o empate em casa com a Polónia por 1-1, num jogo em que jogámos a 2ª parte com 1 jogador a mais e rematamos 3 bolas aos postes e barra, e o empate fora na Albânia por 2-2, num jogo disputado num relvado em más condições e onde sofremos 2 golos na sequência de 2ª bolas, representaram, possivelmente, os que acabaram por fazer a diferença no insucesso para alcançar os “Play-offs”.

Em todos os jogos em que marcamos golos estivemos na frente do marcador.

Em 8 dos 16 jogos não sofremos golos.

Nos jogos de preparação acreditamos ter feito um trabalho extremamente positivo, principalmente na competitividade que apresentamos e com que os encaramos, sendo que dos 9 jogos de preparação ganhamos 7 e empatamos 2, tendo jogado com 5 equipas das 13 – além da Rússia – que se qualificaram para os “Play-offs”.

Ganhamos à Suécia, à Alemanha e à França, e empatamos com a Dinamarca e com a Eslováquia, no que foi o jogo menos conseguido de toda a preparação aqui analisada principalmente em termos da intensidade que não conseguimos por em jogo – disputado em Agosto, coincidindo com a fase terminal das pré-épocas dos clubes – e da qualidade.

Dos 4 adversários que defrontamos no fase de qualificação não conseguimos derrotar a Polónia, tendo empatado o jogo em casa e fora.

8. Objectivos da Selecção Sub21

A Selecção Sub21 teve como objectivos:

1. Qualificar-se para o Campeonato da Europa 2013 em Israel, prova para a qual havia falhado as anteriores duas qualificações, tendo a última presença sido verificada no Campeonato da Europa 2007 na Holanda.
2. Fornecer jogadores à Selecção AA de Portugal.

3. Preparar a equipa para treinar sempre com o objectivo de melhorar as suas competências.
4. Preparar a equipa para competir em todos os jogos, particulares e oficiais, para ganhar.
5. Procurar, ainda, ajudar ao desenvolvimento desportivo e pessoal de todos os jogadores que façam parte das suas convocatórias.

9. Particularidades do Campeonato Português

Previamente a abordagem a um conjunto de particularidades específicas dos jogadores que compuseram o grupo de seleccionáveis para o trajecto em análise neste relatório, consideramos relevante analisar e comparar o principal campeonato de Portugal com os principais campeonatos da maioria dos países europeus, no que a um conjunto de factores relacionados com a aposta nos jogadores jovens nacionais diz respeito.

Esta análise é efectuada com vista a contribuir para uma reflexão acerca do ponto onde nos situávamos imediatamente antes do início do nosso percurso, como foi que decorreu a evolução e quais as perspectivas actuais.

Dos vários dados disponíveis para analisar focar-nos-emos num conjunto deles que consideramos mais pertinentes dentro dos aspectos que referimos como relevante para os jogadores do escalão de sub21.

De acordo com o *Demographic Study of Footballers in Europe 2010* (CIES, 2010), que analisou 36 campeonatos europeus e um total de 528 clubes, a 1ª Liga portuguesa apresentou-se como 3º país com a mais baixa percentagem de jogadores formados no país, com 49,23%, apenas suplantado por Grécia e Chipre com 47,47% e 29,79%, respectivamente.

Outro dado referente à formação de jogadores em Portugal, em 2010, refere que éramos o país com a percentagem mais baixa de médios e avançados a jogarem pelo clube onde se formaram e a 3ª mais baixa referente aos guarda-redes, de 26,8%, 20% e 30,8%, respectivamente, ocupando ainda a última posição em parceria com a Turquia no que à

percentagem de jogadores formados pelo clube que representavam diz respeito, com apenas 7,7% (CIES, 2010).

Simultaneamente, Portugal apresentou a 1ª Liga com o 3º maior registo de número de jogadores estrangeiros, com 52,8% ou seja mais de metade dos jogadores, num total de 206 dos quais 110 eram brasileiros, apenas suplantada por Inglaterra e Chipre, com 58,6% e 70,5%, respectivamente, contrastando com a 5ª posição ocupada em termos de país de origem de jogadores estrangeiros nos campeonatos analisados, com um total de 129 jogadores, dos quais 66 no Chipre e Roménia (CIES, 2010).

Portugal foi também o 3º país a recrutar maior percentagem de jogadores no estrangeiro, com 43,85% das contratações, sendo representado por 9 das 16 equipas da 1ª Liga no TOP 20 do recrutamento fora da Europa, suplantado por Grécia e Chipre, com 44,05% e 52,05%, respectivamente (CIES, 2010).

De acordo com o *Demographic Study of Footballers in Europe 2011* (CIES, 2011), que analisou 36 campeonatos europeus e um total de 534 clubes, a 1ª Liga portuguesa apresentou-se como a que menor percentagem de jogadores formados no clube pelo qual ainda jogavam, com 6,4%, bem longe da média dos restantes campeonatos, de cerca de 23%. Quando a comparação foi feita por posições, Portugal apresentou o valor percentual mais baixo para defesas e médios, 3,3% e 8% respectivamente (CIES, 2011).

Portugal foi novamente o 3º país com maior percentagem de estrangeiros, tendo aumentado para 56,4%, sendo que dos 230 estrangeiros os brasileiros mantiveram a maior representatividade com 141 jogadores, continuando ainda atrás da Inglaterra e do Chipre, com 58,4% e 72,3% respectivamente (CIES, 2011). Benfica e Porto foram 2 dos 4 clubes em Portugal com maior percentagem de minutos jogados por jogadores estrangeiros (CIES, 2011).

Os dados referentes ao recrutamento de jogadores mantiveram-se próximos, com um ligeiro decréscimo para os 42,1% de jogadores estrangeiros recrutados para a 1ª Liga de

Portugal, e com 8 das 16 equipas portuguesas a surgirem no TOP 20 europeu da maior percentagem de jogadores recrutados fora da Europa (CIES, 2011).

De acordo com o *Demographic Study of Footballers in Europe 2012* (CIES, 2012) que analisou 33 campeonatos europeus e um total de 500 clubes, a 1ª Liga portuguesa foi a 3ª com menor percentagem de jogadores formados no clube pelo qual ainda jogavam, com 8,3%, valor distante da média de 22,2% dos campeonatos analisados, só sendo suplantado pelos campeonatos turco e italiano com 7,9% e 74,%, respectivamente. Para estes dados concorre também a constatação que a 1ª Liga portuguesa foi a 4ª a registar maior número de novas contratações, com um valor de 13,3% dos quais apenas 0,4% foram jogadores formados nos sectores de formação (CIES, 2012).

A 1ª Liga portuguesa apresentou-se como o 2º campeonato com maior percentagem de jogadores estrangeiros, com um valor de 55,1%, apenas superado pelos 70,3% do Chipre, e com a média dos campeonatos analisados a situar-se nos 34,9% (CIES, 2012). Outro dado relevante aponta para a presença de 3 clubes portugueses no TOP 10 europeu dos clubes com maior percentagem de jogadores estrangeiros – FC Porto com e SL Benfica com 76%, SC Braga com 74,1% (CIES, 2012).

Das 16 equipas da 1ª Liga portuguesa, 12 estavam no TOP 20 europeu dos clubes com maior percentagem de jogadores estrangeiros não-europeus, e 8 eram compostas de uma maioria de jogadores estrangeiros (CIES, 2012).

De acordo com o *Demographic Study of Footballers in Europe 2013* (CIES, 2013) que analisou 31 campeonatos europeus e um total de 473 clubes, a 1ª Liga portuguesa foi a 3ª com menor percentagem de jogadores formados no clube pelo qual ainda jogavam, com 9,5%, seguida novamente dos campeonatos turco e italiano, com 9,3% e 7,8% respectivamente.

A 1ª Liga portuguesa apresentou-se como o 3º campeonato com maior percentagem de jogadores estrangeiros, com um valor de 53,8%, com os campeonatos cipriota e inglês a liderarem neste domínio, com 74,2% e 55,1% respectivamente (CIES, 2013).

É pertinente referir que, contrariamente à maioria dos restantes campeonatos, a idade média dos jogadores estrangeiros é inferior à dos nacionais, reflectindo-se desta forma a opção por uma estratégia de recrutamento de jogadores jovens, particularmente do Brasil (CIES, 2013).

O número de jogadores portugueses nos principais campeonatos europeus, 173, é próximo do verificado em Portugal, 180 (CIES, 2013).

No TOP 10 europeu de clubes com maior percentagem de estrangeiros, SL Benfica e Sporting CP aparecem no 9º e 10º lugar, respectivamente, com 76% ambos, e no TOP 10 europeu de clubes com maior número de estrangeiros não europeus surgem 6 das 16 equipas da 1ª Liga portuguesa – SL Benfica, FC Porto, Gil Vicente FC, Académica de Coimbra, CS Marítimo e SC Braga.

De acordo com o *Demographic Study of Footballers in Europe 2014* (CIES, 2014) que analisou 31 campeonatos europeus, a 1ª Liga portuguesa foi a 4ª com a menor percentagem de jogadores formados no clube pelo qual ainda jogavam, com 12%, apenas à frente da Rússia, com 11,3%, da Turquia, com 9,1%, e da Itália com 8,4%.

No que à maior percentagem de jogadores estrangeiros diz respeito, a 1ª Liga portuguesa passou para o 5º lugar, com 52,1%, atrás de Turquia, Itália, Inglaterra e Chipre (CIES, 2014).

A percentagem de jogadores recrutados do estrangeiro é a 2ª mais alta da amostra estudada, de 41%, ao passo que apenas 7% dos recrutados provieram das academias de formação, a 3ª mais baixa (CIES, 2014).

De acordo com os dados do referido relatório, a 1ª Liga portuguesa caracteriza-se por um reduzido planeamento, baixa taxa de empregabilidade de jogadores formados nos clubes, com o distanciamento entre a percentagem de estrangeiros observada e a projectada de acordo com os resultados nas competições europeias de clubes demonstra que a qualidade das importações não é sempre elevada.

Decorrente desta análise podemos constatar que no período em análise neste relatório, assim como na época 2013/2014 à qual se refere o último relatório CIES, a 1ª Liga portuguesa se caracterizou por uma maioria de jogadores estrangeiros e com baixa percentagem e jogadores formados nas academias dos clubes a conseguirem lugar nos plantéis principais, sendo esta política praticada por vários clubes do campeonato.

10. Particularidades da Geração Euro 2013

Os jogadores seleccionáveis para a disputa do Europeu 2013 em Israel foram todos os nascidos a partir de 1 de Janeiro de 1990.

No Verão de 2011 a Selecção Sub20 de Portugal, orientada pelo Treinador Nacional Ilídio Vale, disputou o Campeonato do Mundo de Sub20 na Colômbia onde obteve o honroso 2º lugar ao ser derrotada na final por 3-2 frente ao Brasil já no prolongamento.

Tendo a nossa equipa técnica iniciado funções em Novembro de 2010 e o primeiro jogo de qualificação ter sido calendarizado apenas para Setembro de 2011, optou-se pela não convocatória de jogadores nascidos em 1991, pertencentes ao escalão da Selecção Sub20 no decurso da época 2010-2011, de maneira a que estivessem apenas focados na preparação para a referida competição.

Esta decisão teve como efeitos práticos a limitação de convocarmos apenas jogadores nascidos no ano de 1990.

Durante a época 2010-2011, mesmo tendo sido efectuadas observações e um acompanhamento dos jogadores nascidos a partir de 1991 quer nos seus clubes quer nas selecções jovens, focámos as nossas observações essencialmente nos jogadores nascidos em 1990.

Entre Janeiro de 2011, data do primeiro estágio da Selecção Sub21, e Junho de 2011, data do último estágio em que as convocatórias dos Sub21 estiveram limitadas, verificou-se apenas uma excepção neste último momento, onde foram convocados os jogadores Luís

Gonçalves e Ricardo Alves, ambos nascidos em 1991, por se encontrarem de reserva para a convocatória final do Campeonato do Mundo de Sub20.

Este aspecto assumiu particular relevância e impacto na nossa preparação por tudo o que passamos a expor relativamente às particularidades dos jogadores seleccionáveis desta geração.

A geração que disputou a qualificação para o Europeu de 2013 apresentou um conjunto de particularidades que muito contribuíram para um desenvolvimento longe do ideal para jogadores que se encontram em fase de transição do futebol júnior para o futebol sénior:

1. Uma grande maioria dos jogadores que fizeram parte das escolhas da nossa equipa técnica tiveram pouco tempo de utilização nos seus clubes, nomeadamente nas épocas 2010-2011 e 2011-2012 - sobre a época 2012-2013 não seria correcto extrapolar conclusões pois terminamos o nosso trajecto em Setembro.
2. Aliado ao pouco tempo de utilização mencionado, a grande maioria desses jogadores não competiram nas divisões mais competitivas dos países em que se encontraram a jogar.
3. Tivemos, neste período, muitos jogadores seleccionáveis a jogarem em clubes estrangeiros, nem sempre nas primeiras equipas ou então em campeonatos de menor qualidade competitiva.
4. Ocorrência de lesões em jogadores habitualmente convocados e utilizados quer em jogos de preparação quer em jogos oficiais.

Estes 4 aspectos mencionados, não encerrando todos em si mesmos factores negativos para uma evolução e desenvolvimento preferenciais dos jogadores, resultaram num conjunto de dificuldades que passamos a explicar.

O pouco tempo de utilização em determinados períodos da época e na totalidade desta fez com que em termos do processo de treino tivesse havido uma gestão muito cuidada e atenta da intensidade e volume dos esforços solicitados aos atletas nos diferentes tipos de

estágios e microciclos efectuados. Queremos com isto dizer que a tão elevada variabilidade e heterogeneidade em termos das diferenças de utilização dos jogadores convocados, aliada à necessidade de garantir e preservar a saúde dos jogadores, fez com que condicionássemos fortemente o tempo útil de treino, por si só já constrangido pelas possibilidades do calendário.

A questão da competitividade dos campeonatos disputados pelos jogadores, algo abordado anteriormente neste relatório, foi visível na reduzida quantidade de jogadores, por exemplo, na 1ª Liga portuguesa.

A existência de um elevado número de jogadores no estrangeiro, a título de exemplo na época 2011/2012 foram 10 dos 28 utilizados na fase de qualificação, com pouquíssimo tempo de utilização nas primeiras equipas quando em campeonatos mais competitivos ou algum tempo mas em campeonatos de menor qualidade competitiva, contribuiu para somar à inexistência de estímulos competitivos de alto nível importantes para a competição internacional em causa.

Estes 3 aspectos impeliram-nos a estudar comparativamente o tempo de utilização dos jogadores por nós convocados com os das outras selecções do nosso grupo de qualificação e com as selecções que alcançaram o objectivo de se qualificarem para os “Play-offs”.

Para isso efectuámos uma pesquisa na base de dados do site www.soccerassociation.com, que disponibiliza os tempos de utilização dos jogadores de vários países e competições nacionais e internacionais.

A amostra que utilizámos consistiu de todos os jogadores utilizados na fase de qualificação pelas 18 selecções mencionadas, num total de 549 jogadores.

O período temporal contemplado foi entre 1 de Julho de 2010 e o dia 11 de Setembro de 2012, abrangendo a totalidade das épocas 2010/2011 e 2011/2012 e a fase inicial da época 2012/2013 até à última data FIFA de Setembro. A necessidade de definir por períodos do ano prendeu-se com as diferenças nos calendários competitivos de países como a Rússia, que se

encontrou em plena fase de adaptação do seu calendário passando do de Inverno ao de Verão, e Noruega e Suécia, cujos calendários são de Inverno.

Apenas foram considerados os minutos efectuados ao serviço dos respectivos clubes, isto é, não foi considerado o tempo de utilização nas respectivas selecções.

Efectuámos o somatório do tempo de utilização de cada jogador no total do período analisado e seguidamente efectuamos a média total dos somatórios dos jogadores de cada Selecção por forma a obter um valor médio de minutos de utilização por jogador de cada Selecção para o total do período.

Seguidamente definimos como critérios de qualidade da competição o tempo total que cada jogador disputou na 1ª Liga do seu ou de outro país onde se encontrasse a jogar e também o tempo total disputado em jogos das competições europeias, ou seja Liga dos Campeões e Liga Europa.

As médias foram seguidamente comparadas com o valor médio das 14 selecções que se qualificaram para os “Play-offs”, assumindo-se essa média como um valor de referência.

Apresentamos abaixo os gráficos representativos do estudo efectuado.

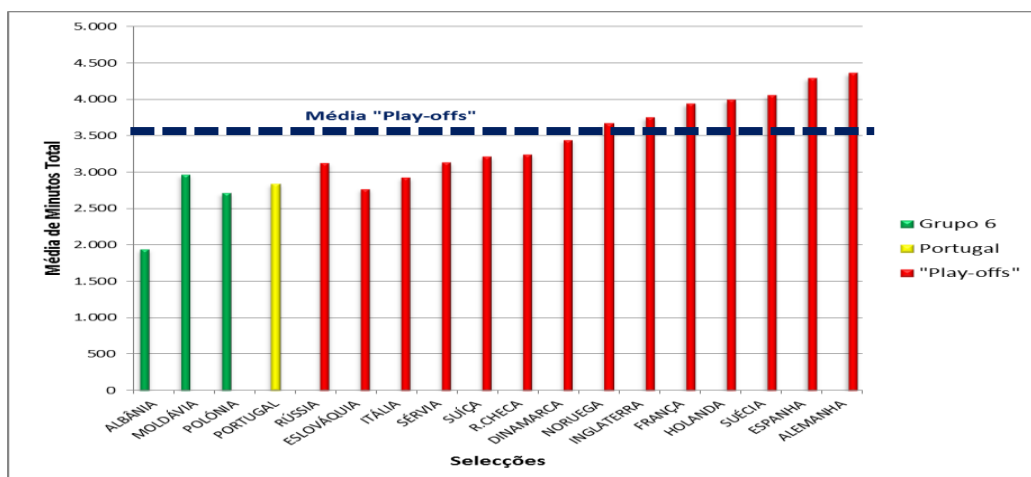


Gráfico 1 - Média de minutos disputados em clube no período entre 01/07/2010 e 11/09/2012 dos jogadores utilizados na fase de grupos da fase de qualificação para o Campeonato da Europa Sub21 2013

Da análise deste 1º gráfico é possível verificar que, contrariamente à percepção que inicialmente tínhamos, a média total de minutos dos jogadores portugueses utilizados na fase de qualificação, apesar de inferior à média de referência, foi inferior em cerca de 710 minutos, ou seja, cerca de 8 jogos a menos por jogador no período total compreendido pela análise.

Portugal apenas registou uma média total de minutos por jogador superior às selecções da Albânia e da Polónia, do próprio grupo, e da Eslováquia, a única das que se qualificaram para os “Play-offs” em que tal se verificou.

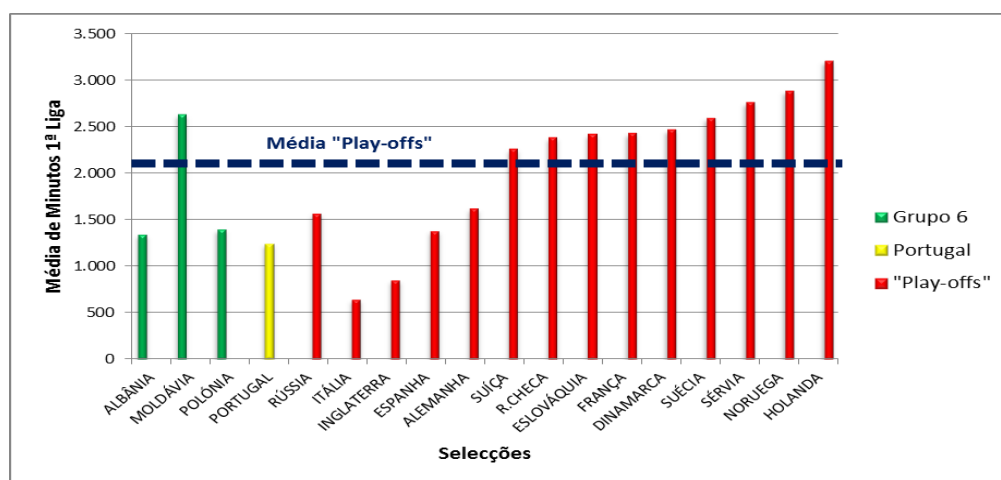


Gráfico 2 - Média de minutos disputados em clube em campeonatos de 1ª Liga no período entre 01/07/2010 e 11/09/2012 dos jogadores utilizados na fase de grupos da fase de qualificação para o Campeonato da Europa Sub21 2013

Quando verificamos os resultados do critério de qualidade representado pelo tempod e tulização em 1ª Liga, constatamos uma diferença mais relevante, com Portugal, novamente inferior à média de referência, com uma diferença de cerca de 860 minutos, ou seja, de cerca de 9,5 jogos por jogador no período total compreendido.

Nenhuma equipa do seu grupo de qualificação apresentou valores inferiores, sendo que apenas as selecções de Itália e Inglaterra apresentaram valores mais baixos, entre as que se qualificaram para os “Play-offs”.

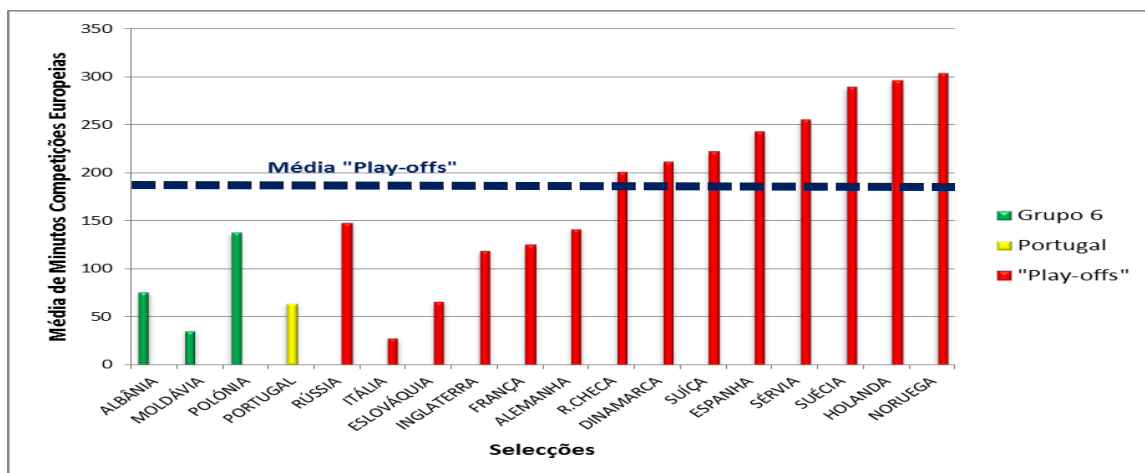


Gráfico 3 - Média de minutos disputados em clube nas competições europeias no período entre 01/07/2010 e 11/09/2012 dos jogadores utilizados na fase de grupos da fase de qualificação para o Campeonato da Europa Sub21 2013

Se as diferenças já se haviam demarcado de alguma forma na análise referente ao tempo de 1ª Liga, não deixando de poder ser analisados sob a perspectiva da competitividade das diferentes primeiras divisões de cada país onde os jogadores jogavam, quando analisado a utilização dos jogadores a nível das competições europeias, as competições de clubes mais próximas da realidade verificada nas competições de selecções, a diferença foi ainda mais declarada.

Portugal apresentou uma média de mais de 1 jogo a menos que a média de referência, sendo que apenas a Selecção da Moldávia, do grupo de qualificação, e a Selecção de Itália, novamente, apresentaram médias inferiores.

Nos últimos anos tem-se verificado um esforço por parte da FPF, Associações Distritais e Liga de Clubes, em adaptar e melhorar os quadros competitivos da formação e das competições seniores.

De tal facto se verificou, por exemplo, a alteração dos quadros competitivos do escalão de Juniores A, em 2010/2011, com efeitos práticos no alargamento da fase final do campeonato de 4 para 8 equipas, com a perspectiva de aumentar desta forma a

competitividade e o número de jogos competitivos na fase final do processo de formação dos jogadores.

O último ano do escalão de Juniores A representado aquando desta alteração foi representado pelos jogadores nascidos em 1992, logo não abrangeu a grande maioria dos jogadores que fizeram parte da Selecção Sub21 no percurso analisado neste relatório. Possivelmente a próxima geração de jogadores da Selecção Sub21 usufruirá de alguns aspectos positivos desta modificação.

Outro das modificações que se verificou na época 2012/2013 foi a criação e integração das Equipas B na 2ª Liga de Portugal, tendo este campeonato sido alargado de 16 para 22 equipas através da inclusão do CS Marítimo B, que se encontrava a disputar a IIB, e da inclusão das recém criadas Equipas B do FC Porto, SL Benfica, Sporting CP, Vitória SC e SC Braga.

A Selecção de Sub21 ao terminar eliminada em Setembro na fase de grupos da fase de qualificação para o Campeonato da Europa 2013, não teve a possibilidade de obter algum esperado retorno positivo, principalmente em termos do tempo de utilização dos jogadores seleccionáveis, decorrente desta medida.

Será interessante analisar a evolução da utilização dos jogadores seleccionados/seleccionáveis da próxima geração de jogadores da Selecção Sub21 que disputará o Campeonato da Europa 2015 na Republica Checa, com vista a verificar o possível impacto destas medidas no nível de competitividade dos jogadores e no número de jogadores possíveis de seleccionar.

Em último lugar, mas de não menor relevância, tivemos um conjunto de lesões que impediram a utilização de alguns jogadores durante a fase de qualificação e que, além de terem diminuído o leque de opções, diminuíram a capacidade global da equipa em termos qualitativos pelo papel que desempenhavam nesta.

Referimo-nos, por exemplo, à lesão de Fredy no estágio de preparação da Selecção em Abril/Maio de 2011 e que o afastou por mais de 6 meses, à de Bebé no último jogo de preparação da Selecção antes do início da fase de qualificação e que o afastou por cerca de 6 meses, à lesão de Rúben Ferreira em Outubro de 2011 e que impossibilitou o seu contributo nos jogos de qualificação frente à Polónia em casa e Rússia fora, à lesão de Anthony Lopes por 4 meses que o impediu de dar o seu contributo em 4 jogos de qualificação e à lesão quase em simultâneo de Cristiano Figueiredo, ambos guarda-redes, à lesão de Wilson Eduardo que impossibilitou o seu contributo nos jogos com a Rússia em casa e Albânia fora, e à lesão de João Pereira em Agosto de 2012, um mês antes do último jogo de qualificação na Polónia.

Este último aspecto não o referimos como qualquer tipo desculpa, ainda para mais estando nós num contexto de Selecção que, como já referimos, nos possibilita trabalhar com os melhores jogadores do país numa dada geração e que nos permite um leque de escolha para a composição do plantel para cada convocatória.

No entanto, por ser um factor condicionante das convocatórias e preparação dos jogos e sua abordagem estratégico-táctico específica, parece-nos relevante reportá-lo.

11. Promoção de jogadores à Selecção AA

Entre Novembro de 2010 e Setembro de 2012 apenas Nélson Oliveira foi promovido à Selecção AA, tendo inclusivamente participado no Campeonato da Europa de 2012 na Polónia e Ucrânia.

Ao alargarmos o espectro de análise até Abril de 2014, verificamos que 7 dos 67 jogadores que convocamos já integraram os trabalhos da Selecção AA: Nélson Oliveira, Rúben Ferreira, André Almeida, Cédric Soares, Anthony Lopes e André Martins.

Destes 7 jogadores, 5 foram dos 10 que mais sessões de treino efectuaram na Selecção Sub21 no período em análise neste estudo. Cédric e Nélson Oliveira fugiram a esta regra, algo explicável pelo referido nas particularidades desta geração, por apenas terem estado disponíveis para a Selecção Sub21 a partir de Setembro de 2011.

Josué, actualmente jogador do FC Porto, esteve presente em todos os estágios realizados tendo sido também o jogador que mais treinos efectuou num total de 94 dos 95. Josué, em 2010/2011, foi 5 vezes internacional entre Fevereiro de 2011 e Junho de 2011 não competindo pelo seu clube VV Venlo, da Holanda, desde Dezembro de 2010.

André Martins, actualmente jogador do Sporting CP, foi o 3º jogador mais utilizado em termos de treinos, estando presente num total de 84. André Martins, a título de exemplo, foi 5 vezes internacional entre Fevereiro de 2011 e Junho de 2011 jogando na IIB pelo CD Pinhalnovense, após iniciar a época na 2ª Liga ao serviço do CF “Os Belenenses”, tendo acumulado apenas 803 minutos de competição de clubes.

Rúben Ferreira, jogador do CS Marítimo, foi 5 vezes internacional na época 2010/2011 pela Selecção Sub21, jogando na equipa B do CS Marítimo na IIB.

Por último gostaríamos ainda de mencionar o caso de Anthony Lopes, jogador do Olympique Lyonnais, que na época 2010/2011 representou a equipa B do Olympique Lyonnais na divisão CFA C de França, tendo sido por 3 vezes internacional Sub21 nessa época.

Mencionamos estes aspectos não como forma de procurar (sobre)valorizar o trabalho por nós desenvolvido, mas no sentido de elucidar acerca dos aspectos que referimos sobre algumas das dificuldades dos futebolistas deste escalão na transição de júnior para sénior, sobre a pertinência de não abdicarmos de jogadores a quem reconhecemos qualidade e potencial por não terem utilização assídua nos seus clubes ou não competirem nas divisões mais competitivas dos respectivos países, assim como reforçar a ideia do papel de uma Selecção do escalão de Sub21 no desenvolvimento e evolução da carreira dos jogadores.

Frisamos, novamente, que o trajecto destes jogadores e de outros que deste processo de preparação fizeram parte e que no futuro poderão integrar a Selecção AA ou ter carreiras de relevância como profissionais de futebol se deve acima de tudo à qualidade e empenho deles, do trabalho que desenvolvem nos respectivos clubes e do trabalho dos seus treinadores nos clubes.

12. Conceptualização do Modelo de Jogo

Sistema Tático

Optámos por treinar e utilizar 2 sistemas tácticos, o 1-4-3-3 e o 1-4-4-2 losango.



Ilustração 2- Sistema tático 1-4-3-3



Ilustração 3 - Sistema tático 1-4-4-2 losango

O 1-4-3-3 é o sistema tático treinado e utilizado por todos os escalões de formação da FPF, sendo um sistema que acaba por estar bem desenvolvido no decurso do trabalho efectuado por todas as selecções jovens e também ao nível da formação dos clubes, pois tanto Sporting CP como FC Porto e SL Benfica, nos seus escalões de formação, treinam e utilizam preferencialmente, ou mesmo exclusivamente, este sistema. Trata-se de um sistema que

necessita de extremos de qualidade e em quantidade, consoante o modelo de jogo que se pretende implementar.

Este aspecto foi também relevante nesta geração de jogadores que não possuía um leque alargado de extremos, no mínimo quando comparados com o número de avançados e médios.

O 1-4-4-2 losango é um sistema que permite, por exemplo, potenciar um maior número de médios e de avançados.

Este acabou por ser o sistema táctico preferencial em todo o processo e particularmente na fase de qualificação.

Sistema Táctico Predominante: 1-4-4-2 losango.

Fase Ofensiva

Métodos de Jogo Ofensivos

Utilização do método de jogo ofensivo ataque organizado de forma predominante, secundado pelo ataque rápido/contra-ataque.

Etapas do Ataque

Etapas de construção

É efectuada preferencialmente por intermédio do guarda-redes, defesas e médio defensivo. Pode ainda ocorrer por intermédio do recuo de um dos médios interiores.



Ilustração 4 - Jogadores responsáveis pela etapa de construção. Jogadores preferenciais a amarelo, jogadores secundários a azul

Descobrir linha de passe para o médio defensivo através do guarda-redes ou centrais. O médio defensivo deve buscar sempre as melhores condições para receber a bola de frente para a baliza adversária. Sempre que não estejam garantidas deve procurar apoio frontal.



Ilustração 5 - Zona de acção do médio defensivo, ou jogador 6, na etapa de construção

Procurar circular à largura com o objectivo de fazer a bola chegar aos laterais em boas condições de espaço/tempo. Privilégio de circulação de bola rápida, se possível saltando posições (de lateral para lateral ou de central mais afastado para lateral).



Ilustração 6 - Etapa de construção: circulação rápida de bola por todos os jogadores da linha defensiva



Ilustração 7 - Etapa de construção: circulação rápida de bola saltando posição (lateral - central mais próximo - lateral mais afastado)



Ilustração 8 - Etapa de construção: circulação rápida de bola saltando posição (lateral - central mais afastado - lateral mais próximo)



Ilustração 9 - Etapa de construção: circulação rápida de bola saltando posição (lateral – lateral do corredor contrário)

O lateral procurará uma de 3 linhas de passa preferenciais:

- 1) passe em profundidade para movimento diagonal do avançado, movimento este a ocorrer preferencialmente entre lateral e central adversários



Ilustração 10 - Etapa de construção: lateral efectua passe longo para desmarcação diagonal em profundidade do avançado

- 2) passe de rotura entre linhas para o médio ofensivo

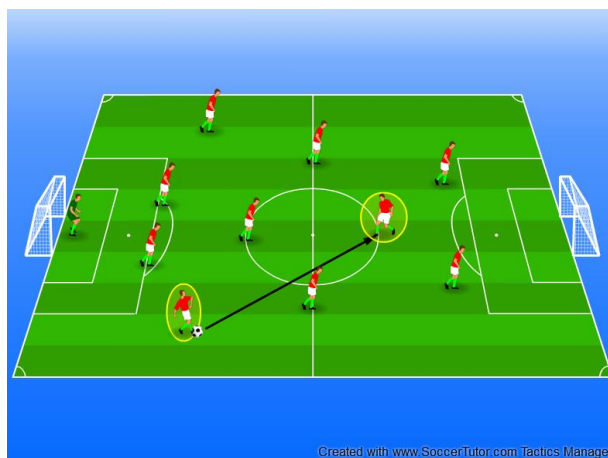


Ilustração 11 - Etapa de construção: lateral efectua passe de rotura para o médio ofensivo, ou jogador 10

- 3) passe para o médio interior que faz desmarcação à largura.



Ilustração 12 - Etapa de construção: lateral efectua passe curta para a desmarcação à largura do médio interior

Etapa de criação

Efectuada essencialmente por intermédio dos médios interiores, médio ofensivo e avançados. Visa, fundamentalmente, a exploração do jogo exterior. Pode ainda ocorrer por intermédio do médio defensivo através da execução de passes em busca de movimentos em

profundidade dos médios ou avançados para as costas da defesa adversária, ou pela incorporação dos defesas laterais através de deslocamentos ofensivos em profundidade.



Ilustração 13 - Jogadores responsáveis pela etapa de criação.
Jogadores preferenciais a amarelo, jogadores secundários a azul

Os interiores após receberem a bola procuram preferencialmente uma de 3 soluções:

- 1) passe em profundidade para movimento diagonal do avançado, movimento este que ocorre preferencialmente entre o lateral e o central adversários



Ilustração 14 - Etapa de criação: médio interior efectua passe para desmarcação diagonal em profundidade do avançado

2) passe de rotura entre linhas no médio ofensivo



Ilustração 15 - Etapa de criação – médio interior efectua passe de rotura para médio ofensivo, ou jogador 10

3) progredir em condução para dentro à procura de desmarcação diagonal curta do avançado.



Ilustração 16 - Etapa de criação – médio interior conduz bola para dentro e efectua passe vertical para desmarcação diagonal curta do avançado

O médio ofensivo deve buscar as melhores condições para receber a bola de frente para a baliza adversária. Sempre que não for possível deverá procurar receber e rodar rapidamente para a baliza adversária se não estiver pressionado ou, se estiver pressionado,

deverá procurar apoio frontal. Quando recebe a bola deve procurar desmarcações de rotura dos avançados.



Ilustração 17 - Zona de ação do médio ofensivo, ou jogador 10, na etapa de criação
Etapa de finalização



Ilustração 18 - Jogadores responsáveis pela etapa de finalização.
Jogadores preferenciais a amarelo

Encerra em si as 3 zonas de finalização que se pretendem ocupadas quando a bola está no corredor lateral. As zonas são o “primeiro poste”, “segundo poste” e “entrada da área”.

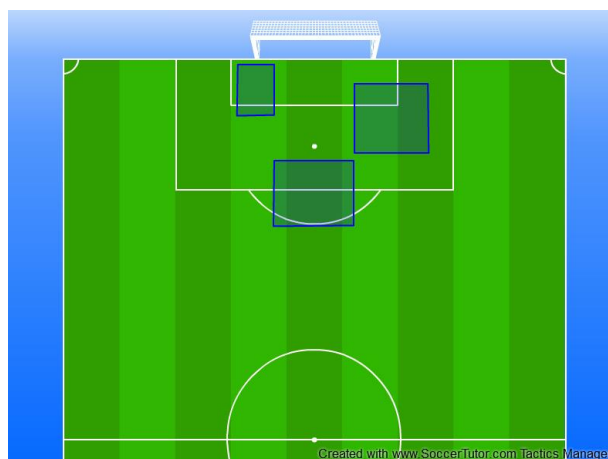


Ilustração 19 - Etapa de Finalização - zonas de finalização a ocupar:
1º poste, 2º poste, entrada da área

Se um dos avançados está com a bola, o outro deverá atacar “primeiro poste”, médio ofensivo “segundo poste” e médio interior do lado contrário “entrada da área”.



Ilustração 20- Etapa de Finalização: ocupação das zonas de finalização
com avançado na linha de fundo

Se o médio ofensivo tiver recuado no campo para procurar apoio frontal (por exemplo) e a distância para o segundo poste for longa, deverá ocupar a “entrada da área” e o médio interior do lado contrário ocupará o “segundo poste”.

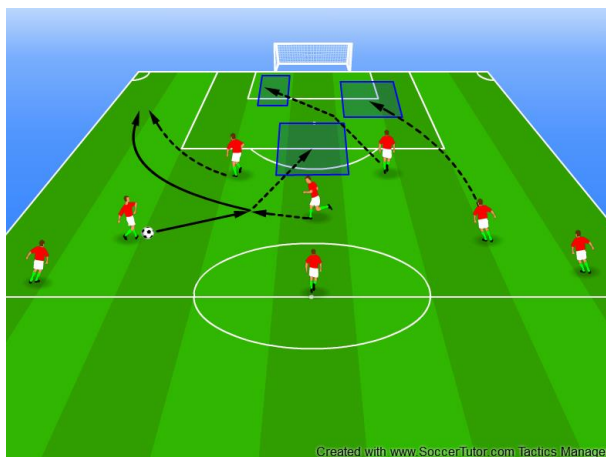


Ilustração 21 - Etapa de Finalização: ocupação das zonas de finalização com avançado na linha de fundo e desmarcação de apoio do médio ofensivo, ou jogador 10

Se um médio interior ou lateral está com bola, os avançados deverão ocupar “primeiro” e “segundo poste”, e o médio ofensivo ocupará a “entrada da área”.

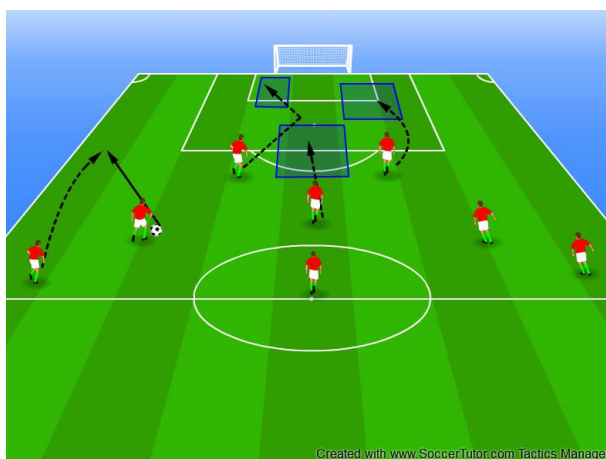


Ilustração 22 - Etapa de finalização: ocupação das zonas de finalização a partir de cruzamento do defesa lateral

Quando a bola está no corredor central, seja no médio ofensivo, ou por movimentos interiores dos médios interiores, laterais ou avançados, os avançados devem procurar desmarcações diagonais curtas (preferencialmente entre os centrais da equipa adversária).



Ilustração 23 - Etapa de finalização: desmarcação diagonal curta do avançado após condução interior e passe vertical do médio interior

Momentos do ataque

Transição Ofensiva

Neste momento as referências, leia-se princípios, que preconizamos passam por uma forte e imediata reacção colectiva após a recuperação da bola com vista a procurar aproveitar possíveis desequilíbrios na organização defensiva adversária, procurando criar situações vantajosas para finalizar.

Assumem primordial papel o jogador que recuperou a bola, pela rápida percepção que terá de ter relativamente à melhor decisão/acção a desenvolver – conduzir, passar ou até mesmo rematar à baliza – e os colegas mais próximos que lhe garantam uma linha de passe em apoio ou os mais afastados através de desmarcações em profundidade.

Em caso da opção pela condução ou passe, o jogador deverá evitar perder a bola no decurso deste momento, de maneira que a própria equipa que se encontra a reagir à recuperação da bola não se veja forçada a transitar para o momento de ataque/defesa com o risco acrescido da possível desorganização momentânea que se verifique.

Caso não se verifique possível, não estando reunidas as melhores condições para agredir o adversário, leia-se explorar desequilíbrios na sua (des)organização defensiva, deve-se optar por manter a posse da bola, evitando desta forma o referido acima.

Treinamos este momento de forma “especializada”, na medida em que se reporta a outro momento específico do jogo e, na maioria dos casos, ao papel específico da posição/função do guarda-redes, simultaneamente ao treino dos esquemas tácticos defensivos, em particular os pontapés-de-canto.

O nosso guarda-redes, caso recupere a posse de bola, terá 3 soluções para transitar ofensivamente, sequencialmente definidas pelas quais deverá optar enquanto sai rápido para o limite da área de grande penalidade.



Ilustração 24 - Opções do guarda-redes no momento de transição defesa/ataque na sequência de um pontapé-de-canto defensivo. A vermelho a 1ª opção, a amarelo a 2ª opção e a azul a 3ª opção

Esquemas Tácticos Ofensivos

Nas situações fixas do jogo ofensivas treinamos e preparamos livres frontais, livres laterais e pontapés-de-canto.

Nos livres frontais treinamos 2 variantes de um livre ensaiado e também a sua execução directa.



Ilustração 25 - Livre frontal ofensivo: execução directa



Ilustração 26 - Livre frontal ofensivo: livre ensaiado 1ª solução



Ilustração 27 - Livre frontal ofensivo: livre ensaiado 2ª solução

Nos livres laterais treinamos 1 ensaiado, no sector do meio-campo ofensivo, e no sector ofensivo a execução directa que visa a colocação da bola para a possibilidade de desvio no nosso primeiro homem ou a ser batida em direcção ao 2º poste da baliza.

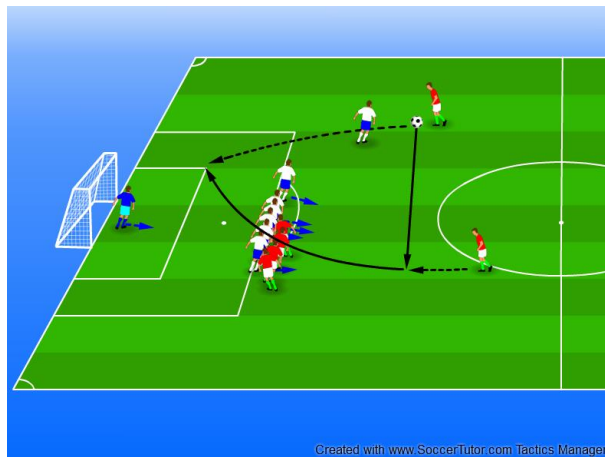


Ilustração 28 - Livre lateral ofensivo ensaiado

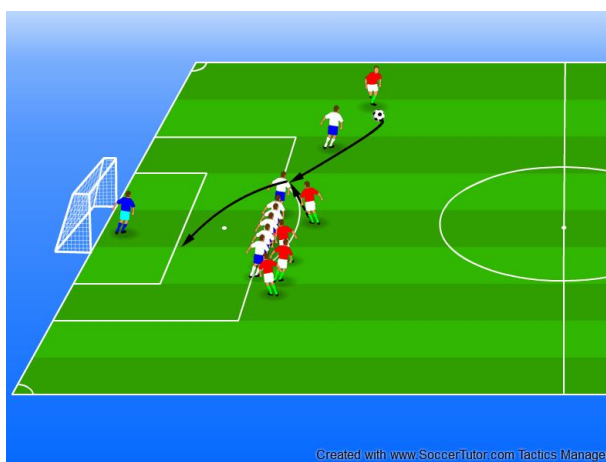


Ilustração 29 - Livre lateral ofensivo: execução para desvio de cabeça para o 2º poste

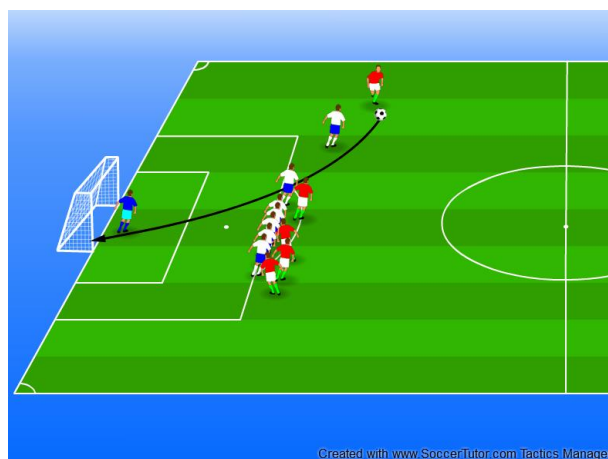


Ilustração 30 - Livre lateral ofensivo: execução na direcção do 2º poste da baliza

Nos pontapés-de-canto treinamos fundamentalmente a execução directa para a zona do 1º poste que visa o conseguir de um desvio directo para a baliza ou para a zona do 2º poste por parte de um colega, mas também, pontualmente, a preparação estratégica de 2 ou 3 variantes consoante a organização defensiva nos esquemas tácticos dos adversários.

Treinamos também a execução de pontapés-de-canto executados de maneira curta, mas sem referências de execução, isto é, com o objectivo de os jogadores procurarem resolver da forma mais adequada, explorando situações de superioridade numérica, os diferentes contextos situacionais que emirjam para criarem boas possibilidades de cruzar a bola.

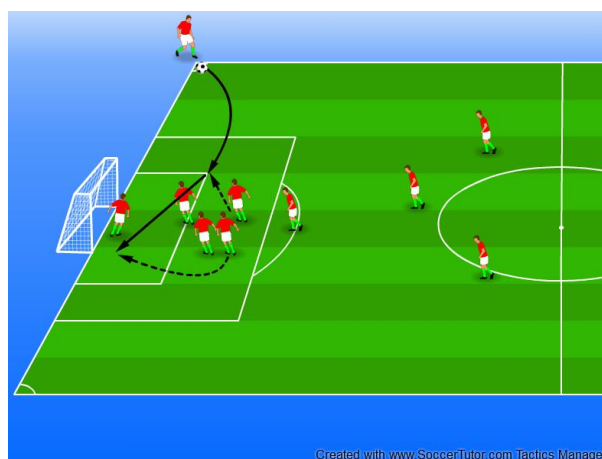


Ilustração 31 - Pontapé-de-canto ofensivo directo ao 1º poste



Ilustração 32 - Pontapé-de-canto ofensivo ensaiado: movimento espigão

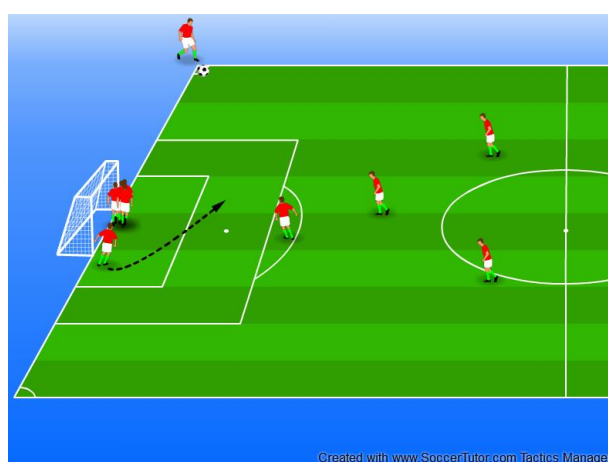


Ilustração 33 - Pontapé-de-canto ofensivo ensaiado: aglomeração no 1º poste e movimento para a zona da marca do penalty

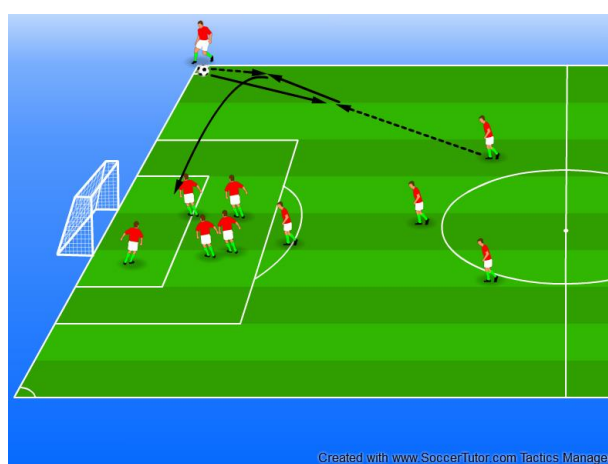


Ilustração 34 - Pontapé-de-canto curto

Fase Defensiva

Métodos de jogo defensivos

O método de jogo defensivo predominantemente utilizado foi a defesa zona pressionante.

Etapas da Defesa

Equilíbrio defensivo

Quando a equipa tem bola, pretende-se que exista uma ocupação racional do espaço, com jogadores a procurarem dar sempre linhas de passe, sendo o equilíbrio garantido por jogadores que dão linha de passe, preferencialmente, em apoio e também pelo médio defensivo cujo raio de acção, circunscrito de forma predominante a uma área delimitada pela largura do círculo central, visa assegurar este equilíbrio de forma permanente.

Quando a equipa perde a bola, pretende-se que o portador da bola seja pronta e o mais rapidamente possível condicionado na sua acção através de uma forte e imediata pressão sobre este e jogador ou jogadores mais próximos.

Recuperação defensiva

Se não for possível recuperar de imediato a bola, deve-se condicionar a acção do portador da bola não o deixando explorar espaços nas costas da nossa linha defensiva e procurando direcciona-lo para zonas interiores que facilitem a recuperação da bola pela concentração de jogadores da nossa equipa.

Assume, nesta etapa, especial importância o comportamento da nossa linha defensiva cuja profundidade deve ser sempre contextualizada perante o posicionamento da bola, do adversário com bola e da pressão dos colegas mais próximos.

Caso o portador da bola progrida em condução sem estar pressionado, a linha defensiva deve retirar o máximo de profundidade possível ou seja, até próximo do limite da

área de grande penalidade onde, aí sim, deverá assumir iniciativa na recuperação da bola ou no evitar de criação de situação de finalização ou finalização propriamente dita por parte do adversário.

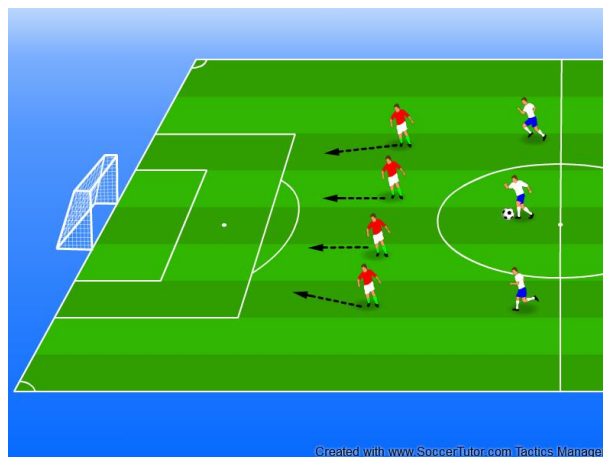


Ilustração 35 - Etapa de recuperação defensiva: linha defensiva a retirar profundidade até próximo da área de grande penalidade

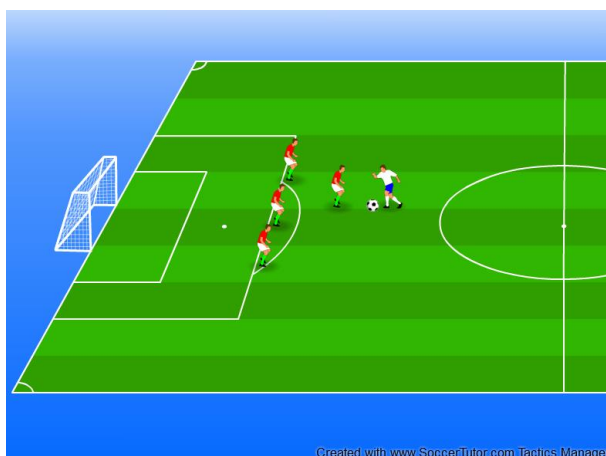


Ilustração 36 - Etapa de recuperação defensiva: linha defensiva a formar 2 linhas próximo da área de grande penalidade

Caso o portador da bola não esteja pressionado e estivermos com a linha defensiva muito subida, com muito espaço nas costas, deve-se retirar profundidade tendo sempre em atenção as desmarcações de rotura em profundidade de potenciais receptores adversários para as costas da nossa linha defensiva.

Caso o portador da bola esteja pressionado por um colega de equipa, de forma que não lhe seja possível progredir em condução ou ter uma linha de passe liberta para explorar as costas da nossa defesa, a linha defensiva deve manter ou aumentar a profundidade, o que provocará uma maior concentração de jogadores num espaço mais reduzido de campo, retirando soluções e iniciativa ao ataque adversário.

Bloco defensivo

Nesta etapa podemos encontrar dois momentos ou situações distintas, que coincidem com a fase de construção da equipa adversária, seja pela reposição da bola em jogo seja pelo início ou reinício do processo ofensivo através do seu guarda-redes, defesas e/ou médios essencialmente no nosso meio-campo ofensivo, ou que coincidem com as fases de criação e/ou finalização da equipa adversária já no nosso meio-campo defensivo.

Na etapa de construção adversária contamos com a colaboração de todos os elementos da equipa, assumindo os avançados em 1ª instância papel fundamental, seguidos do médio ofensivo e interiores.



Ilustração 37 - Jogadores responsáveis pela etapa de bloco defensivo na etapa de construção do adversário. Jogadores preferenciais a amarelo, jogadores secundários a azul

Nesta etapa adoptamos uma de duas posturas que são:

A opção por forçar o adversário jogar longo, na reposição da bola em jogo pelo guarda-redes;



Ilustração 38 - Etapa de bloco defensivo: forçar adversário a jogar longo na sua etapa de construção

Ou por forçar um dos defesas centrais a progredir em condução pelo corredor central condicionando as suas opções de passe à largura para os defesas laterais, ou fechando linhas de passe exteriores aos defesas laterais em posse de bola forçando-os a progredirem para dentro ou a procurarem linhas de passe interiores.



Ilustração 39 - Etapa de bloco defensivo: incitar adversário a jogar curto na sua etapa de construção



Ilustração 40 - Etapa de bloco defensivo: pressão colectiva na etapa de construção adversária, com avançado a forçar central adversário a conduzir para dentro ao fechar linha de progressão por fora

Na etapa de criação e/ou finalização da equipa adversária adoptamos um conjunto de comportamentos que consubstanciam a defesa e protecção fulcrais da nossa baliza.

Quando o adversário está com a posse de bola nos nossos corredores laterais procuramos criar sempre situação de superioridade numérica, por exemplo através do apoio de um médio interior ao defesa lateral.

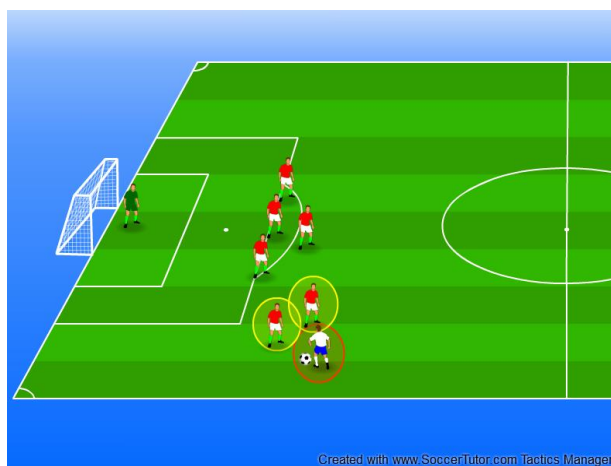


Ilustração 41 - Etapa de bloco defensivo: criação de superioridade no corredor lateral na etapa de criação e/ou finalização do adversário, através do lateral e do médio interior

Quando o adversário está com a posse de bola no corredor central pretende-se condicioná-lo na sua acção por intermédio de uma forte concentração de jogadores nesta zona do campo e de uma atitude proactiva na pressão ao portador e linhas de passe mais próximas.

Nesta etapa assume papel principal a nossa linha defensiva com um conjunto de atitudes e comportamentos específicos, sendo que podemos considera-los sub-princípios defensivos, também coadjuvada na sua acção pelo médio defensivo e médios interiores.

A linha defensiva deve comportar-se como uma linha, linha recta e não de qualquer outro tipo, ou seja, deve procurar em todos os momentos uma forte sincronização de movimentos.

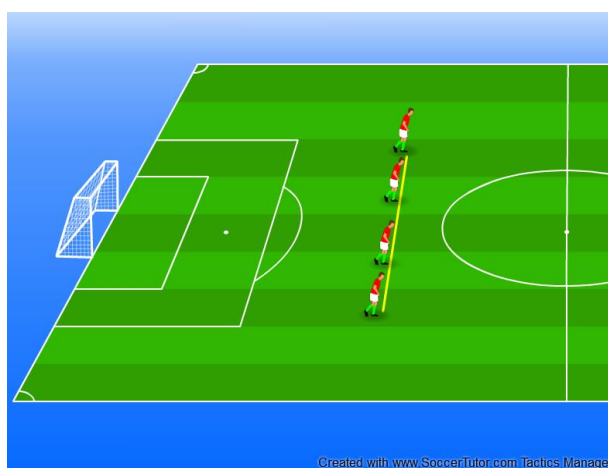


Ilustração 42 – Etapa de bloco defensivo: comportamento da linha defensiva, com funcionamento em total sincronia em linha recta

Quando a bola está fora da área de grande penalidade, ou melhor, fora da zona do campo delimitada por uma linha imaginária que une os limites externos da área de grande penalidade à linha lateral, a nossa linha defensiva deve funcionar em linha quando existem colegas entre esta e o adversário no corredor central em posse de bola. Deve considerar sempre a profundidade a dar consoante o posicionamento do adversário com bola e possíveis desmarcações de rotura para as suas costas de adversários.

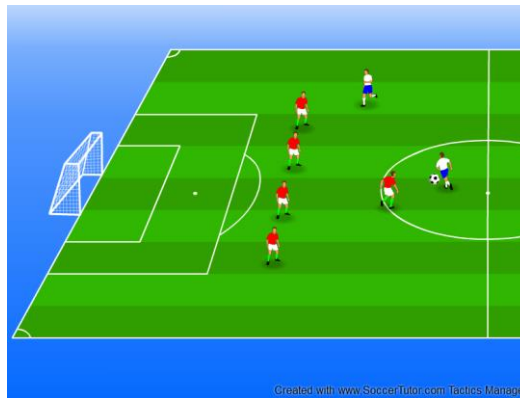


Ilustração 43 - Etapa de bloco defensivo: linha defensiva a gerir a profundidade em função do adversário em posse de bola ter linha de passe aberta e possível desmarcação de rotura para as costas da defesa poder ocorrer



Ilustração 44 - Etapa de bloco defensivo: linha defensiva a gerir a profundidade em função do adversário em posse de bola estar pressionado mas de frente para o jogo

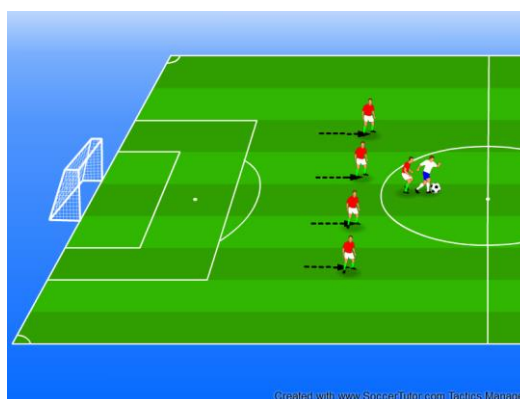


Ilustração 45 - Etapa de bloco defensivo: linha defensiva a gerir a profundidade em função do adversário em posse de bola estar pressionado e de costas para o jogo

Ou formar 2 linhas através da pressão de um dos centrais sobre o portador formando os restantes elementos uma linha com alguns metros de profundidade em cobertura.

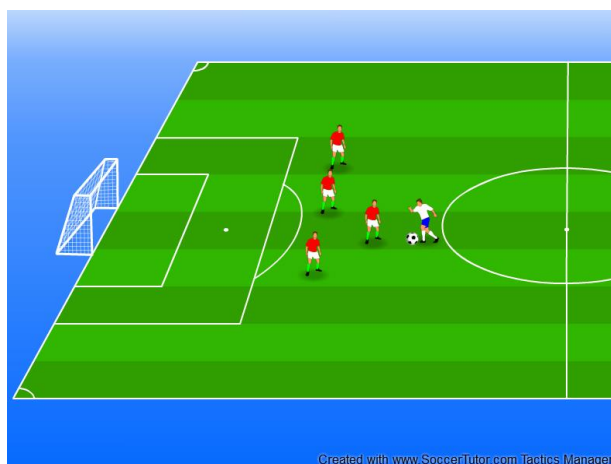


Ilustração 46 – Etapa de bloco defensivo: linha defensiva a formar 2 linhas quando o adversário está em posse de bola no corredor central fora da área de grande penalidade

Quando o adversário tem a posse de bola no corredor lateral devem ser formadas duas linhas mas agora com a pressão do defesa lateral desse corredor e com a formação de uma linha mais profundidade com os restantes elementos.

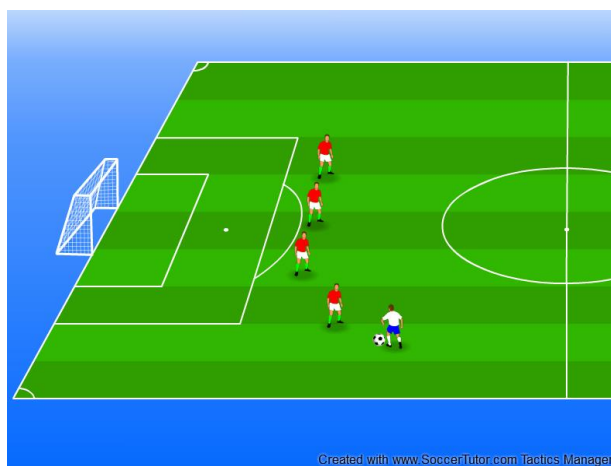


Ilustração 47 – Etapa de bloco defensivo: linha defensiva a formar 2 linhas quando o adversário está em posse de bola no corredor lateral fora da área de grande penalidade

Quando o adversário em posse de bola progride com a bola do corredor lateral para o corredor central o mesmo sub-princípio manter-se-á, com a formação de duas linhas, através

da pressão alternada dos centrais, consoante a zona penetrada, e com a linha de cobertura formada uns metros atrás dando prioridade ao fecho de espaços interiores formando um triângulo com o vértice no jogador que pressiona e as bases no lateral e central mais próximos.

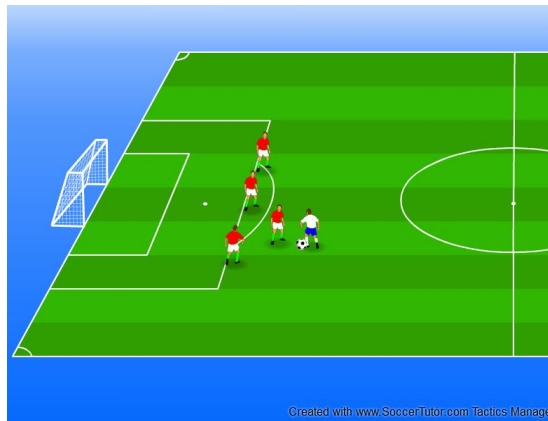


Ilustração 48 – Etapa de bloco defensivo: linha defensiva com troca do jogador em contenção mantendo 2 linhas fora da área de grande penalidade

Quando o adversário tem a posse de bola nos corredores laterais e já dentro da zona acima mencionada, a linha defensiva deve funcionar como uma recta, ou seja, com os restantes 3 elementos a alinharem-se pelo defesa lateral que se encontra a pressionar o adversário portador da bola.

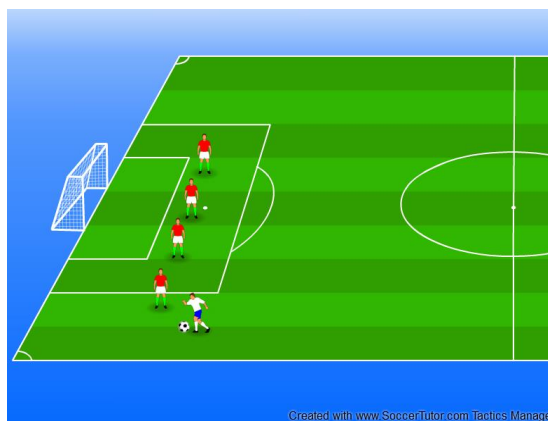


Ilustração 49 – Etapa de bloco defensivo: linha defensiva quando adversário está com bola no corredor lateral para lá da área de grande penalidade com formação de uma única linha

O defesa central mais próximo do lateral que está na marcação assume preponderância fundamental na medida em que caso o lateral não tenha a cobertura interior de um médio interior e o adversário em posse de bola se encontra em progressão de fora para dentro numa situação de 1x1 com possibilidade de ganhar espaço e ângulo para rematar, o central fica com a responsabilidade de aproximar e cobrir internamente o lateral não permitindo a possibilidade de remate.

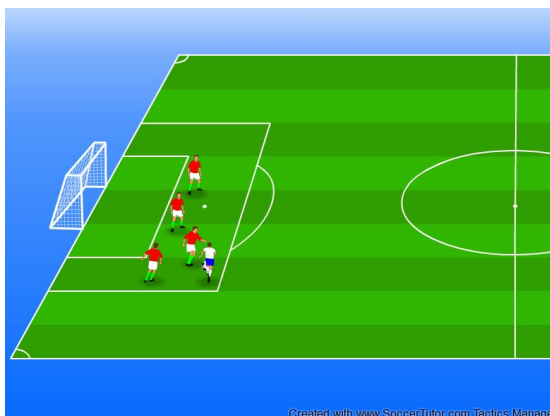


Ilustração 50 – Etapa de bloco defensivo: cobertura defensiva interna do central mais próximo do lateral quando adversário em posse de bola conduz de fora para dentro

Se o adversário progride em direcção à linha de fundo o 1º defesa central deverá recuar na diagonal na direcção do 1º poste, com a preocupação dos 3 restantes elementos da linha defensiva a focar-se na protecção da zona central.

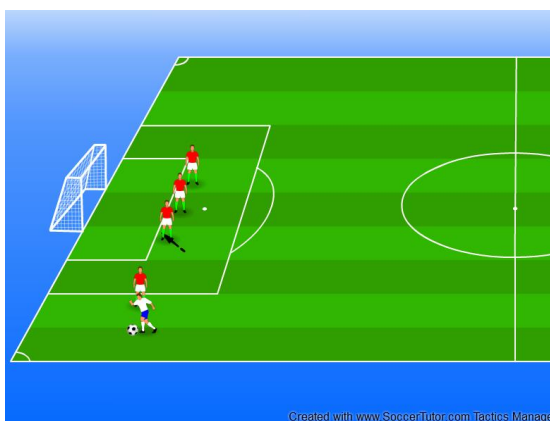


Ilustração 51 – Etapa de bloco defensivo: deslocamento em diagonal a recuar do central mais próximo do lateral em contenção

A partir do momento em que o adversário em posse de bola progride com esta para lá da zona delimitada pela projecção imaginária de uma linha que une a área de baliza à linha lateral, o defesa lateral que o acompanha deverá continuar com ele sendo que os restantes elementos da linha deverão parar o seu movimento sobre a linha da área de baliza.

O 1º defesa central alinha-se pelo 1º poste, seguido do 2º central e do defesa lateral do lado oposto a alinhar-se pelo 2º poste.

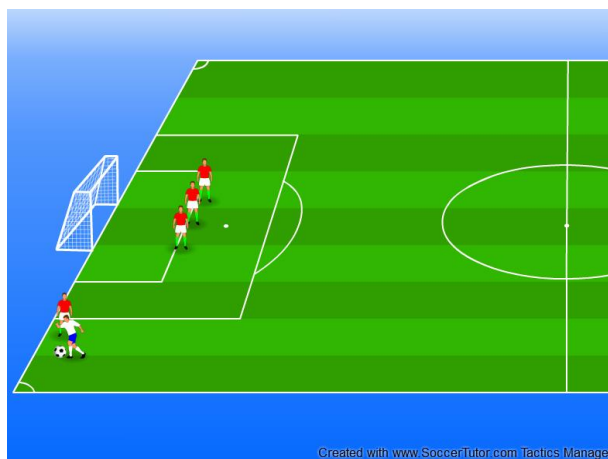


Ilustração 52 – Etapa de bloco defensivo: linha defensiva com adversário junto à linha de fundo

Os defesas laterais não podem ser ultrapassados pela linha de fundo pelo seu adversário portador da bola, ou seja, devem procurar encaminhar e direccionar as acções do adversário portador da bola para fora sem que sejam ultrapassados pela linha. Devem também, com o seu posicionamento defensivo, evitar que o adversário tenha uma linha de cruzamento/passe por fora.

Momentos da defesa

Transição Ataque-Defesa

Neste momento as referências, leia-se princípios, que preconizamos passam por uma forte e imediata reacção colectiva à perda de bola com vista à sua imediata recuperação.

Assumem primordial papel o jogador que tenha perdido a posse de bola e jogadores mais próximos da zona do terreno onde ocorreu.

Assumem papel fulcral os jogadores da linha defensiva por terem de fazer uma leitura que se quer apropriada do contexto situacional em que decorre a transição, pois consoante as possibilidades do adversário portador da bola em a fazer progredir, assim como a movimentação de companheiros seus adversários principalmente por intermédio de desmarcações em profundidade para as costas da nossa linha defensiva, devem optar por aumentar a profundidade caso percepcionem que desta forma conseguirão pressionar de forma mais veemente o portador da bola e condicionar a progressão no momento de transição defesa/ataque adversária contribuindo para uma maior probabilidade de a recuperar, ou em contraste devem optar por retirar profundidade com vista ao cumprimento do outro objectivo da fase defensiva, a protecção da própria baliza, caso verifiquem não ser possível contrariar o referido acima.

Esquemas Tácticos Defensivos

Nas situações fixas do jogo defensivas treinamos e preparamos livres frontais, livres laterais e pontapés-de-canto.

Nos livres frontais treinamos 2 posicionamentos distintos em função dos número e posicionamento de jogadores adversários.



Ilustração 53 - Posicionamento perante livre frontal defensivo com adversário por fora da barreira



Ilustração 54 - Posicionamento perante livre frontal defensivo sem adversário por fora da barreira

Nos livres laterais treinamos 2 posicionamentos em função do tipo de rotação da bola, ou seja, dependente se a bola teria rotação externa ou interna e do número de jogadores próximos da bola.

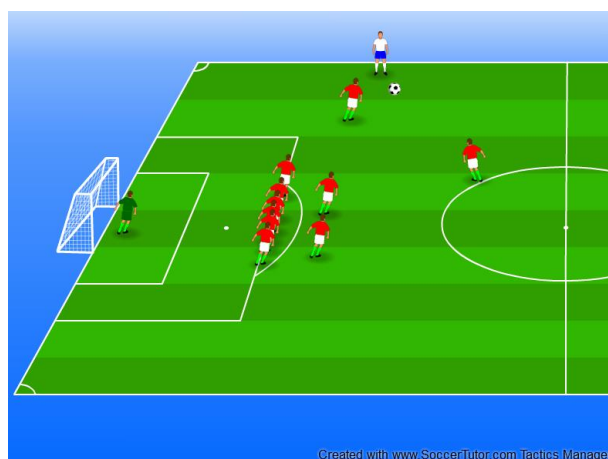


Ilustração 55 - Posicionamento perante livre lateral defensivo com rotação interna



Ilustração 56 - Posicionamento perante livre lateral defensiva com rotação externa



Ilustração 57 - Posicionamento perante livre lateral defensiva com 2 adversários próximos da bola

Nos pontapés-de-canto treinamos 2 posicionamentos em função do tipo de rotação da bola. Treinamos um posicionamento zonal, sem qualquer tipo de adaptação estratégica a qualquer dos adversários.

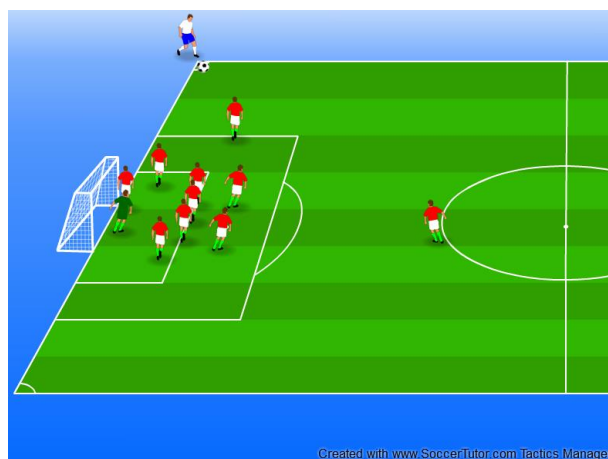


Ilustração 58 - Posicionamento perante pontapé-de-canto defensivo com rotação interna

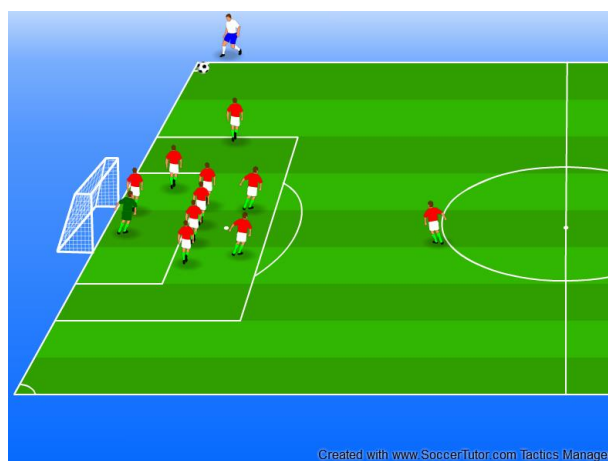


Ilustração 59 - Posicionamento perante pontapé-de-canto defensivo com rotação externa

13. Conceptualização e Operacionalização do Modelo de Treino

Vamos agora abordar os aspectos relacionados com o processo de treino conceptualizado e operacionalizado pela Selecção Sub21 de Portugal.

13.1. Número e Tipo de Estágios

Efectuamos um total de 16 estágios tendo 11 sido de competição, nos períodos definidos pelas datas FIFA, e 5 estágios de preparação, fora dos períodos definidos pelas datas FIFA.

A duração dos estágios competitivos foi de 3 a 15 dias e a dos de preparação foi de 3 a 4 dias, sendo para este efeito contabilizados o dia da concentração dos jogadores, mesmo que neste já não treinassem, e o dia de viagens de regresso de fora do país, mesmo que não houvesse novamente treino.

No total tivemos um total de 103 dias de estágio entre Novembro de 2010 e Setembro de 2012.

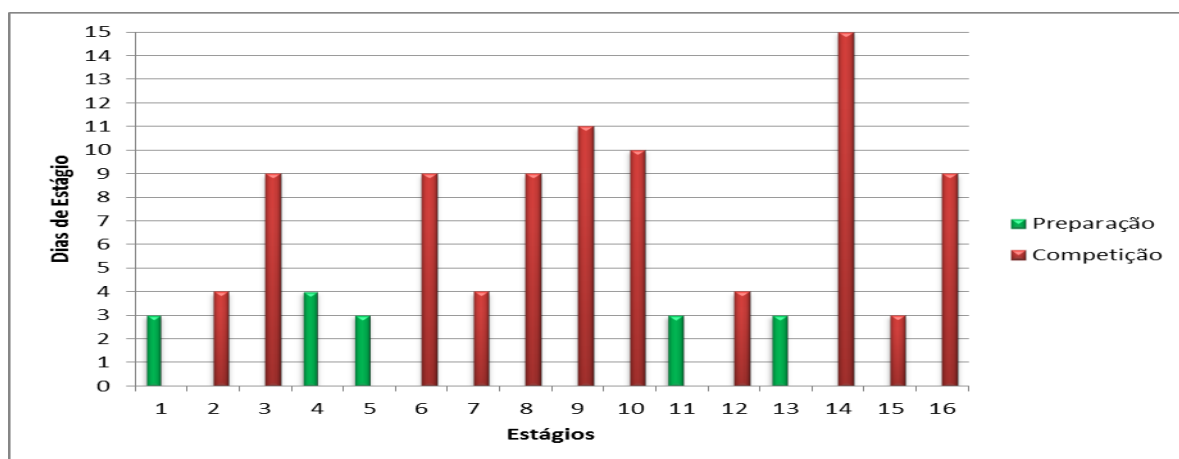


Gráfico 4 - Número de dias de estágio por estágio efectuado

Os dias de estágio para a realização de treinos variaram entre 1 e os 13 dias. Tivemos um total de 75 dias de estágio para treinar.

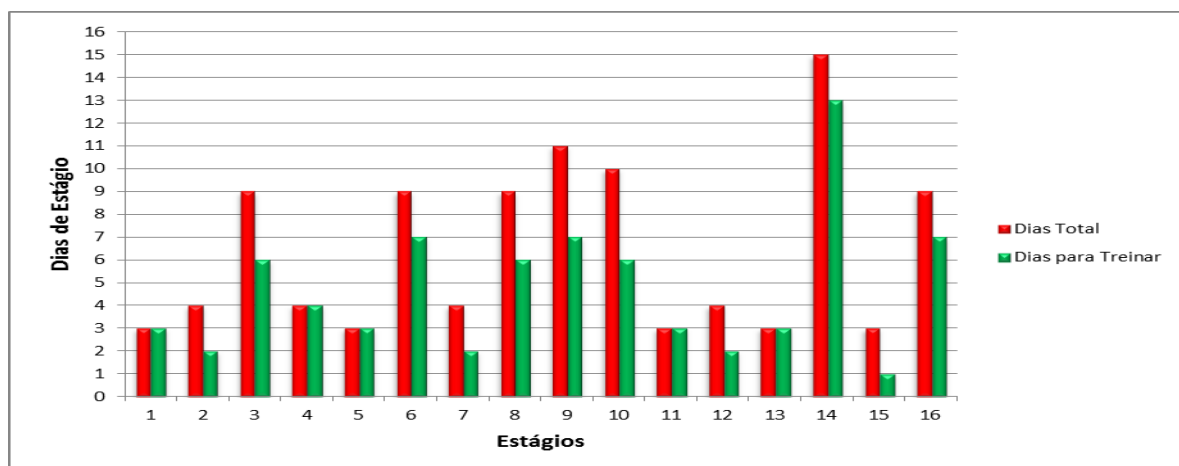


Gráfico 5 - Dias de estágio discriminados entre o seu total e os dias para treino

Realizando uma distinção dos dias de estágio disponíveis para treinar, considerando a sua distância temporal à competição, podemos enquadrar um mínimo de 3 tipos de dias distintos:

- Recuperação pós-jogo: dias de estágio para treinar no dia imediatamente após a ocorrência de competição, seja ele a nível de clubes ou da Selecção;
- Treino livre: dias de estágio para treinar em que, considerando todos os princípios metodológicos do treino e sua periodização assim como o respeito pelos princípios fisiológicos, o treinador pode conceptualizar e operacionalizar o treino da forma que entender mais adequada sem estar fortemente condicionado pelos processos de recuperação dos jogadores pós e pré-jogo – representam todos os dias que não sejam de recuperação pós-jogo ou de véspera de jogo;
- Véspera de jogo: dias de estágio para treinar que antecedem a realização de jogo que, pela sua proximidade à competição, condicionam a conceptualização e operacionalização do modelo de treino.

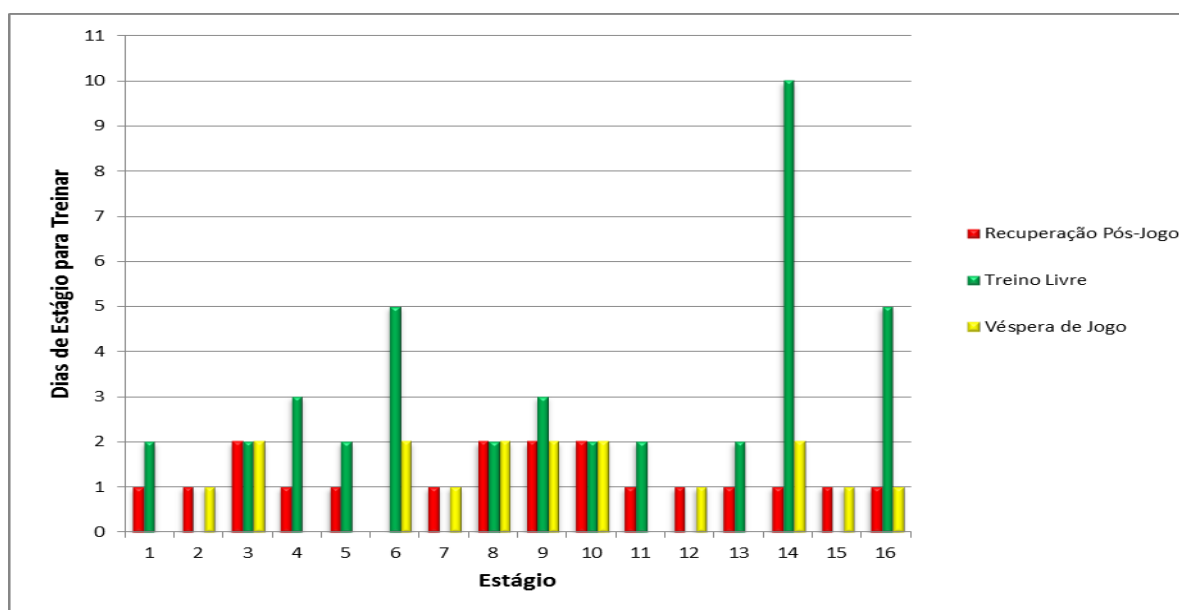


Gráfico 6 - Dias de estágio para treinar discriminados pela distância à competição

Assim sendo, e considerando os 75 dias de estágio que tivemos para treinar no período considerado, tivemos um total de 19 dias de recuperação pós-jogo e 17 dias de véspera de jogo, tendo 1 destes dias de ambas as categorias coincido – no 15º estágio em que defrontamos a Macedónia num jogo particular sendo que nos concentrámos no Domingo à noite para jogar 3ª feira à tarde – e um total de 40 dias de treino considerado livre.

Da análise dos gráficos podemos constatar a grande alternância dos dias passados em estágio na Selecção Sub21 e também que apenas os estágios competitivos permitiram passar períodos iguais ou superiores a uma semana com os jogadores, por intermédio das definições das datas FIFA.

Constatamos igualmente que a totalidade dos dias passados em estágio não corresponde, obviamente, aos dias disponíveis para treinar, por motivo de incluírem os dias da concentração dos jogadores – que em certos casos ocorreu nas noites de Domingo – e os dias de jogo e viagens de regresso quando o último jogo foi realizado no estrangeiro.

Da totalidade dos 103 dias em estágio apenas 75 foram dias disponíveis para operacionalizar o modelo de jogo, sendo que destes 75 em apenas 40 dias tal pôde acontecer sem que o treinador e a sua equipa técnica estivessem condicionados no planeamento, principalmente no que aos processos fisiológicos de recuperação pré e pós-jogo dos jogadores diz respeito.

13.2. Número e Tipo de Microciclos e Sessões de Treino

Nos 16 estágios que efectuámos conceptualizámos e operacionalizámos 17 microciclos de treino.

Em termos gerais cada estágio correspondeu a um microciclo diferenciado, tendo a única excepção ocorrido no estágio 14 onde definimos 2 microciclos distintos.

Mesmo nos estágios duplos, que contemplaram 2 jogos, definimos apenas um microciclo por cada pois não nos fazia sentido considerar que a preparação do segundo jogo, por características mais distintas que tivesse do primeiro, corresponderia um microciclo

diferente. Na verdade, a preparação do segundo jogo, ainda mais no contexto de uma Selecção, tem uma forte relação com o primeiro desde a análise efectuada a este à recuperação dos jogadores, entre outros.

No estágio 14 tivemos um primeiro microciclo de 4 dias onde procurámos acima de tudo manter o estado de forma dos jogadores para evitar que estivessem uma semana ou mais sem treinar antes de dois jogos de qualificação decisivos. Posteriormente tivémos um microciclo de 11 dias onde a preocupação foi claramente a preparação dos jogos com a Rússia e a Albânia, ambos em casa.

O número de treinos por microciclo variou entre 1 e 11 num total de 95 sessões de treino no decurso do período analisado neste relatório.

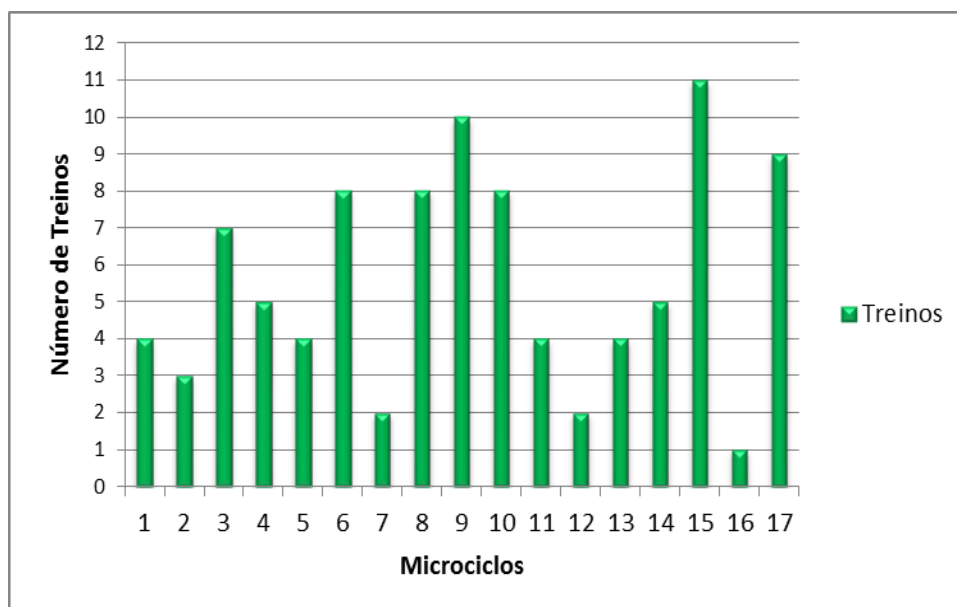


Gráfico 7 - Número de treinos efectuados por microciclo

Utilizando a mesma taxinomia usada para diferenciar os dias de estágio em função da distância à competição referida acima, verificamos que 21 treinos foram de recuperação pós-jogo e 17 treinos foram de véspera de jogo, tendo 1 destes treinos de ambas as categorias coincidido no 15º estágio pelas razões já evocadas, e um total de 58 treinos considerados livres.

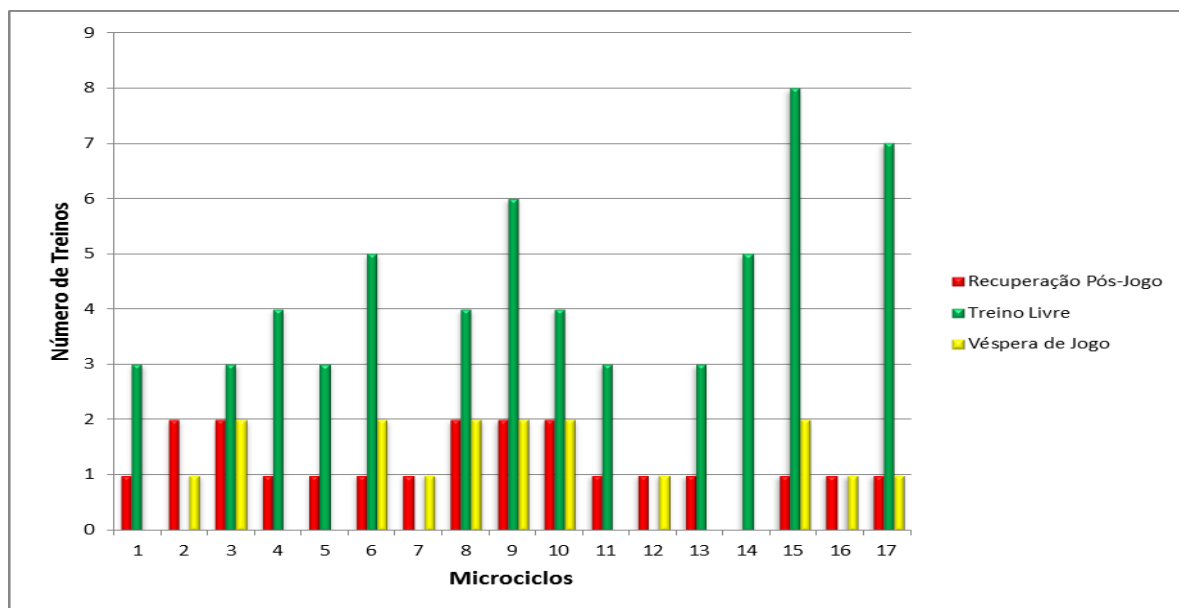
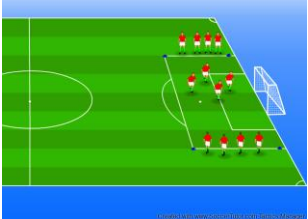
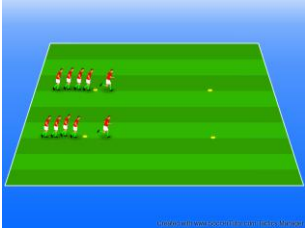
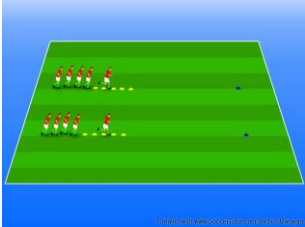
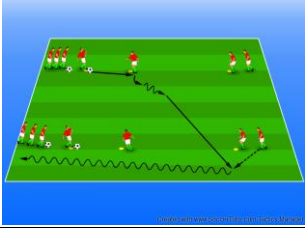
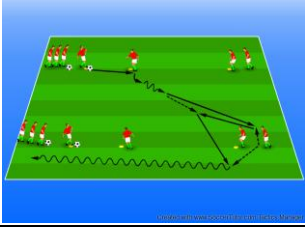


Gráfico 8 - Dias de treino discriminados pela distância à competição

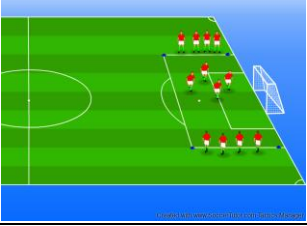
Da análise destes gráficos é possível constatar a grande variabilidade no que ao planeamento e operacionalização das sessões de treino diz respeito, condicionados pela distância à competição e ao tipo de estágio.

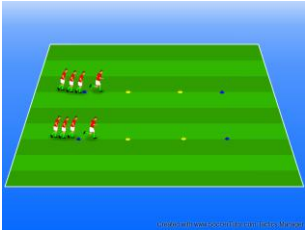
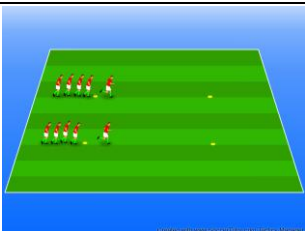
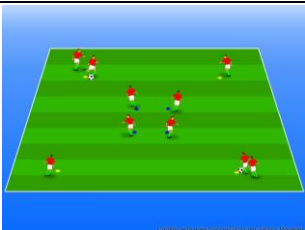
13.2.1. Microciclo Padrão de 3 dias com 1 Competição

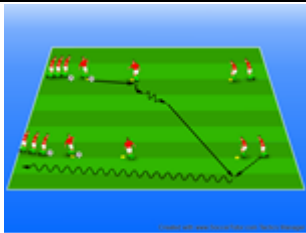
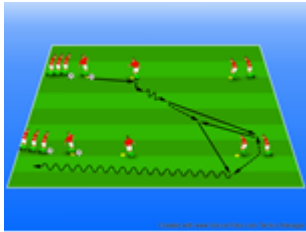
Data: 2ª feira manhã	Conteúdos: Recuperação dos jogadores mais utilizados nas últimas 24h/ Padronização de movimentos ofensivos nas etapas de criação e finalização		
Organização	Descrição	TE	TT
	Corrida contínua de baixa intensidade.	12'	12'
	Corrida intervalada de média intensidade. 6 repetições de 40 metros.	4'	16'
	Circuito de treino proprioceptivo. 5 estações. 1 série de 4 repetições de 30'' com pausa de 30'' entre exercício, por estação.	20'	36'
	Continuação para jogadores menos utilizados: Passe livre em pares.	2'	38'
	Exercício padronizado. GR+3x2 no corredor central com saída para 3x0+GR pelos corredores laterais. Após 4 passes os jogadores procuram um dos extremos no corredor lateral que procura condução em profundidade para cruzamento com ocupação das zonas de finalização (1º e 2º poste) ou conduzirá para dentro para passe vertical e desmarcação diagonal curta do avançado.	6' 6'	50'
	Exercício de finalização. Cruzamento alternado dos treinadores com 2 finalizações por jogador por sequência de cruzamentos.	5' 5'	60'
Parte Final	Alongamentos estáticos activos	2'	62'

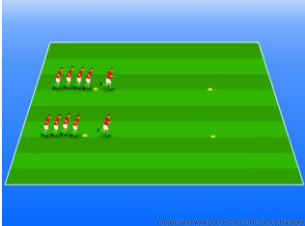
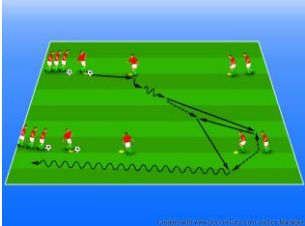
Data: 3ª feira tarde		Conteúdos: Coordenação e velocidade/ Passe e recepção/ Esquemas Táticos	
Organização	Descrição	TE	TT
	Mobilização geral.	10'	10'
	Coordenação e velocidade. 3 séries de 4 repetições. (*skipping frontal e saída/ *skipping lateral e saída/ *skipping lateral e saída)	10'	20'
	Exercício de passe e recepção com desmarcação nas costas do adversário. Combinações táticas simples.	2'30''	23'30''
	Exercício de passe e recepção com desmarcação nas costas do adversário. Combinações táticas simples e directas.	2'30''	26'
	Exercício de esquemas táticos ofensivos e defensivos com jogo. Situação de GR+10x10+GR com cada equipa a executar 4 pontapés-de-canto, 4 livres laterais e 4 livres frontais aquando da indicação do treinador.	24'	50'
Parte Final	Reforço abdominal/ Alongamentos estáticos activos	5'	55'

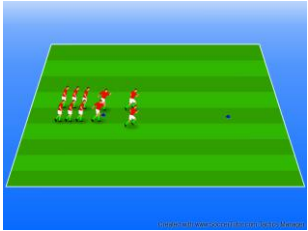
13.2.2. Microciclo Padrão 10 dias 2 Competições

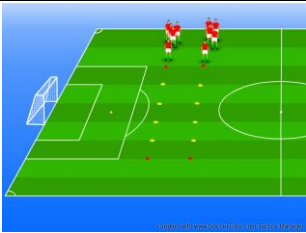
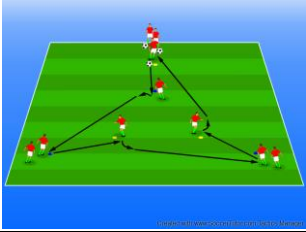
Data: 2ª feira manhã	Conteúdos: Recuperação dos jogadores mais utilizados nas últimas 24h/ Padronização de movimentos ofensivos nas etapas de criação e finalização		
Organização	Descrição	TE	TT
	Corrida contínua de baixa intensidade.	12'	12'
	Corrida intervalada de média intensidade. 6 repetições de 40 metros.	4'	16'
	Circuito de treino proprioceptivo. 5 estações. 1 série de 4 repetições de 30'' com pausa de 30'' entre exercício, por estação.	20'	36'
	Continuação para jogadores menos utilizados: Passe e recepção livre em pares.	2'	38'
	Exercício padronizado. GR+3x2 no corredor central com saída para 3x0+GR pelos corredores laterais. Após 4 passes os jogadores procuram um dos extremos no corredor lateral que procura condução em profundidade para cruzamento com ocupação das zonas de finalização (1º e 2º poste) ou conduzirá para dentro para passe vertical e desmarcação diagonal curta do avançado.	6' 6'	50'
	Exercício de finalização. Cruzamento de meia distância para finalização ao 2º poste.	5' 5'	60'
Parte Final	Alongamentos estáticos activos	2'	62'

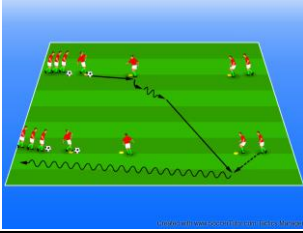
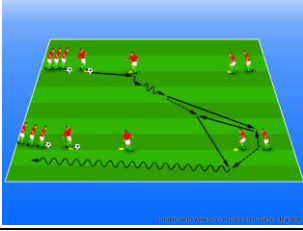
Data: 3ª feira manhã	Conteúdos: Organização ofensiva: etapa de construção com defesas e médios defensivos/ etapas de criação e de finalização por médios e avançados		
Organização	Descrição	TE	TT
	Mobilização geral.	8'	8'
	Exercício de passe e recepção. Combinações tácticas simples.	4'	12'
	Exercício padronizado para treino da etapa de construção.	10' 10'	32'
Parte Final	Alongamentos estáticos activos	2'	34'
	Mobilização geral.	8'	42'
	Exercício de passe e recepção. Combinações tácticas simples.	1'30'' 1'30''	45'
	Exercício padronizado para treino das etapas de criação e de finalização no sistema táctico 1-4-4-2 losango. MD-MI-AV MD-AV-MO-AV MD-MO-AV	10' 10'	65''
Parte Final	Alongamentos estáticos activos	2'	67'

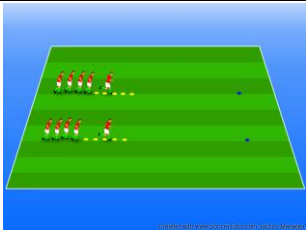
Data: 3ª feira tarde	Conteúdos: Recuperação dos jogadores mais utilizados nas últimas 24h/ Padronização de movimentos ofensivos nas etapas de criação e finalização		
Organização	Descrição	TE	TT
	Mobilização geral	8'	8'
	Exercício de passe e recepção com desmarcação nas costas do adversário. Combinações tácticas simples.	2'30''	10'30''
	Exercício de passe e recepção com desmarcação nas costas do adversário. Combinações tácticas simples e directas.	2'30''	13'
	Exercício sectorial e intersectorial	20'	33'
	Exercício sectorial e intersectorial	10' 10'	53'
Parte Final	Reforço abdominal/ Alongamentos estáticos activos	5'	57'

Data: 4ª feira tarde		Conteúdos: Coordenação e velocidade/ Passe e recepção/ Esquemas Táticos	
Organização	Descrição	TE	TT
	Mobilização geral.	10'	10'
	Exercício de coordenação e velocidade curta.	10'	20'
	Exercício de passe e recepção com desmarcação nas costas do adversário. Combinações táticas simples.	2'30''	23'30''
	Exercício de passe e recepção com desmarcação nas costas do adversário. Combinações táticas simples e directas.	2'30''	26'
	Exercício de esquemas táticos ofensivos e defensivos com jogo. Situação de GR+10x10+GR com cada equipa a executar 4 pontapés-de-canto, 4 livres laterais e 4 livres frontais aquando da indicação do treinador.	24'	50'
Parte Final	Reforço abdominal/ Alongamentos estáticos activos	5'	55'

Data: 6ª feira manhã	Conteúdos: Recuperação dos jogadores mais utilizados nas últimas 24h/ Padronização de movimentos ofensivos nas etapas de criação e finalização		
Organização	Descrição	TE	TT
	Corrida contínua de baixa intensidade.	12'	12'
	Circuito de treino proprioceptivo. 4 estações. 1 série de 4 repetições de 30'' com pausa de 30'' entre exercício, por estação.	16'	28'
Parte Final	Alongamentos estáticos activos e passivos	6'	34'
	Jogadores menos utilizados: Mobilização geral	10'	8'
	Passe livre em pares.	5'	12'
	Exercício padronizado.	5' 5'	22'
	Exercício de finalização. Cruzamento alternado dos treinadores com 2 finalizações por jogador.	6' 6'	34'
Parte Final	Alongamentos estáticos activos	4'	62'

Data: Sábado manhã	Conteúdos: Organização ofensiva - Padronização de movimentos ofensivos nas etapas de criação e finalização (médios e avançados) Organização defensiva – Treino sectorial para sincronização de movimentos (defesas)		
Organização	Descrição	TE	TT
	Aquecimento (corrida em curtas distâncias e mobilidade articular)	16'	16'
	Exercício de recepção, passe e deslocamento. Combinações tácticas simples.	1'30'' 1'30''	19'
	Exercício padronizado para treino das etapas de criação e de finalização no sistema táctico 1-4-4-2 losango. MD-MI-AV MD-AV-MO-AV MD-MO-AV	8' 8'	35'
Parte Final	Alongamentos estáticos activos	3'	38'
	Aquecimento (11+).	16'	54'
	Exercício de sectores (defesas).	12'	66'
	Exercício de sectores (defesas).	6'	72'
Parte Final	Alongamentos estáticos activos	3'	75'

Data: Sábado tarde	Conteúdos: Organização geral da equipa (ataque apoiado vs ataque rápido/ zona pressionante vs transição ataque/defesa) – treino por sectores.		
Organização	Descrição	TE	TT
	Mobilização geral.	10'	10'
	Exercício de passe e recepção com desmarcação nas costas do adversário. Combinações tácticas simples.	2'30'' 2'30''	12'30''
	Exercício de passe e recepção com desmarcação nas costas do adversário. Combinações tácticas simples e directas.	2'30''	15'
	Exercício de sectores e intersectorial secundado por situações de ataque-rápido	12' 12'	39'
Parte Final	Alongamentos estáticos activos	3'	42'

Data: Domingo tarde	Conteúdos:		
Organização	Descrição	TE	TT
	Mobilização geral.	10'	10'
	Exercício de coordenação e velocidade curta.	8'	18'
	Exercício de passe e recepção livre.	4'	22'
	Exercício de finalização. 4x0+GR. Após passe de um jogador do corredor central para o corredor lateral, onde se executam combinações indirectas entre os 3 jogadores efectuando um deles cruzamento, os 3 jogadores do corredor central vão ocupar as zonas de finalização e finalizar.	8' 8'	38'
	Exercício de esquemas tácticos ofensivos e defensivos com jogo. Situação de GR+10x10+GR com cada equipa a executar 4 pontapés-de-canto, 4 livres laterais e 4 livres frontais aquando da indicação do treinador.	20'	58'
Parte Final	Reforço abdominal/ Alongamentos estáticos activos	2'	60'

13.3. Métodos de Treino

Abordamos agora os diferentes métodos de treino utilizados, socorrendo-nos para isso da divisão destes em diferentes dimensões proposta por Castelo (2014).

13.3.1. Dimensão Horizontal

Considerando a dimensão horizontal abordada neste relatório, a percentagem de utilização dos métodos de treino ao longo das 95 sessões de treino foi a seguinte:

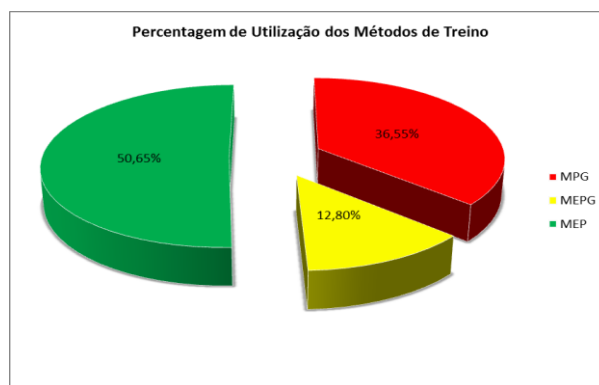


Gráfico 9 - Percentagem de utilização dos métodos de treino

Podemos constatar, da análise do gráfico, que cerca de metade do tempo de treino que conceptualizamos e operacionalizamos foi por intermédio de MEP, com um valor de 50,65%, seguido dos MPG, com 36,55%, e dos MEPG.

Na linha do que abordados anteriormente, ao referirmos uma maior aproximação às logicas da competição e ao modelo de jogo conceptualizado através da operacionalização do modelo de treino por intermédio dos MEP que dos MEPG e destes últimos uma maior aproximação, consequentemente, do que os MPG, constatamos que a predominância no trabalho desenvolvido foi nesse sentido, apesar da maior frequência de utilização de MPG do que MEPG.

Os dados referentes a estes últimos métodos são explicados em parte e, fortemente, pela tipologia de estágios e microciclos possíveis de realizar e, logo, dos seus constrangimentos temporais, isto é, do grande número de sessões de treino dedicadas

essencialmente à recuperação dos jogadores, em todas as suas vertentes, algo a que voltaremos aquando da dimensão vertical.

A predominância dos MEP em relação aos demais métodos de treino demonstra a sua pertinência e utilidade na preparação em contexto de Selecção. Acreditamos que, dados constrangimentos referentes à recuperação dos jogadores e consequente opção por MPG, fica também claro que do tempo disponível para treinar de forma específica, leia-se com bola e contextos situacionais próximos da realidade do jogo, optámos pelos MEP em detrimento dos MEPG.

13.3.2. Dimensão Vertical

Considerando a dimensão vertical abordada neste relatório, a percentagem de utilização dos métodos de treino de preparação geral ao longo das 95 sessões de treino foi a seguinte:

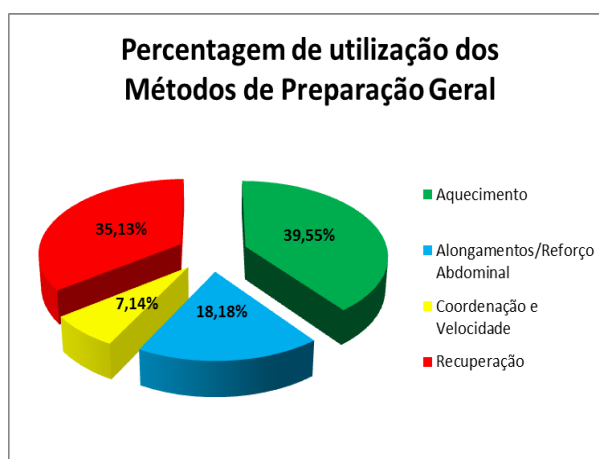


Gráfico 10 - Percentagem de utilização dos métodos de preparação geral

Efectuamos uma distinção entre o tempo de treino dedicado à recuperação dos jogadores, ao aquecimento, aos alongamentos e reforço abdominal e ainda ao treino de coordenação e velocidade.

A maior percentagem de MPG verificou-se ao nível dos aquecimentos com 39,55%, seguido de 35,13% de exercícios dedicados à recuperação dos jogadores, 18,18% de alongamentos/reforço abdominal e 7,14% de exercícios de coordenação e velocidade.

A percentagem dos aquecimentos explica-se pela opção de iniciarmos as sessões de treino, maioritariamente, por exercícios de mobilização geral.

A percentagem de exercícios de recuperação, onde incluímos a corrida contínua de baixa intensidade, corrida intervalada de média intensidade e circuito proprioceptivo e/ou alongamentos, demonstra a preocupação que demos e à necessidade que tivemos de atender à recuperação dos jogadores, estando estes métodos em consonância com objectivo de direccionarem os processos de recuperação dos jogadores.

Neste ponto parece-nos pertinente frisar que, ao convocarmos jogadores que competiram no dia da concentração, no dia anterior, dois ou três dias antes ou, até mesmo, que não competiram, constrange as opções metodológicas pelo tipo de treino efectuar por tudo o já referido neste relatório.

Sabendo que a recuperação se trata de um processo intimamente ligado ao jogador no sentido que é individual e único de cada um, mas considerando também o pouco tempo que temos para estreitar e fomentar as relações pessoais e interpessoais no nosso grupo, optamos muitas vezes por que todos os jogadores cumprissem todos juntos, pelo menos numa fase inicial do treino mais orientado para a recuperação, os exercícios que para uns actuavam como promotores dos processos de recuperação e para outros como exercícios de aquecimento.

Por estarmos a abordar o tempo de treino dedicado à recuperação dos jogadores, aproveitamos para indicar mais algumas referências da nossa intervenção neste aspecto, em particular do nosso departamento médico.

Como meios de recuperação utilizamos a crioterapia, sendo realizada após jogo com um temperatura de 5 a 7 graus, com uma duração de 3 a 5 minutos nos espaços disponibilizados pelos hotéis ou clubes que correspondem aos spas ou balneários. Por vezes,

quando não existia condições para a sua realização a crioterapia era feita nas banheiras dos quartos. Numa fase inicial recorremos também à ingestão de batidos - iogurte magro ou leite com bananas, morangos – para posteriormente optarmos por barras energéticas, ingeridas logo após o treino.

A percentagem de exercícios de alongamentos e reforço abdominal deve-se, quase exclusivamente, à parte final do treino, que terminámos, quase sempre, com estes, assim como a baixa, mas representativa, percentagem de exercícios de coordenação e velocidade circunscrevem-se aos dias de véspera de jogo em que após o aquecimento efectuamos este tipo de treino, indo de encontro à característica de fomento da preparação multilateral e da velocidade dos jogadores deste tipo de método.

Considerando a dimensão vertical abordada neste relatório, a percentagem de utilização dos métodos de treino específicos de preparação geral ao longo das 95 sessões de treino foi a seguinte:

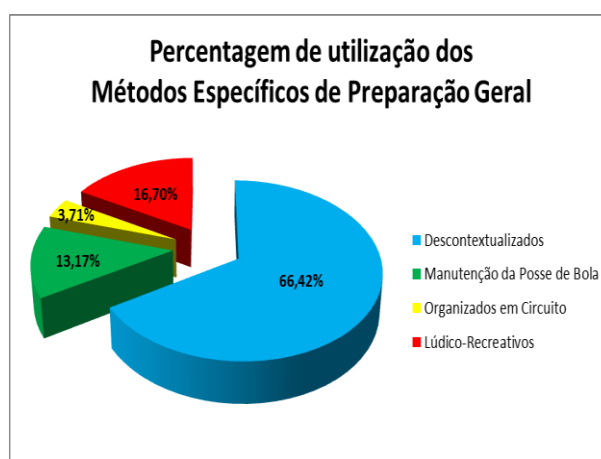


Gráfico 11 - Percentagem de utilização dos métodos específicos de preparação geral

Cerca de dois terços do tempo de utilização dos exercícios deste tipo de método corresponderam a exercícios descontextualizados, com 66,42%, seguidos dos exercícios lúdico-recreativos e dos exercícios de manutenção da posse de bola, com 16,70% e 13,17% respectivamente, e por último os exercícios organizados em circuito, com 3,71%.

Tendo sido este o método com menor percentagem de utilização, como verificamos na dimensão horizontal, constatamos que os exercícios lúdico-recreativos, os para a manutenção da posse de bola e os organizados em circuito foram muito pouco utilizados no nosso modelo de treino, ao passo que os descontextualizados, onde relevamos os exercícios de passe e recepção, assumiram relevância considerável.

Este tipo de exercícios foram executados, geralmente, como complemento ao aquecimento, podendo também serem enquadrados na fase inicial da parte principal do treino. No entanto, o seu papel no modelo de treino é muito mais vincado do que esta referência possa deixar transparecer. Como mencionámos acima, no nosso modelo de jogo a intensidade do passe e a velocidade de circulação da bola assumem papel fulcral na nossa forma de jogar.

Acreditamos que uma das melhores formas para a desenvolvermos é através deste tipo de exercícios que promovem elevada frequência de repetição das acções técnicas referidas, e em contextos situacionais de baixa complexidade tal como vimos ser objectivo destes.

Os exercícios lúdico-recreativos foram utilizados muito pontualmente, e fazendo jus aos objectivos que vimos promoverem, actividades e tarefas individuais e/ou colectivas de carácter lúdico, em ambientes de divertimento e prazer com vista ao amenizar de tensões competitivas, representaram a quase totalidade das sessões em que foram exercitados, tendo sido também utilizados como actividade de exercitação após longas viagens.

À semelhança do que reportamos para os exercícios descontextualizados, os exercícios para a manutenção da posse de bola foram essencialmente realizados como complemento do aquecimento, ou fase inicial da parte principal do treino, em espaços de jogo reduzidos e onde se valorizou a tomada de decisão em contextos situacionais elementares assim como a qualidade dos passes e recepções.

Os exercícios organizados em circuito, pouco representados, ficaram confinados ao microciclo 14 do estágio 14 que, como referimos, assumiu características muito próprias no

sentido da manutenção de níveis aceitáveis de forma desportiva dos jogadores entre as suas competições de clubes e a competição ao nível da selecção.

Considerando a dimensão vertical abordada neste relatório, a percentagem de utilização dos métodos de treino específicos de preparação ao longo das 95 sessões de treino foi a seguinte:

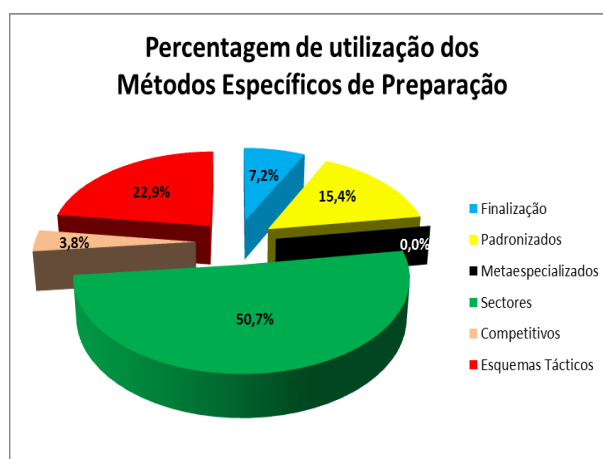


Gráfico 12 - Percentagem de utilização dos métodos de específicos de preparação

Cerca de metade do tempo dedicado aos MEP, 50,7%, foi através de exercícios de sectores, seguidos dos exercícios de esquemas tácticos, 22,9%, exercícios padronizados, 15,4%, exercícios de finalização, 7,2%, e dos exercícios competitivos, 3,8%, não tendo sido utilizados exercícios metaespecializados.

Os exercícios de finalização foram essencialmente utilizados na 1ª sessão de treino de cada estágio, com os jogadores menos ou de todo utilizados nos seus clubes nos dias anteriores à concentração, e na sessão de treino de ambientação ao estádio da selecção adversária, em sua casa. Na conceptualização destes exercícios teve-se em conta as zonas de finalização que pretendemos ocupadas na etapa de finalização e/ou alguns movimentos que pretendemos potenciar no nosso modelo de jogo, ou que acreditamos terem forte

probabilidade de ocorrerem, como o cruzamento para a zona do 2º poste, de fora da área de grande penalidade no limite entre corredor central e lateral.

Os exercícios metaespecializados não foram utilizados nas sessões alvo de estudo neste relatório. Conceptualmente, ao delimitarem o espaço de actividade dos jogadores, embora com o objectivo de potenciarem as missões tácticas de todos ou de um conjunto destes, simultânea ou separadamente, dentro da organização dinâmica da equipa, optamos preferencialmente por exercícios mais abertos no que aos constrangimentos da tarefa dizem respeito, na procura de potenciar ao máximo o tempo de treino. Referimo-nos, concretamente, aos exercícios de sectores.

Os exercícios padronizados acabaram por representar os preferenciais para se efectuar uma ligação coerente com os exercícios de sectores – dimensão diagonal - com vista ao desenvolvimento do modelo de jogo da selecção. Ao terem como prerrogativa o direccionar e o coordenar das tomadas de decisão, os comportamentos e as interacções dos jogadores individual, sectorial e intersectorialmente, suportando-se num conjunto de rotinas ou padrões de jogo com maior ou menor probabilidade de ocorrerem, ofensiva ou defensivamente no jogo, permitiram desenvolver, primordialmente, a etapa de construção com os defesas e os médios defensivos, e as etapas de criação de situações de finalização e finalização.

Os exercícios de sectores representaram a maior percentagem de MEP utilizados, representando cerca de 25% do tempo total de treino. Foram utilizados com vista a sincronizar e desenvolver a articulação dos e entre os sectores da equipa. Permitiram desenvolver a coordenação do sector defensivo de forma isolada do resto da equipa para, posteriormente, através de exercícios intersectoriais fazê-la evoluir, contactar, competir em contextos situacionais mais abertos e variáveis e perante os colegas, médios e avançados, que em função de cooperação desenvolviam a coordenação e em função de oposição colocavam perante dificuldades acrescidas derivado da qualidade dos jogadores.

Estes foram, igualmente, os métodos de excelência para o treino de pontuais adaptações ao modelo de jogo e, acima de tudo, para possibilitar o treino estratégico-táctico

de preparação para a confrontação com os diferentes adversários, por exemplo, por intermédio do alinhamento de uma das equipas no sistema táctico observado e analisado do adversário.

Os exercícios competitivos, que seriam uma progressão e evolução metodológica lógica dos exercícios de sectores como contemplamos na dimensão diagonal dos métodos de treino, não foram, tal como os metaespecializados, alvo de utilização relevante. Serviram, pontualmente, de progressão metodológica congruente com a evolução natural dos exercícios de sectores, aumentando os graus de liberdade destes últimos. Ao visarem uma adaptação funcional individual e colectiva, mais complexa e específica dos jogadores à realidade competitiva do jogo de futebol, sendo em tudo semelhantes à sua essência e natureza da competição, representam exercícios com elevada variabilidade, aleatoriedade e transitoriedade, ou seja, mesmo que possibilitem o desenvolvimento de determinados padrões ou rotinas de jogo específicas do nosso modelo de jogo, isto acontece num ambiente menos controlado por parte do treinador em termos da repetição e sistematização de decisões/acções mais congruentes com a forma de jogar pretendida.

Decorrente de toda a análise aos constrangimentos temporais para treinar o modelo de jogo que atrás já abordamos, julgamos ficar assim esclarecida a opção metodológica pelos exercícios de sectores como os primordiais na preparação da selecção ao possibilitarem elevar os níveis de coordenação e sincronização dos diferentes sectores da equipa, sectorial ou intersectorialmente.

Finalmente, uma referência aos exercícios para o desenvolvimento dos esquemas tácticos que representaram quase 30% do tempo dedicado aos MEP, cujos benefícios ficaram também, de alguma forma, demonstrados através das referências consultadas decorrentes da análise de jogo. Permitiram, tal como os de sectores, uma preparação/adaptação do nosso modelo de uma forma operacional ao modelo de jogo do adversário, em particular para os momentos ofensivo e defensivo dos esquemas tácticos.

Apresentamos agora um gráfico com os minutos totais de cada tipo de exercício do total de 4213 minutos efectivos de treino.

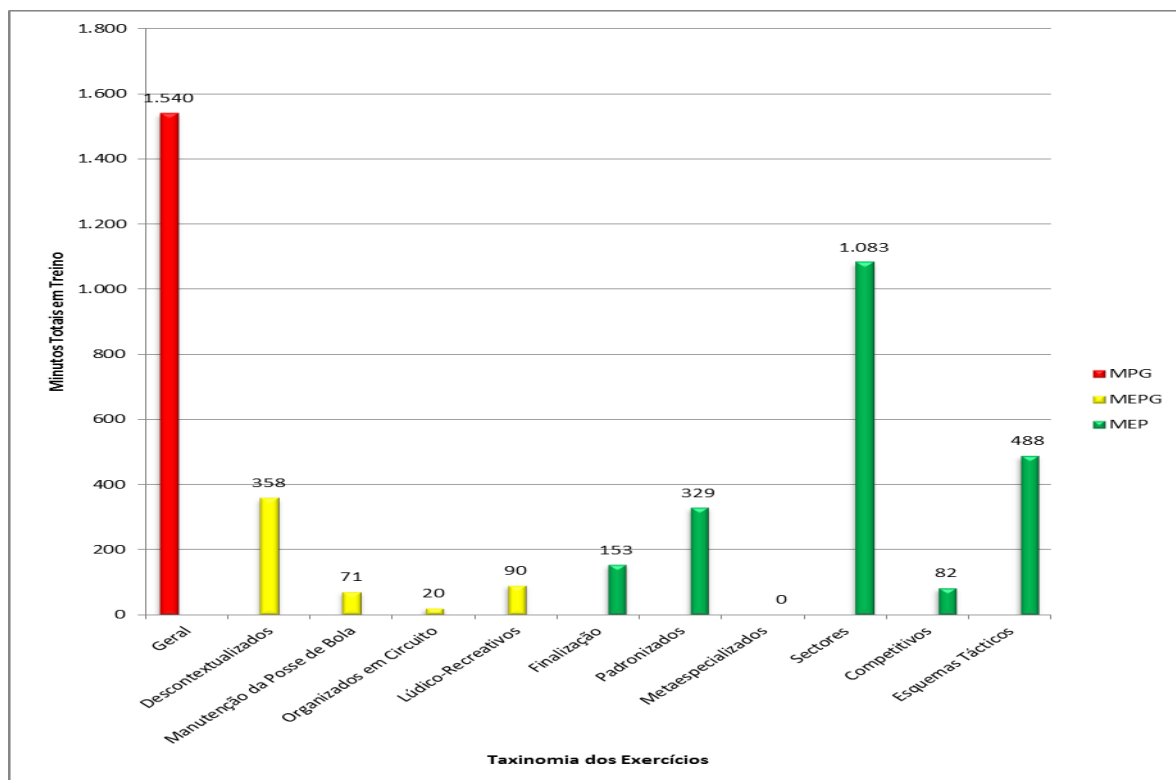


Gráfico 13 - Tempo de utilização dos diferentes exercícios de treino

13.3.3. Dimensão Diagonal

O treino desportivo não é apenas um conjunto de repetições de métodos escolhidos sem qualquer critério ou da inspiração do momento baseando-se sim numa relação lógica de análise do passado, de reflexão do presente e da perspetivação do futuro. Neste sentido, a sistematização das actividades do jogador traduz-se num trajecto contínuo de aplicação dos mesmos ou de diferentes métodos de treino através dos quais se observa que a exercitação e os efeitos dos métodos do presente se suportam na prática e nos efeitos dos métodos realizados no passado, os quais irão, por sua vez, suportar na prática e nos efeitos dos métodos do futuro.

Neste quadro, a metodologia do treino do futebol tem por objectivo a concepção, aplicação/repetição e correcção de métodos de ensino/treino objectivando, em última análise, padrões ou rotinas individuais e colectivas que se referenciam num modelo específico de

jogo. As rotinas de jogo são definidas por grupos de comportamentos individuais e colectivos associados em função do seu contexto de ocorrência, da sua probabilidade de execução e da sua sequência lógica, visando aumentar a adaptação do jogador e da equipa às situações de jogo, diminuindo em simultâneo a energia despendida para o conseguir.

Percepcionada ou antecipada a situação de jogo e simultaneamente activada a rotina que vem a seguir, simplesmente age ao mesmo tempo que vai decidindo, suportado num roteiro pré-programado de identificação dos índices pertinentes que evoluem à sua volta. Tendo atenção às contingências e os imprevistos que a todo o instante acontecem e obrigam a reestruturações da solução táctica e das acções técnicas, as quais se mantêm no perímetro de uma forma específica de jogar e de se expressar colectivamente. Deste modo, procura-se que as rotinas de jogo ocorram com regularidade e eficácia durante a competição, com o intuito de reduzir o aleatório e o acaso, característico da natureza do próprio jogo. Na verdade, estas características hão-de estar sempre presentes, todavia, o aperfeiçoamento dos métodos de ensino/treino do futebol, caminham no sentido de atingir de forma cada vez mais abrangente, a essência da lógica interna do jogo. Reduz-se assim, a possibilidade do acaso participar significativamente no desenvolvimento de cada momento do jogo e, mais importante, no resultado final da partida.

Com o intuito de enriquecer o leque das diferentes rotinas de jogo e das soluções tácticas de suporte, define-se uma estratégia metodológica, a qual passa por uma dinâmica que altere, isto é, realine algumas tomadas de decisão dos jogadores e das configurações tácticas da equipa. Uma das formas metodológicas utilizadas, passa pela valorização de certos conceitos de jogo e das soluções tácticas associadas que se pretendem induzir, afinar e reforçar. Assim, com o objectivo de aumentar o número de vezes na unidade de tempo de certas situações de jogo, as soluções táctico/técnicas de suporte e de sensibilizar, ou seja focalizar os jogadores para as oportunidades pondo-as em prática, aumenta-se o sistema de pontuação como parte da construção da tarefa que queremos aprofundar. Logo que os jogadores vão integrando no seu jogo o conceito táctico que importa enfatizar este recurso, aprende a identificar as situações e os momentos propícios à sua utilização tornando-a mais criteriosa.

De forma a exemplificar o que foi referido: ao pretendermos potenciar o jogo exterior com uma conclusão do processo ofensivo, através de acções de cruzamento, o treinador valoriza os golos conseguidos através destas rotinas e meios técnicos, relativamente a outras também “legais” mas não valorizáveis.

Ao respeitar-se a integridade das propriedades dinâmicas da acção, os comportamentos daí resultantes não fogem aos elementos inerentes à sua natureza, isto é, ao aleatório, ao acaso, ao incerto. Estes elementos fazem parte da própria metodologia de treino, isto é, a controlabilidade de cada meio de treino não impor uma tal ordem que impossibilite o jogador de dialogar com a desordem, com o desequilíbrio, com a imprevisibilidade ou variabilidade situacional. Os métodos de treino para serem considerados específicos contêm em si próprios a possibilidade de aumentar as rotinas, a fluidez, e a regularidade das acções individuais e colectivas, mas simultaneamente, confrontar os jogadores com a resposta às situações de desordem, desequilíbrio, instabilidade, entre outros, provocados pelos próprios colegas, e pelos obstáculos colocados pelo meio - condições do terreno de jogo e climatéricas, entre outros - e fundamentalmente pelos adversários.

Em suma, os métodos específicos de treino conceptualizam situações através das quais os jogadores tentam ordenar a sua forma de jogar sabendo, simultaneamente, integrar, compaginar e solucionar situações de desordem provocado pela implementação de obstáculos de vária ordem que, a todo o momento, são colocados no desenvolvimento do processo ofensivo e defensivo. Releva-se as relações e os graus de transferibilidade positiva entre dois ou mais métodos, aplicados ou não, de forma sequencial, para atingir uma forma específica de jogar. Na verdade, existem variadíssimos métodos plausíveis de atingirem um mesmo objectivo, bem como diferentes formas de progressão didáctico/metodológica. Esta progressão será modelada utilizando um referencial informacional, isto é, do menos para o mais complexo, dos conhecimentos assimilados para os desconhecidos ou, em função dos conteúdos temáticos a desenvolver. Exemplos elucidativos deste último aspecto, será evidenciado pela passagem do conteúdo temático dos métodos denominados de metaespecializados - potenciam as tarefas tácticas dos jogadores, dentro do seu posicionamento, no quadro organizacional da equipa - para os métodos de sectores de jogo - objectivam a sincronização dos sectores defensivo, médio e avançados, e a sua inter-relação -

e destes para os competitivos ou dos métodos denominados de padronizados - circulação táctica ofensiva ou defensiva - para os métodos de bola parada - esquemas tácticos- entre outros. A aplicação prática destes dois exemplos, evidencia uma sucessão encadeada de métodos com diferentes conteúdos e objectivos, os quais, quando correctamente articulados, potenciam um desenvolvimento racional de continuidade e identidade de uma dinâmica estrutural semelhante. Potenciando deste modo, uma lógica coerente e congruente, na direcção de um objectivo válido e idêntico ao que pretendemos atingir.

Exceptuando os métodos denominados de competitivos, ou seja aqueles que mais se assemelham às condições reais do jogo, todos os outros quando conceptualizados e aplicados isoladamente, terão um menor efeito, quando comparados com um conjunto de métodos interligados, segundo uma relação lógica e sistemática, dentro da sessão de treino. Utilizando-se uma dinâmica estrutural semelhante, de método para método, dentro do mesmo ou diferente conteúdo temático, potencia-se os efeitos de uma adaptação e afinamento mais profundo e sustentado no tempo. Nesta perspectiva, não reflectimos cada método específico de treino de modo isolado e fechado em si próprio, mas sim, a partir de uma visão sistémica, sequencial e complementar. Há que reflectir o realinhamento das tarefas inerentes à sessão de trabalho, entendendo qual a dinâmica estrutural mais eficaz. Partindo de um determinado conteúdo do método, importa saber como este se relaciona com o método anterior e se projecta no método seguinte. Na organização da sessão de treino, não há a possibilidade para que cada método realizado, contradiga, nos seus diferentes âmbitos, efeitos, conteúdos, entre outros, os métodos que lhe sucedem ou antecedem. Esta dinâmica de relação inter-método é um aspecto a ser constantemente equacionado pelo treinador na organização da sessão, mas também de sessão para sessão e de microciclo para microciclo de treino. Este será um pressuposto metodológico a aplicar em todas as unidades de programação e estruturação do processo de preparação dos jogadores e da equipa.

Em virtude da descendência comum dos métodos de treino, estes expandem-se na direcção de outros métodos de treino que lhe são afins. Deste modo, existe a possibilidade de se confundirem com métodos que lhe são subjacentes, isto é, que se ligam intrínseca e logicamente, tendo como consequência a dispersão dos objectivos e dos efeitos que se pretende atingir. Todavia, objectiva-se uma correcta sequenciação metodológica no quadro da

sessão ou do microciclo de treino, potenciando a direccionalidade de um trajecto particular e exclusivo de preparação da equipa. Logo, é fundamental que o treinador entenda como controlar e manipular as condições de treino, de modo que os jogadores e a equipa beneficiem de um espaço de interligação entre dois métodos de treino, sem desfocar as variáveis informacionais que sustentam a percepção e especificam as propriedades dos diferentes contextos e enredos de jogo.

Na procura de colocar esta dimensão sob uma perspectiva de aplicabilidade prática, de operacionalização do nosso modelo de treino, passamos a analisar um exemplo de como a abordamos na conceptualização e operacionalização deste:

Partindo de uma interacção lógica estabelecida por três métodos de treino diferentes: (1) as regras de construção dos exercícios padronizados que preconizam uma coordenação untária das acções dos jogadores, a divisão de tarefas e funções tácticas, a unidade da compreensão, da atitude e da acção, o estabelecimento de princípios directores e orientadores, assim como um tempo e o ritmo de jogo, (2) o reajustamento destes métodos para os sectoriais e intersectoriais secundados pelos métodos de jogo ofensivo e, posteriormente, organizados sob 3 sectores de jogo, que buscam o aperfeiçoamento e optimização do trabalho colectivo, o desenvolvimento da articulação e sincronização sectorial e intersectorial, delimitando zonas, sectores, de acção para os jogadores aumentando ou diminuindo a possibilidade de evolução destes para os sectores de jogo mais próximos consoante os padrões de jogo que se pretendem desenvolver, culminando (3) no reajustamento destes para os métodos competitivos, através dos quais todos os jogadores se deslocam de um para outro sector aumentando ou diminuindo a profundidade defensiva ou ofensiva da equipa, consoante as circunstâncias tácticas de jogo, retirando-se a delimitação espacial intersectorial. A aplicação sucessiva dos respectivos métodos enunciados traduz a elevação sequencial da complexidade das situações de jogo, aproximando-se realisticamente às condições da luta competitiva.

Assim sendo, a título de exemplo, optámos no 2º dia dos microciclos, quando este não se verificou a pelo menos 48h da próxima competição, por conceptualizar duas sessões de treino, uma de manhã e outra à tarde. Na sessão de treino da manhã dividimos os jogadores em 2 grupos, com um 1º grupo a efectuar a primeira parte do treino e o 2º grupo a efectuar a

2ª parte do treino. Na sessão de treino da tarde juntávamos os jogadores numa mesma sessão em que operacionalizamos de forma lógica e racional os conteúdos que treinaram de manhã de forma separada.

Focando-nos apenas nos exercícios específicos a que pretendemos fazer referência para demonstrar a aplicação prática desta dimensão diagonal dos métodos de treino vamos abordar o exercício de treino padronizado efectuado pelo 1º grupo – guarda-redes, defesas e médios defensivos – na 1ª parte do treino. Este exercício de treino tem como objectivo/conteúdo o treina da etapa de construção, cuja explicação foi efectuada acima no capítulo referente ao modelo de jogo:



Ilustração 60 - Exercício padronizado para a etapa de construção

O exercício inicia com uma posse de bola com o objectivo de efectuar 4 passes, numa situação de 4x2 no espaço a amarelo, com um DC+DLE+DLD+MD contra 2 defesas da equipa adversária que vão alternando de posição entre o espaço amarelo e a defesa das 2 balizas – delimitadas pelos 2 pares de estacas nos corredores laterais.

Após 4 passes os vermelhos devem procurar uma de duas soluções: ou efectuem passe à largura para desmarcação à largura de um dos defesas laterais, ou descobrem linha de passe para o médio defensivo.



Ilustração 61 - Exercício padronizado: zonas de saída pelos laterais e respectivas soluções de passe

Se a opção for um DL, este após receber deverá progredir com bola e efectuar passe por entre um das duas balizas delimitadas pelas estacas – ou baliza das estacas amarelas para passe de rotura no MO representado pelo MD da equipa adversária, ou baliza das estacas vermelhas para passe em profundidade para zona a ser ocupada pela desmarcação diagonal em profundidade de um AV.



Ilustração 62 - Exercício padronizado: zona de saída pelo médio defensivo e respectiva solução de passe

Se a opção for o MD, este deverá rodar para a baliza adversária e procurar linha de passe no MO por entre uma baliza de bonecos amovíveis defendida por um dos treinadores.



Ilustração 63 - Exercício padronizado: Saída a jogar curta do guarda-redes após atraso

O MO após receber o passe do MD vermelho ou de um DL, assume função de MD e efectua passe para o GR a simular um contexto de atraso, ao qual o GR responde com um passe curto no GR posicionado no corredor lateral mais próximo.



Ilustração 64: Exercício padronizado: zonas de reposição do guarda-redes após finalização frontal

Após o passe curto em contexto de atraso o GR deverá defender a baliza em contexto de finalização frontal do treinador de guarda-redes que eleva em simultâneo um dos dois mecos que tem nas mãos. Se mostrar o meco vermelho, como representado na ilustração 64, o GR, após se deslocar rapidamente até aos limites da área de grande penalidade, irá efectuar uma reposição curta com a mão ou longa com o pé consoante a desmarcação do treinador em apoio ou em profundidade para as zonas demarcadas a vermelho. Se mostrar o azul, o GR seguirá os mesmos procedimentos analisando o posicionamento de um elemento do staff no corredor contrário.



Ilustração 65 - Exercício padronizado: zonas de reposição do guarda-redes após cruzamento

Quando a opção do DL foi efectuar passe em profundidade, o GR do respectivo corredor lateral para onde o passe foi efectuado, efectuará cruzamento para a área de grande penalidade. Após solucionar o contexto de cruzamento, o GR que está na baliza segue os mesmos pressupostos referidos referidos para a ilustração 64, sendo que neste caso o treinador de guarda-redes mostra um dos mecos aquando do cruzamento.

Passamos agora a abordar o exercício de treino padronizado efectuado pelo 2º grupo – guarda-redes, médios e avançados – na 2ª parte do treino. Este exercício de treino tem como objectivo/conteúdo o treina das etapas de criação de situações de finalização e finalização, cuja explicação foi efectuada acima no capítulo referente ao modelo de jogo:



Ilustração 66 - Exercício padronizado para as etapas de criação de situações de finalização e finalização

Este exercício é efectuado através de um conjunto de circulações tácticas e combinações que se pretendem resultar nos padrões e rotinas de jogo da equipa, realizadas através de situações de 6x0+GR, que passamos a ilustrar:



Ilustração 67 - Exercício padronizado: circulação táctica com exploração do movimento diagonal em profundidade do avançado após passe do médio interior



Ilustração 68 - Exercício padronizado: circulação táctica com exploração do movimento diagonal em profundidade do avançado após passe do médio interior e apoio frontal do médio ofensivo



Ilustração 69 - Exercício padronizado: circulação táctica com condução para dentro do médio interior e passe vertical para movimento diagonal do avançado

Centramo-nos agora no treino da tarde, onde se juntaram os 2 grupos de jogadores, sendo conceptualizados e operacionalizados um exercício de sectores secundado pelos métodos de jogo ofensivos e um exercício sobre três sectores, respectivamente.

No exercício de sectores secundado pelos métodos de jogos, inicia-se o exercício com uma situação de 5x3, progressão do exercício padronizado para a etapa de construção treinado de manhã, com a inclusão de mais um DC na circulação de bola e pela inclusão de mais um jogador a tentar recuperar, neste caso os três jogadores são o MO e os dois MI.

O objectivo dos vermelhos é efectuar 4 passes no espaço delimitado a amarelo, podendo dar, de seguida, continuação às restantes etapas da fase ofensiva.



Ilustração 70 - Exercício de sectores secundado pelos métodos de jogo ofensivos

Após os 4 passes os vermelhos podem efectuar passe para desmarcação à largura de um dos DL que após receber efectua passe em profundidade para desmarcação diagonal em profundidade de um dos AV. Este último, por sua vez, efectuará cruzamento para uma das zonas de finalização que serão ocupadas de acordo com o exercício padronizado para as etapas de criação de situações de finalização e finalização treinado de manhã.



Ilustração 71 - Exercício de sectores: saída a jogar pelo defesa lateral seguido de movimentações ofensivas padronizadas

Após os 4 passes os vermelhos podem, por outro lado, descobrir o MD que procurará descobrir o MO, tal como vimos no exercício da manhã, desenvolvendo-se o exercício com as movimentações já treinadas.



Ilustração 72 - Exercício de sectores: saída a jogar pelo médio defensivo seguida de movimentações ofensivas padronizadas

O exercício permite muitas possibilidades de manipular a sua complexidade e dificuldade como, por exemplo, a equipa vermelha após os 4 passes, inicialmente desenvolve as movimentações sem oposição, evoluindo, posteriormente, para oposição de um e/ou dois defesas da equipa adversária.



Ilustração 73 - Exercício de sectores secundado pelo ataque rápido: recuperação de bola e procura de passe de rotura e finalização rápida

Caso os vermelhos quando estão a tentar efectuar os 4 passes perdem a posse de bola, os jogadores brancos podem finalizar directamente ou procurar passes de rotura sem que os vermelhos possam recuperar defensivamente para lá dos limites da zona azul.



Ilustração 74 - Exercícios sobre 3 sectores de jogo

Finalmente, e aumentando os graus de liberdade do exercício e o campo de possibilidades de decisão/acção dos jogadores, evoluímos para um exercício sobre 3 sectores

mantendo-se os mesmos dispositivos táticos, com relações de superioridade defensiva nos sectores defensivos de cada equipa – 4x3 – e relação de igualdade numérica no sector do meio-campo. O campo de possibilidades do exercício é apenas limitado pela criatividade e imaginação do treinador, que pode conceptualizar várias progressões como a permissão de evolução de um sector para outro de um jogador da equipa em posse de bola para permitir criar situações de superioridade no sector do meio-campo ou de igualdade no sector ofensivo, seguido da possibilidade de também poder evoluir para outros sectores um jogador da equipa sem posse de bola com vista a restabelecer a dinâmica de relações inicial mas cada vez mais aproximada à realidade e à lógica do jogo, entre outras possibilidades.

14. Conceptualização e Operacionalização do Modelo de Observação e Análise

O processo de observação e análise assume papel crucial no desenvolvimento do trabalho num contexto de uma selecção nacional.

Primeiramente importa referir toda a bagagem de conhecimento de um vasto conjunto de jogadores pertencentes ao escalão de Sub21 derivado do Seleccionador Nacional ter treinado a equipa de Juniores A do Clube de Futebol “Os Belenenses” durante 4 épocas entre 2006/2007 e 2009/2010 e do Treinador Nacional Romeu Almeida ter sido treinador principal, no mesmo clube, da equipa B do escalão de Juniores B em 2008/2009 e da equipa A do escalão de Juniores A em 2009/2010 tendo, no mesmo período, sido treinador adjunto na equipa de Juniores A.

Isto resultou num vasto conhecimento do grupo de jogadores em causa, essencialmente os pertencentes à Zona Sul do Campeonato Nacional de Juniores A, no qual participaram vários deles.

Recebemos um conjunto de informação relativa aos trabalhos das Selecções Sub21 e Sub20 anteriores. Alguns jogadores nascidos em 1990 já haviam participado nos trabalhos da Selecção Sub21 com Oceano Cruz que disputou a qualificação para o Campeonato da Europa

de 2011, e muitos jogadores nascidos em 1990 haviam feito parte da Selecção Sub20 orientada pelo Professor Ilídio Vale em 2009/2010 – relembramos aqui que apenas convocámos jogadores desta faixa etária em 2010/2011.

Quer o Professor Ilídio Vale quer qualquer um dos outros Treinadores Nacionais se demonstraram bastante disponíveis perante a nossa solicitação acerca de informações relativas aos jogadores desta geração.

Procuramos estabelecer pontes ou redes de informação com vários treinadores dos 3 principais campeonatos nacionais portugueses. Sempre que um desses treinadores foi contactado, quer em observações directas quer através de contactos telefónicos, procuramos garantir a sua colaboração e confiança no sentido de não hesitarem em contactar-nos sempre que observassem ou recolhessem informações sobre jogadores pertencentes à nossa geração e que pudessem ter qualidade.

Este estabelecimento de pontes com os treinadores partiu do assumir da incapacidade humana de conhecer e observar todos os jovens jogadores deste país. Foi, também, algo bem aceite pelos treinadores e percepcionado como interessante.

Foi garantido aos treinadores dos clubes confidencialidade absoluta relativamente ao conteúdo de toda a informação que por eles fosse transmitida no que aos jogadores seleccionáveis por eles treinados diz respeito.

Foi-lhes solicitada informação não apenas acerca de como avaliavam e percepcionavam os seus jogadores mas também a forma como estes treinavam e atitude e comportamentos que demonstravam.

Esta relação de proximidade e confiança revelou-se, também, bastante profícua e fulcral nos momentos em que tivemos estágios de preparação fora das datas FIFA bem como na resolução e compromisso relativo à convocatória e utilização de jogadores para jogos de preparação.

Definimos a observação e análise no contexto de Selecção em 4 vectores: observação e análise de jogadores seleccionáveis em contexto de Clube, observação e análise de jogadores em contexto de Selecção, observação e análise da Selecção Sub21, observação e análise de selecções adversárias.

14.1. Observação e análise de jogadores seleccionáveis em contexto de Clube

Este processo desenvolveu-se através da pesquisa e recolha de informações acerca de um vasto número de jogadores seleccionáveis para a nossa geração.

Foi efectuada uma pesquisa exaustiva acerca de todo o trajecto a nível de selecções jovens dos jogadores pertencentes a esta geração e também de todos os jogadores federados a disputarem os 3 principais campeonatos nacionais portugueses (1ª Liga, 2ª Liga e IIB).

Efectuámos, igualmente, ao longo destes quase 2 anos uma pesquisa exaustiva em diversas bases de dados dos campeonatos nacionais de França (4 divisões pesquisadas), Suíça (3 divisões pesquisadas), Alemanha (3 divisões pesquisadas), Inglaterra (3 divisões pesquisadas) Bélgica (2 divisões pesquisadas), Holanda (2 divisões pesquisadas) e Luxemburgo (1 divisão pesquisada), assim como nos sítios dos clubes das referidas divisões, em busca de jogadores de nacionalidade portuguesa nas equipas profissionais e/ou de formação.

Estas pesquisas foram efectuadas periodicamente com vista a actualizar as nossas bases de dados, tendo sido, inclusivamente, entregue um relatório com algumas centenas de jogadores, cujos dados recolhidos permitem concluir que sejam portugueses ou de descendência portuguesa, desde o escalão Sub8 ao escalão Sub19 à direcção e departamento técnico da FPF.

Posteriormente definimos um conjunto de jogadores seleccionáveis a acompanhar a nível de clube quer em Portugal quer no estrangeiro. Este acompanhamento foi feito através da actualização semanal de uma base de dados com os tempos de jogo dos jogadores, por forma a termos uma informação actualizada acerca da utilização de todos esses jogadores.

A observação e análise dos jogadores em contexto de Clube decorreu quer através de observações directas, in loco, quer de indirectas, televisão ou computador.

Valorizamos de forma premente as observações de cariz directo, através da observação de jogos oficiais, jogos particulares e sessões de treino. No decurso da época 2010/2011 efectuámos relatórios individuais, que abordaremos mais à frente neste relatório, em todas as observações directas de jogos oficiais que observámos.

Entre jogos oficiais (103) e jogos de preparação (31) a nível de clube, foram observados directamente 134 jogos e foram observadas 23 sessões de treino.

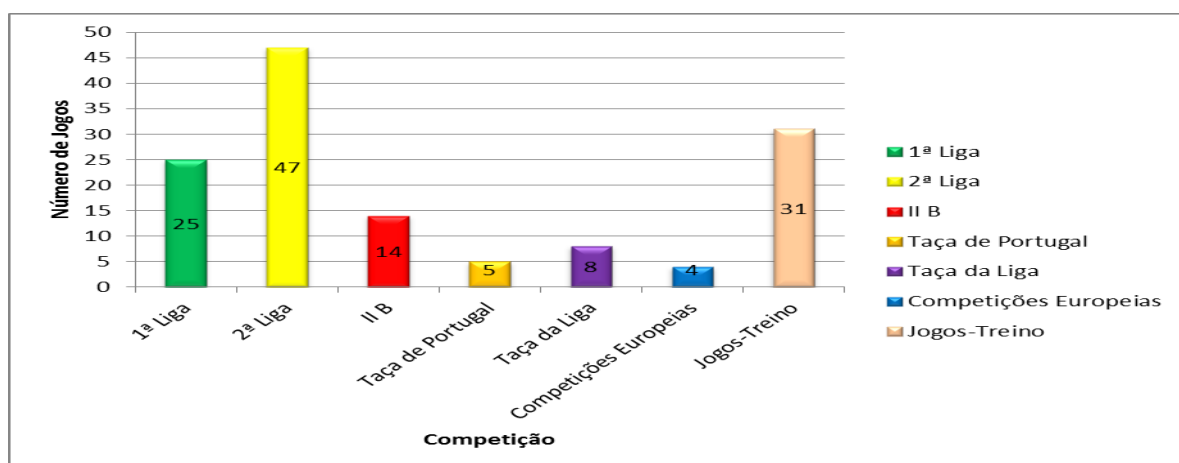


Gráfico 14 - Número de observações directas efectuadas nas diferentes competições

Foram observados 123 jogadores nascidos entre 1990 e 1994.

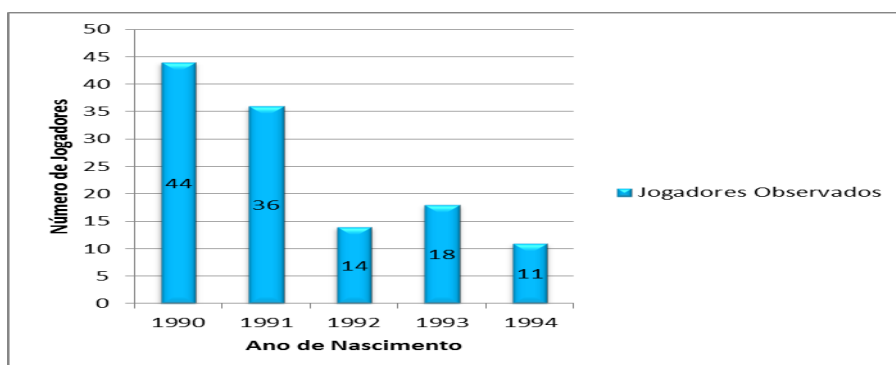


Gráfico 15 - Número de jogadores observados directamente por ano de nascimento

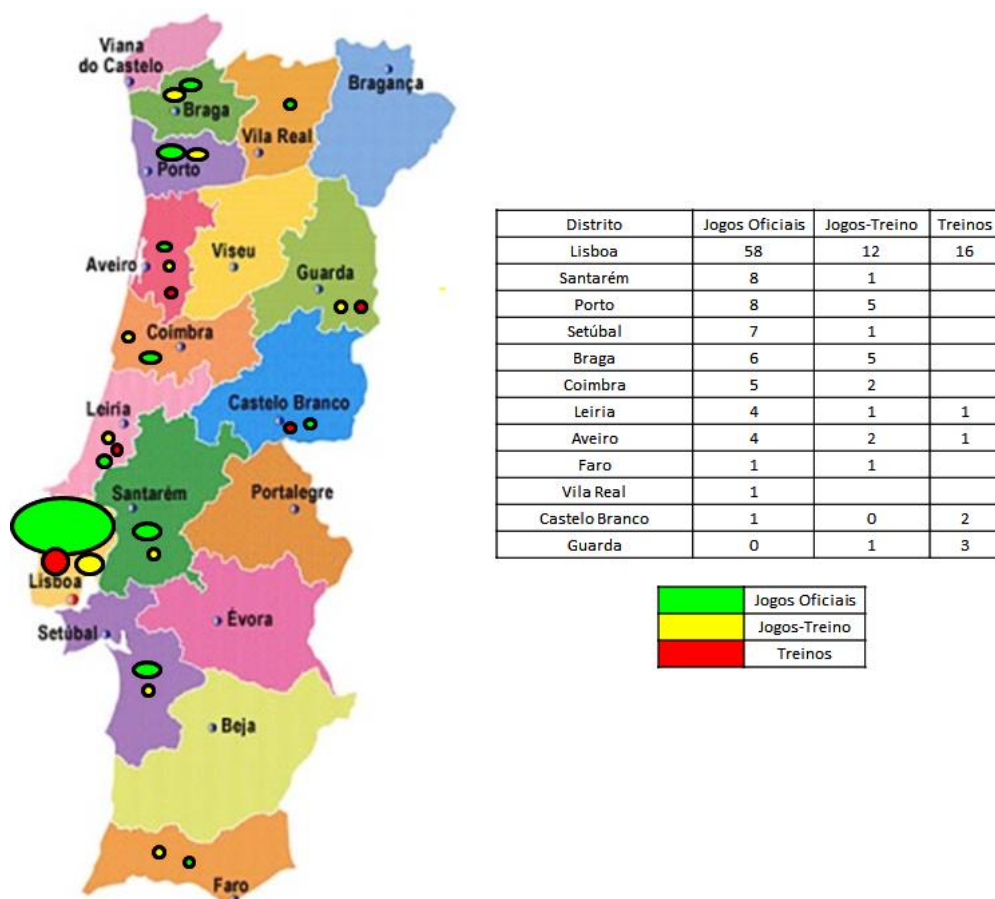


Ilustração 75 - Distribuição das observações directas efectuadas pelos distritos de Portugal

Efectuamos, como já mencionámos, centenas de observações indirectas através da visualização de jogos transmitidos na televisão e/ou pelo recurso a *softwares* que abordaremos mais à frente neste relatório.

14.2. Observação de jogadores seleccionáveis em contexto de Selecção

Procurámos avaliar todos os jogadores convocados para a Selecção Sub21 em todos os momentos dos estágios, em treinos e em jogos.

Esta observação e avaliação foram consubstanciadas através da filmagem da quase totalidade das sessões de treino e jogos, algumas vezes por mais do que uma câmara, logo garantindo diferentes perspectivas, o que possibilitou posteriores análises e intervenções.

Procurámos, também, acompanhar de perto os trabalhos de todas as selecções jovens portuguesas desde a Selecção Sub15 à Selecção Sub20. Este acompanhamento consubstanciou-se na presença assídua dos diferentes elementos da equipa técnica em sessões de treino de diferentes estágios das referidas selecções e, ainda, através da observação directa de jogos.

Observámos 8 jogos da Selecção Sub20, 5 jogos da Selecção Sub18, 2 jogos da Selecção Sub17, 4 jogos da Selecção Sub16, num total de 19 jogos observados.

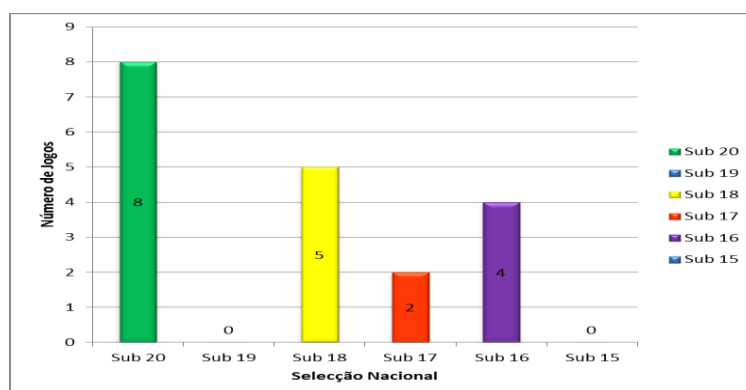


Gráfico 16 - Número de observações directas efectuadas em jogos das Selecções jovens da FPF

Pretendemos com a nossa presença conhecer de perto quer os jogadores que poderiam a curto/médio prazo fazer parte das escolhas para a Selecção Sub21, casos das Selecções Sub18 a Sub20, quer os melhores jogadores das gerações mais novas, entre os sub15 e os Sub17, o que possibilita a capacidade de perspectivar a médio/longo prazo do futuro das selecções jovens.

Pretendemos, igualmente, demonstrar o acompanhamento próximo, dentro do possível, dos jogadores de Selecção.

Consideramos fundamental e preponderante este acompanhamento de proximidade aos escalões mais jovens da FPF numa perspectiva de estrutura e de cultura da organização, independentemente do tempo durante o qual sejamos parte integrante desta.

Efectuámos, também, observações indirectas de alguns jogos das selecções jovens, tendo centrado a nossa atenção particularmente nos jogos da Selecção Sub20 em que não pudemos estar presentes por motivos profissionais.

14.3. Observação e análise da Selecção Sub21

Efectuámos uma observação e análise colectivas da Selecção Sub21 em jogo, quer por intermédio do que observámos directamente quer através da visualização do vídeo dos jogos e preparação de relatórios em formato de vídeo, cuja amostragem aos jogadores efectuámos consoante a disponibilidade temporal e pertinência em cada estágio e/ou momento da época.

14.4. Observação e análise de Selecções adversárias

A observação das selecções adversárias foi feita quase exclusivamente por intermédio de observações indirectas.

Foi apenas efectuada uma observação directa, no jogo Polónia 0-2 Rússia do grupo de qualificação para o Campeonato da Europa de 2013.

Esta opção deveu-se ao facto de a grande maioria dos nossos momentos competitivos ser simultânea à realização de jogos dos nossos adversários e, também, por questões financeiras, devido ao grande esforço necessário para efectuar este tipo de observações.

A observação e análise dos adversários foi efectuada através da visualização dos vídeos dos jogos obtidos de diferentes maneiras, ora por intermédio das solicitações a outras Federações, tal como abordámos anteriormente no capítulo correspondente, ora através do recurso a outros *softwares* aos quais nos reportaremos mais à frente neste relatório quando abordarmos todas as ferramentas de suporte e meios de observação que utilizámos neste processo. Apresentamos o número de observações indirectas efectuadas para cada jogo com cada adversário:

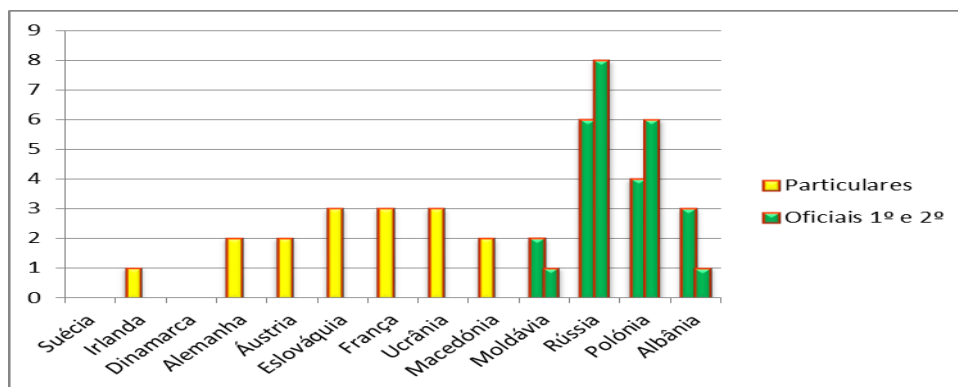


Gráfico 17 - Número de observações indirectas dos adversários da Selecção Sub21 entre Novembro de 2010 e Setembro de 2012

Procurámos obter sempre o máximo de informação possível relativa aos nossos adversários. Primeiramente efectuámos uma pesquisa exaustiva de todos os jogos que tivessem disputado, recolhendo toda a informação estatística e descritiva possível, e de seguida procurámos aceder ao maior número de jogos possível.

Foi efectuada uma análise em formato de vídeo, algumas vezes suportada em formato digital através da elaboração de relatórios descritivos, de todos os jogos adversários observados.

Posteriormente efectuámos uma pesquisa exaustiva sobre os jogadores adversários normalmente convocados, e outros que surgissem como surpresas nas convocatórias para jogos connosco. Entre as informações recolhidas buscámos as relativas ao clube onde jogam, tempo de utilização, golos marcados, pé dominante, estatura, vídeos de resumo de acções de alguns jogadores e/ou, menos frequentemente, vídeos de jogos integrais em contexto de Clube.

Importa referirmos que nem sempre se afigurou pertinente a observação de vídeos de jogos de adversários, ou apenas a observação de poucos, por um conjunto de razões como a não existência de jogos efectuados por estes com a actual geração de jogadores, o cariz dos jogos em causa, ou seja a consideração do nível de competitividade dos jogos disponíveis em função do que perspectivamos obter, entre outros.

Consideramos pertinente, até pelas opções verificadas em termos do modelo de jogo já referenciado, reportar a opção, na grande maioria dos casos, e relativamente ao sistema táctico preferencial utilizado, pelo 1-4-2-3-1 por parte das selecções adversárias.

14.5. Planeamento e calendarização das observações

O planeamento e a calendarização das observações teve como objectivos a observação de forma regular e contínua do máximo de jogadores seleccionáveis possível.

Tal como explicámos anteriormente, a escassa utilização de muitos destes jogadores numa parte considerável deste processo levou a que procurássemos aproveitar o maior número de oportunidades para os ver nomeadamente, também, em jogos de preparação por serem um momento de treino/competição em que tiveram mais oportunidades.

Procurámos, principalmente, numa fase inicial contar com o apoio dos treinadores dos clubes no sentido de nos fornecerem informação privilegiada e confidencial acerca da utilização ou não desses jogadores nos jogos e perspectivas do tempo de utilização, com vista a potenciarmos as nossas deslocações de forma eficiente e eficaz.

Considerámos, de igual maneira, a pertinência ou não de todas as observações a partir de uma perspectiva financeira, ou seja, procurámos rentabilizar ao máximo as deslocações longas e centrámos de forma mais premente as nossas observações em locais dentro ou próximos de Lisboa.

Esta perspectiva nunca nos condicionou no planeamento e calendarização das observações pois nenhum jogador deixou de ser observado por questões financeiras. O que fizemos foi aproveitar os momentos em que equipas afastadas da zona de Lisboa se deslocavam a zona mais central do país para observarmos e analisarmos os jogadores, contribuindo desta forma para uma utilização mais eficiente e eficaz do orçamento destinado à Selecção Sub21.

De referir ainda que todas as deslocações que efectuámos para observar jogadores seleccionáveis em treino nos seus clubes, as que efectuámos para observar treinos das

selecções jovens, foram por conta própria, assim como um conjunto considerável de observações em jogos oficiais, dentro da perspectiva acima reportada.

Frisamos novamente que atribuímos, desde uma perspectiva técnica, uma importância e relevância fulcrais a este acompanhamento próximo dos jogadores seleccionáveis em contexto de Clube.

A possibilidade de se sentirem observados e acompanhados, independentemente de serem ou não opção para as convocatórias, a possibilidade de conversar com alguns em determinados momentos da época como quando mudam de clube, quando se encontram lesionados, quando as coisas não lhe estão a correr da melhor maneira, contribuem de sobremaneira ao espírito de grupo e cultura que pretendemos implementar e ver cultivados na Selecção Sub21.

14.6. Ferramentas utilizadas no processo de observação e análise

Abordamos neste espaço as ferramentas/*softwares* e/ou bases de dados que utilizámos durante este trajecto de quase 2 anos.

14.6.1. Pesquisas e obtenção de informações sobre jogadores seleccionáveis e de jogadores e selecções adversárias

Os sítios de internet que serviram de apoio nas nossas pesquisas, para além dos sítios da própria FPF e outras Federações (adversárias ou adversárias das adversárias), foram os seguintes:

- www.transfermarkt.co.uk – permitiu-nos obter uma grande quantidade de informação relativa aos jogadores seleccionáveis jogadores adversários (clubes a que pertencem, tempo de utilização, entre outros), e selecções adversárias (jogadores seleccionáveis, clubes a que pertencem, jogos realizados, jogos a realizar, entre outros);
- www.fora-de-jogo.net – permitiu-nos obter informação acerca do tempo de utilização de jogadores seleccionáveis em contexto de Clube, tendo sido particularmente importante no acompanhamento dos jogadores da IIB;

- www.zerozero.pt – permitiu-nos obter informação acerca de jogadores seleccionáveis, esporadicamente até a observação de resumos de jogos de divisões inferiores;
- www.soccerway.com – de forma menos regular, permitiu-nos completar e complementar informação referente a jogadores seleccionáveis e jogadores adversários, bem como informações acerca das selecções adversárias;
- www.youtube.com – foi importante na pesquisa de informações sobre jogadores seleccionáveis, mas sobretudo na recolha de informações acerca de jogadores e selecções adversárias, em formato visual, tendo sido possível recolher vários resumos de acções técnico-tácticas de jogadores que possibilitaram uma avaliação geral das suas capacidades e qualidades.

14.6.2. Pesquisa e visualização de jogos de jogadores seleccionáveis e jogadores adversários e de selecções adversárias

Além da pesquisa de informação relativa a calendário de jogos televisionados para observação indirecta através da televisão, essencialmente, de jogadores seleccionáveis, socorremo-nos dos seguintes sítios/*softwares* para a visualização e obtenção de jogos:

- www.wyscout.com – *software* que permite visualizar e obter jogos de várias dezenas de países e centenas de campeonatos e competições nacionais e internacionais, oficiais e particulares, tendo sido fundamental para a obtenção de jogos das selecções adversárias e acompanhamento de jogadores seleccionáveis a jogarem em clubes estrangeiros (num espaço temporal de 24 a 48 horas após o final dos jogos é possível o acesso aos mesmos);

14.6.3. *Softwares* de edição e análise de vídeo e preparação de sessões de vídeo

No momento em que iniciámos o nosso trabalho recorremos ao Eric2.0, *software* de análise e edição de vídeo que já possuíamos.

Posteriormente, utilizámos o Tacticalpad, sendo um *software* que adquirimos também a título pessoal e que nos permitiu, além de efectuar uma análise e edição de vídeo

mais básica, preparar rapidamente posicionamentos e animações de cariz tático-estratégico para mostrar aos jogadores. Para este último efeito utilizámos, também, o *software* CoachFX.

Finalmente, passámos a utilizar de forma quase exclusiva o Sportscore, *software* de análise e edição de vídeo disponibilizado pela FPF e que nos permitiu adaptar a observação e análise de jogos e jogadores às nossas necessidades e rapidamente preparar sessões de vídeo.

Capítulo IV – Conclusões

Da elaboração, análise e reflexão acerca deste relatório, podemos concluir:

- O contexto de uma Selecção Sub21 caracteriza-se por dele fazerem parte jogadores que se encontram numa fase de transição de carreira, de júnior para sénior, para a qual parecem contribuir uma adequada escolha de um espaço de afirmação, o tempo de utilização em competição, a qualidade do planeamento e do processo de treino, as competências dos treinadores com os quais trabalham, colegas e adversários, dirigentes e secretários técnicos, sócios/adeptos, e os média;
- Parecem concorrer para um adequado planeamento dos trabalhos em contexto de Selecção a calendarização das datas FIFA, a calendarização e definição de jogos oficiais e particulares, a definição do local e horário em que decorrem os jogos bem como o local de estágio que lhe possibilitará as melhores condições de preparação, a definição de viagens e planos de voo, nacional e, principalmente, a nível internacional, e o relacionamento institucional com outras Federações;
- A Selecção Sub21 é representada por um conjunto de jogadores variável e heterogéneo no que aos clubes de proveniência diz respeito, contribuindo tal facto para um constrangimento acrescido na conceptualização de um modelo de jogo que procure potenciar ao máximo rotinas e padrões de jogo com que os jogadores, ou grupos de jogadores, estivessem mais familiarizados por as treinarem de forma regular e contínua em contexto de Clube;
- Na elaboração de convocatórias parece ser relevante considerar, da forma mais justa e equilibrada possível, aspectos como a qualidade dos jogadores, a sua utilização/assiduidade em contexto de Clube, o nível competitivo das competições por estes disputam, as necessidades táctico-estratégicas da Selecção, o rendimento dos jogadores em contexto de Clube e o rendimento dos jogadores na Selecção Sub21;
- Entre os objectivos de uma Selecção Sub21 deverão constar com igual preponderância objectivos de resultado e de processo, como a qualificação para o respectivo Campeonato da Europa, fornecer jogadores à Selecção AA, preparar a equipa para treinar sempre com o objectivo de melhorar as suas competências, preparar a equipa

para competir em todos os jogos para ganhar, e procurar que seja um espaço que apoie ao desenvolvimento desportivo e pessoal de todos os jogadores que dele façam parte;

- A definição de quadros competitivos cada vez mais ajustados à realidade desportiva, cultural e económico-financeira do país, poderá impactar de sobremaneira na quantidade de jogadores seleccionáveis assim como na qualidade das competições em que estejam inseridos;
- O principal campeonato de Portugal caracteriza-se por uma aposta maioritária em jogadores estrangeiros, nalguns casos com média de idades inferior à dos jogadores nacionais, e uma fraca aposta em jogadores formados nas academias dos clubes – dados referentes ao período entre 2009 e 2013 – quando comparado com a maioria dos principais campeonatos europeus;
- A duração dos estágios e dos microciclos apresenta características bastante variadas em termos do número total de dias e dos dias disponíveis para treinar, e aqui referimo-nos aos treinos que permitem uma maior aproximação à forma de jogar pretendida, e em função do tipo de estágio, de preparação ou competitivo, assim como da duração de possíveis viagens;
- Na conceptualização de um modelo de jogo no contexto de Selecção, afigura-se fundamental a capacidade do Seleccionador priorizar e definir com clareza os princípios que considera melhor se adaptar à sua vivência e análise decorrente da observação do jogo de futebol, que melhor se adaptam aos jogadores que tem disponíveis, à cultura da Federação que representa, às características da competição que disputa e dos adversários que confronta, no sentido de desenvolver eficazmente, leia-se num curto espaço de tempo, padrões de jogo que considera mais pertinentes;
- O modelo de jogo deve ser também adaptável não só às diferentes características dos jogadores disponíveis mas também a possíveis pequenas variantes estratégico-tácticas que não o desvirtuem e possibilitem a exploração das debilidades e/ou redução das qualidades verificadas no modelo de jogo dos adversários, sendo que neste contexto esta característica pode-se tornar nociva pelo pouco tempo e pela intermitência de contacto com os jogadores para que assimilem o modelo de jogo preferencial;

- Em consonância com o exposto acima, o modelo de treino no contexto de Selecção deve aproximar-se e apresentar fortes níveis de congruência e especificidade com o modelo de jogo;
- Os MEP ao se apresentarem como os que maior aproximação às lógicas e características do jogo de futebol dizem respeito, parecem ser os métodos preferenciais com vista a operacionalizar o modelo de jogo conceptualizado;
- Os exercícios de sectores parecem ocupar papel preponderante na operacionalização das rotinas e padrões de jogo que se pretendem melhor identificáveis do modelo de jogo, assim como os exercícios para o desenvolvimento dos esquemas tácticos e os exercícios padronizados;
- Os processos de recuperação dos jogadores pós-competitivos representam mais de um terço do tempo de utilização dos MPG, algo representativo da tipologia dos estágios e microciclos em contexto de Selecção;
- A opção pela conceptualização e operacionalização do modelo de treino a partir de uma dimensão diagonal dos métodos de treino parece potenciar os efeitos de uma adaptação e afinamento mais profundo e sustentado no tempo, ou seja os métodos de treino interligados, segundo uma relação lógica e sistemática, dentro da sessão de treino ou de sessões consecutivas, parecem ter um maior efeito que todos os outros quando conceptualizados e aplicados isoladamente;
- Utilizando-se uma dinâmica estrutural semelhante, de método para método, dentro do mesmo ou diferente conteúdo temático, e onde o treinador seja capaz de controlar e manipular as condições de treino, de modo que os jogadores e a equipa beneficiem de um espaço de interligação entre dois métodos de treino, sem desfocar as variáveis informacionais que sustentam a percepção e especificam as propriedades dos diferentes contextos e enredos de jogo, a eficácia do modelo de treino em contexto de Selecção poderá ser aumentada;
- O modelo de observação e análise deverá apresentar níveis de congruência e especificidade elevadas com o modelo de jogo, tal como o verificado para um modelo de treino, e relevante pertinência na interligação com este último;

- No contexto de Selecção parecem relevantes as opções por efectuar observação e análise de jogadores seleccionáveis em contexto de Clube, em contexto de Selecção, e observação e análise da respectiva Selecção e de selecções adversárias;
- As observações directas apresentam-se como o meio preferencial de operacionalização do modelo de treino;
- Para a observação e análise de jogadores em contexto de Clube parece relevante a opção por observar jogos oficiais, jogos-treino e sessões de treino em diferentes períodos da época;
- Para a observação e análise de jogadores em contexto de Selecção parece relevante o acompanhamento dos trabalhos das selecções jovens, quer em estágio, leia-se treino, quer em jogos oficiais e/ou particulares;
- Para a observação e análise da Selecção Sub21, a observação das filmagens dos treinos e dos jogos afiguram-se preponderantes para a monitorização e desenvolvimento do modelo de jogo bem como dos modelos de treino e, consequentemente, de observação e análise diz respeito;
- Para a observação de selecções adversárias a procura de informações ao nível de jogos realizados, potenciais seleccionáveis e respectiva recolha de dados, procura de arranjar o maior número de jogos, da respectiva geração de jogadores, parecem ser aspectos vitais na procura de verificação de possíveis padrões ou rotinas de jogo cuja valorização terá de ser gerida em termos dos diferentes modelos por parte do Seleccionador.

O contexto de selecção, no âmbito do treino desportivo de alto rendimento em futebol, apresenta-se como variável, aleatório e transitório, tal como não poderia deixar de ser. É, assim sendo, um desafio por excelência para profissionais, que nele intervêm, e investigadores, que dele fazem objecto de estudo, no sentido de melhor o compreenderem e, consequentemente, aí melhor actuarem.

Bibliografia

Besson, R., Poli, R. & Ravenel, L. (2010). Demographic study of footballers in Europe. *CIES*.

Besson, R., Poli, R. & Ravenel, L. (2011). Demographic study of footballers in Europe. *CIES*.

Besson, R., Poli, R. & Ravenel, L. (2012). Demographic study of footballers in Europe. *CIES*.

Besson, R., Poli, R. & Ravenel, L. (2013). Demographic study of footballers in Europe. *CIES*.

Besson, R., Poli, R. & Ravenel, L. (2014). Demographic study of footballers in Europe. *CIES*.

Armatas, V. & Yiannakos, A. (2010). Analysis and evaluation of goals scored in 2006 World Cup. *Journal of Sport and Health Research*, 2(2), 119-128.

Armatas, V. & Yiannakos, A. & Sileloglou, P. (2007). Relationship between time and goal scoring in soccer games: analysis of three world cups. *International Journal of Performance Analysis in Sport*, 7(2), 48-58.

Castelo, J. (1994). *Futebol - modelo técnico-tático do jogo*. Lisboa: Edições FMH, UTL

Castelo, J. (2002). *O exercício de treino desportivo*. Lisboa: Edições FMH, UTL

Castelo, J. (2009). *Futebol. Organização dinâmica do jogo* (3ª ed). Lisboa. Edições universitárias Lusófonas.

Castelo, J. (2009). *Futebol. Conceção e organização de 1100 exercícios específicos de treino* (2ªed). Lisboa. Visão e contextos

Castelo, J. (2014) *Futebol. Métodos específicos de treino*. No prelo

Collet, C. (2013). The possession game? A comparative analysis of ball retention and team success in European and international football, 2007-2010. *Journal of Sports Sciences*, 31:2, 123-136.

- Del Corral, J., Barros, C.P. & Prieto-Rodríguez, J. (2008). The determinants of soccer player substitutions. *Journal of Sports Economics*, 9(2), 160-172.
- Garganta, J. (2000). *Horizontes e Órbitas no treino dos jogos desportivos*. Porto. Edição do autor FCDEF-UP.
- Garganta, J. (2000). O treino da tática e da estratégia nos jogos desportivos. In J. Garganta (Ed.), *Horizontes e órbitas no treino dos jogos desportivos*. Porto: *Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto*, pp.51-61.
- Garganta, J. (2001). Futebol e Ciência. Ciência e Futebol. *Educación Física y Deportes. Revista Digital*, 40.
- Garganta, J. (2005). Dos constrangimentos da acção à liberdade de inter(acção), para um futebol com pés... e cabeça. In D. Araújo (Ed). *O contexto da decisão - A acção tática no desporto* (pp. 179-190). Lisboa. Visão e contextos.
- Garganta, J., Guilherme, J., Barreira, D., Brito, J. & Rebelo, A. (2013). “Fundamentos e práticas para o ensino e treino do futebol”, in Jogos Desportivos Colectivos: ensinar a jogar, Editora FADEUP (1ª edição). Portugal. pp 199-264.
- Janković, A., Leontijević, B., Pašić, M. & Jelušić, V. (2011). Influence of certain tactical attacking patterns on the result achieved by the teams participants of the 2010 FIFA World Cup in South Africa. *Physical Culture*, 65(1), 34-45.
- Lago-Peñas, C. & Lago-Ballesteros, J. (2011). Game location and team quality effects on performance profiles in professional soccer. *Journal of Sports Science and Medicine*, 10, 465-471.
- Lago-Peñas, C., Lago-Ballesteros, J., Delal, A. & Gómez, M. (2010). Game-related statistics that discriminated winning, drawing and losing teams from the Spanish soccer league. *Journal of Sports Science and Medicine*, 9, 288-293.
- Lago, C. & Martín, R. (2007). Determinants of possession of the ball in soccer. *Journal of Sports Sciences*, 25:9, 969-974.

- Munroe-Chandler, K.J. (2005). A Discussion on Qualitative Research in Physical Activity. *Athletic Insight*, 7(1), 67-81.
- Pain, M.A. & Harwood, C. (2007). The performance environment of the England youth soccer teams. *Journal of Sports Sciences*, 25:12, 1307-1324.
- Pitney, W.A. & Parker, J. (2002). Qualitative Research Applications in Athletic Training. *Journal of Athletic Training*, 37(4), 168-173.
- Smith, M. & Cushion, C.J. (2006). An investigation of the in-game behaviours of professional, top-level youth soccer coaches. *Journal of Sports Sciences*, 24:4, 355-366.
- Walsh, C. & Jamison, S. (2009). *The score takes care of itself – my philosophy of leadership* (1ªed). United States of America. Penguin Group.
- Wooden, J. & Jamison, S. (2005). *Wooden on leadership* (1ªed). United States of America. McGraw-Hill.
- Yiannakos, A. & Armatas, V. Evaluation of the goal scoring patterns in European Championship in Portugal 2004. *International Journal of Performance Analysis in Sport*, 6(1), 178-188.